

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

DANIEL REHFELD

**BRENTANO E OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA CONSTITUIÇÃO DA
PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA**

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2006

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

DANIEL REHFELD

**BRENTANO E OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA CONSTITUIÇÃO DA
PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Prof. Dra.
Monica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo

2006

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Mônica, pelo cuidado e atenção durante a realização do trabalho;

Ao Professor Mario A. Gonzalez Porta, pelas inspiradoras aulas, orientações e conversas.

Aos meus pais Ari e Ju, pelo estímulo companheiro;

À minha avó Loli, pelo ajuda sempre presente;

Aos amigos Bruno e Niro, pelos inúmeros cafés sempre repletos de intensas discussões.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

REHFELD, Daniel. **Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.** (Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob a orientação da Prof. Dra. Mônica Helena Tieppo Alves Gianfaldoni), São Paulo: PUC/SP, 2006.

RESUMO

Este trabalho pretende acompanhar os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência conforme apresentados por Franz Brentano. Partindo de uma contextualização do problema da psicologia no século XIX, o trabalho procura acompanhar o movimento exigido no estabelecimento do objeto e método próprios a essa ciência. Seguindo o desenvolvimento da obra “Psicologia do ponto de vista empírico” (1874), na qual esse movimento se evidencia, tem-se um esclarecimento das diferentes dimensões envolvidas no processo de fundamentação desse âmbito de investigação. Através de uma análise das dificuldades presentes no processo de constituição da psicologia enquanto uma ciência autônoma obtém-se uma clareza acerca dos limites desse novo âmbito de investigação que se fundamenta.

Palavras-chave: Brentano; Psicologia Empírica, Percepção Interna, Intencionalidade, Fenômenos Psíquicos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. A SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SÉCULO XIX	10
2.1. BRENTANO: PSICOLOGIA DO PONTO DE VISTA EMPÍRICO	18
3. PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA: CARACTERIZAÇÃO DE SEU ÂMBITO DE INVESTIGAÇÃO	24
3.1. PSICOLOGIA: CIÊNCIA DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS	31
3.2. PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA DO FUTURO	37
4. A QUESTÃO DO MÉTODO	41
4.1. PERCEPÇÃO INTERNA	47
4.1.1. CARÁTER NEGATIVO DA PERCEPÇÃO INTERNA	49
4.1.2. CARACTERÍSTICA POSITIVA DA PERCEPÇÃO INTERNA	55
4.2. O MÉTODO PROPRIAMENTE DITO E SUAS CARACTERÍSTICAS	58
4.2.1. TAREFAS, PROCEDIMENTOS E O CARÁTER DAS LEIS PSICOLÓGICAS.....	63
4.2.2. PSICOLOGIA E FISIOLOGIA	65
4.2.3. PSICOLOGIA E MENSURAÇÃO	71
4.3. APÊNDICE AO CAPÍTULO DO MÉTODO: DISTINÇÃO ENTRE PSICOLOGIA GENÉTICA E PSICOLOGIA DESCRITIVA	78
5. OBJETO DA PSICOLOGIA: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO PSÍQUICO	84
5.1. CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO PSÍQUICO A PARTIR DO PARTICULAR.....	85
5.2. INTENCIONALIDADE: CARACTERIZAÇÃO POSITIVA E GERAL DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS	90
5.3. CARÁTER CONSCIENTE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS	99
5.4. DESENVOLVIMENTO DA CARACTERIZAÇÃO DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS ...	109
5.4.1. UNIDADE DA CONSCIÊNCIA	113
5.4.2. CLASSIFICAÇÃO DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS	117
6. CONCLUSÃO	123
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126

1. INTRODUÇÃO

Há muito tempo a psicologia é considerada uma ciência entre as demais e, como tal, afirmada de forma tão decidida e certa que o questionamento desta sua atual posição é imediatamente tachado como absurdo ou desnecessário¹. A ciência psicológica tornou-se algo “evidente”. Afinal, como não reconhecer os ganhos e desenvolvimentos desta ciência, como não reconhecer sua eficácia?² No entanto, esta “certeza” e “evidência” têm sob si um solo cuja estabilidade depende radicalmente de compreensões e fundamentações; pois se hoje a crença na possibilidade de investigação de fenômenos psicológicos se mostra assegurada, isto só se dá graças a uma fundamentação deste âmbito enquanto passível de uma investigação científica. Na medida em que esta “evidência” se torna uma segurança que ignora ou não questiona seus pressupostos, perdem-se de vista os problemas fundamentais que a própria ciência porta, ou melhor, é.

Embora jovem e incerta de seus limites, a psicologia não obteve um lugar de pouca importância em seus anos de existência. Central na tarefa de fundamentação do conhecimento e posteriormente no trato de patologias, ela trazia muitos enigmas e possibilidades, reorganizando as condições gerais do saber. Talvez graças à fusão de sua longa história de meditação e da intensidade com a qual o seu surgimento enquanto investigação científica se deu, que as esperanças e o investimento tenham sido tão fortemente sobre ela depositados.

¹ Isto certamente não significa que não haja, por um lado, um grande número de trabalhos que persistem na busca de uma fundamentação da prática psicológica e ainda um certo descrédito em relação à sua atuação, por outro. No entanto, seu estatuto científico dificilmente é questionado. Com o êxito no desenvolvimento da psicologia experimental e da psicanálise, a cientificidade da psicologia angaria uma solidez dificilmente abalável. Se ainda a psicologia clássica podia ser considerada “parente pobre na grande família dos servidores da ciência”, segundo a expressão de Politzer, isto se altera radicalmente com a psicanálise, que permite “possuir um saber psicológico aplicável” (Politzer, 1998, p. 100).

² É certo que diante da comparação com as demais ciências como a física e a química, os “fatos” descobertos pela psicologia são poucos. Porém o valor e o significado de cada descoberta feita pela psicologia são sempre ultra-inflacionados devido às expectativas depositadas sobre esta ciência. Seja pelas ambições de uma ciência que trate daquilo que mais diz respeito ao homem (justificativa dada por ex. por Brentano), seja pelo desejo de fundamentar toda as operações lógicas (por ex. J. St. Mill), ou pela pretensão de sistematização do conhecimento e busca do “encontro da ciência e a vida” (Koffka e a psicologia da Gestalt), à psicologia é agregada uma tarefa central no reino do conhecimento.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Entretanto, se a inauguração deste âmbito de investigação científica tem uma breve história, as questões que constituem seu cerne são motivo de espanto e indagação muito anteriores a sua “cientificização”. Noções como alma, sensação, fenômeno e representação participam das formulações filosóficas seculares e sua utilização pela psicologia moderna não é, de forma alguma, delas independente ou desvinculada. Muito pelo contrário, toda a tarefa de constituição de uma psicologia científica depende de uma apropriação dessa herança filosófica, porém de tal modo que não permaneça a ela inteiramente subordinada. A fundamentação de uma psicologia científica depende, sobretudo, de uma consolidação de um âmbito próprio e autônomo de investigação.

Dentre as várias tentativas de fundamentação de uma psicologia científica, ao longo do século XIX, encontra-se aquela realizada pelo filósofo alemão Franz Brentano. O objetivo de sua obra mais famosa, *Psychologie vom empirischen Standpunkt* (1874)³, é, precisamente, o de constituir uma psicologia enquanto ciência autônoma. Vinculado aos ideais positivistas de ciência, esse empreendimento tem como tarefa indicar qual o objeto e o método próprios a esta ciência, de forma a legitimar essa investigação. Determinar de maneira rigorosa qual é o domínio psicológico; indicar a fonte empírica para o conhecimento do ‘psíquico’; assinalar a possibilidade de uma investigação sistemática desse domínio; evidenciar a autonomia de sua investigação: essas são as tarefas que Brentano tem de realizar na fundamentação de uma psicologia que se pretenda científica.

Segundo o autor de *Psychologie*, a psicologia – assim com todas as demais ciências e a filosofia – deveria empregar o método das *Naturwissenschaften*. Faz parte de seu programa de combate à psicologia especulativa e à filosofia idealista (Kant, Hegel, Schelling) constituir uma psicologia metodologicamente baseada nas ciências da natureza. Imbuído na filosofia positiva, o seu projeto de uma psicologia empírica tem como modelo uma síntese entre o empirismo aristotélico e uma concepção cartesiana de conhecimento científico. Essa confluência do empirismo científico e da filosofia da

³ Psicologia do ponto de vista empírico. Esta obra será referida em nosso trabalho pelo título *Psychologie*. As citações são indicadas pela abreviatura (PES), referente à edição alemã ou (PES-E), referente à tradução inglesa. As citações mais relevantes e aquelas que oferecem alguma complicação de tradução serão acompanhadas do original em nota de rodapé. Todas as traduções são de nossa responsabilidade.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

evidência tornará a psicologia brentaniana uma ciência empírica capaz de universalização do conhecimento.

Diretamente influenciado pela concepção de Comte acerca do progresso científico, Brentano, na época da *Psychologie*, situa a psicologia no topo da cadeia das ciências, como sendo aquela ciência que investiga os fenômenos mais complexos e dependentes. Porém, já na obra de 1874 a psicologia possui uma ambivalência que se exprime na pretensão de que esta ciência fundamente outras áreas do saber como a lógica, além de que seja “*a condição fundamental do progresso da humanidade, precisamente naquilo que constitui sua dignidade*” (PES, p. 30). Esse estatuto duplo da psicologia em 1874 é o sinal da gestação, em processo, daquilo que será a distinção entre psicologia descritiva e psicologia genética⁴.

A proposta de uma psicologia empírica, isto é, cuja fonte de conhecimento seja sempre a experiência, enfrenta grandes obstáculos que, embora dificultem sua realização, na medida em que são transpostos, fortalecem a própria constituição dessa ciência. Os obstáculos são, ora referentes ao método (como, por exemplo, a impossibilidade de uma introspecção ou o a imprecisão das leis psicológicas), ora referentes à caracterização de seu objeto de investigação (como, por exemplo, a dificuldade de determinação dos fenômenos da fantasia ou de determinação da carência de extensão e caráter espacial dos fenômenos psíquicos). O trabalho de Brentano na *Psychologie* não é, portanto, o de elaborar e precisar métodos para a psicologia, mas, sobretudo o de fundamentar a possibilidade de uma psicologia enquanto ciência; ou seja, a *Psicologia do ponto de vista Empírico*, trata, antes de tudo, do “*‘ser ou não ser da ciência [psicológica]’*” (PES, p. 79).

Todo o processo de constituição de uma psicologia caminha em direção à determinação do domínio psicológico. A existência da psicologia depende, antes de qualquer coisa, de uma caracterização distintiva daquilo que é o psíquico (objeto) e de uma indicação clara de como se tem acesso a esse (método). Na *Psychologie*, o movimento exigido na fundamentação da psicologia fica claramente manifesto, evidenciando a relação intrínseca entre objeto e método. Partindo de uma conceituação da

⁴ Distinção posterior à *Psychologie*, exposta de maneira clara nos cursos sobre a psicologia descritiva de 1887-1891. Cf. o apêndice cap. 4.3.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

própria psicologia, Brentano realiza uma caracterização prévia de seu domínio e, conseqüentemente, de seu objeto. Em seguida, ele investiga o acesso que se tem a esse domínio. Por fim, a partir da própria especificação do acesso ao domínio psíquico, ele pode, com segurança, caracterizar distintamente o objeto ao qual se volta a investigação psicológica. Objeto e método estabelecidos, a psicologia ganha contornos nítidos, constituindo-se como um ramo de conhecimento científico.

O objetivo de nosso trabalho é compreender este percurso de constituição da psicologia científica, conforme nos apresenta Brentano. O trabalho se divide em quatro principais etapas: a contextualização do problema da psicologia no século XIX; a caracterização do âmbito de investigação da psicologia; a questão do método; e a caracterização do objeto da investigação psicológica.

A primeira etapa deverá esclarecer quais as particularidades do contexto em que a proposta de uma psicologia empírica surge. Serão enfatizadas a referência que a psicologia vai buscar nas *Naturwissenschaften*, as dificuldades gerais daí resultantes, além das influências principais na psicologia de Brentano. A segunda etapa é destinada a acompanhar os problemas de uma primeira caracterização do domínio da psicologia. A partir de uma conceituação da psicologia, método e objeto poderão ser delimitados. A terceira etapa se detém na questão do método empregado pela psicologia. A fundamentação do método permitirá uma rigorosa caracterização do objeto da investigação psicológica, cujas particularidades serão abordadas na quarta etapa.

Se há hoje alguma “evidência” em relação à possibilidade de investigação de fenômenos psicológicos, ela certamente não é conseqüência de um estado de coisas natural. A possibilidade de uma investigação dos fenômenos mentais é resultado de uma particular fundamentação desse âmbito. A fundamentação da psicologia proposta por Brentano, cujos desenvolvimentos levarão, por exemplo, à fenomenologia de Husserl e à psicologia da Gestalt de Wertheimer, se detém em questões basilares que permanecem constituintes da atualmente chamada “psicologia”.

2. A SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SÉC. XIX

A psicologia do século XIX herdou da Aufklärung a preocupação de alinhar-se com as ciências da natureza e de encontrar no homem o prolongamento das leis que regem os fenômenos naturais. Determinação de relações quantitativas, elaboração de leis que se apresentam como funções matemáticas, colocação de hipóteses explicativas, esforços através dos quais a psicologia tenta aplicar, não sem sacrifício, uma metodologia que os lógicos acreditaram descobrir na gênese e no desenvolvimento das ciências da natureza. Ora, foi o destino desta psicologia, que se queria conhecimento positivo, apoiar-se sempre sobre dois postulados filosóficos: que a verdade do homem está exaurida em seu ser natural, e que o caminho de todo o conhecimento científico deve passar pela determinação de relações quantitativas, pela construção de hipóteses e pela verificação experimental. (Foucault, 1957/2002, pág. 133).

Este texto escrito por M. Foucault para uma história da psicologia nos apresenta dois aspectos centrais deste período no qual a psicologia inicia seu processo de tornar-se uma ciência autônoma. Em primeiro lugar, este alinhamento como as *Naturwissenschaften* e sua metodologia e procedimentos de quantificação e explicação. Em segundo lugar, a curiosa pretensão de uma tal ciência da natureza, “que se queria conhecimento positivo”, partir de pressuposições oriundas da filosofia que estão fadadas, devido à busca do ideal de rigor e exatidão, a ser renunciadas. Esta paradoxal situação da psicologia no século XIX é, por um lado, o próprio indício de sua emancipação em relação às interrogações metafísicas e, por outro, insígnia de seu destino de constantes reformulações.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Uma apresentação desta tortuosa empreitada científica e de seus principais fundamentos nos fornece Friedrich Albert Lange⁵, em seu livro *Geschichte des Materialismus* (1866). Em um capítulo dedicado à psicologia enquanto ciência da natureza (“*Die naturwissenschaftliche Psychologie*”) o autor nos retrata de maneira crítica e até irônica as contradições e mesmo ilusões que resultaram desta tentativa. Os vários sistemas e formulações que pretenderam fundamentar esta posição científica para uma psicologia, no entanto, indicam a força com que estas idéias dominaram os espíritos europeus durante o século XIX. Alguns pontos desta análise feita por Lange podem nos servir para clarificar este período de forte desenvolvimento das *Naturwissenschaften*.

Uma das principais forças que alimentaram a evolução de ciências precisas e explicativas foi a difícil tarefa de se afastar das especulações metafísicas que até então dominavam o terreno da filosofia⁶. E, no entanto, esta se parece uma missão ainda mais difícil para uma ciência chamada psicologia. Afinal, além deste conceito “psicologia” não ser claramente delimitado, também aparenta manter uma dependência a noções caras à metafísica como a de alma:

Antes de tudo, deve-se mencionar que o conceito de psicologia só pode ser um conceito fixamente delimitado e inteiramente claro para os escolásticos ou para os pedantes ignorantes. De fato, alguns abeis e sagazes homens começaram suas supostas

⁵ Lange, em seu famoso livro ‘História do Materialismo’, nos oferece (na segunda parte do livro) uma intensa caracterização desse período de florescimento das *Naturwissenschaften*. Em sua história detalhada e crítica do materialismo, Lange aponta as dificuldades epistemológicas de um ‘materialismo’ – que se apresenta como uma máxima das construções teóricas das ciências da natureza –, em grande parte fazendo referência constante aos resultados das obras de fisiologia e psicologia. Suas colocações, às vezes carregadas de ironia, nos fornecem um retrato crítico das ambições do século XIX, realizado no auge do processo de desenvolvimento das *Naturwissenschaften*.

⁶ Em seu trabalho sobre Brentano, Reimherr expõe de maneira clara este movimento de renovação da filosofia para ocupar o “vácuo” deixado pelo declínio dos sistemas especulativos idealistas: “O século XIX foi cunhado pelo veloz desenvolvimento das ciências da natureza. A isto é ligado, em especial na Áustria, uma tendência da filosofia que tinha por meta trazer emprego de métodos científicos, livre de especulação metafísica. Junto a isso se encontra a tentativa de examinar sistematicamente os fenômenos do espírito com métodos científicos. Esta é a Fundamentação da psicologia enquanto disciplina autônoma. Objeto da investigação não é mais a alma enquanto entidade metafísica, mas o espírito, no sentido de estados psíquicos”. (“Geprägt war das 19. Jahrhundert auch durch die rasante Entwicklung der *Naturwissenschaften*. Damit verbunden ist insbesondere in Österreich eine Richtung der Philosophie, die es sich zum Ziel setzt, frei von metaphysischer Spekulation wissenschaftliche Methoden zur Anwendung zur bringen. Damit steht auch der Versuch in Verbindung, die geistigen Phänomene systematisch mit wissenschaftlichen Methoden zu ergründen. Dies ist die Begründung der Psychologie als eigener Disziplin. Nicht mehr die Seele als metaphysische Entität ist Objekt der Untersuchung, sondern der Geist im Sinne von psychischen Zuständen”. (Andrea Reimherr, 2005, p. 12).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

investigações científicas com uma secção ‘A essência da alma’; mas isto é, pois, apenas uma repercussão da vazia escolástica metafísica, se eles imaginavam que conseguiriam ganhar dessa forma uma base segura para a investigação⁷ (Lange, 1866, pág. 468).

Se, porém, os primeiros a propor uma psicologia enquanto ciência da natureza ainda se encontravam sobre a poderosa influência do “turbilhão metafísico” (Lange), suas obras constituíam, contudo, um primeiro passo na história da psicologia científica e um início da transição em direção a uma ciência livre da metafísica. Muito do que foi realizado em nome da psicologia, a partir de então, tem suas raízes nestas primeiras tentativas e elaborações, o que justifica uma melhor apreciação destes empreendimentos.

Ao se falar em psicologia enquanto ciência, o nome de Johann Friedrich Herbart tem um lugar privilegiado, principalmente na história da filosofia e psicologia alemã. Conforme escreve Lange, “... a escola de Herbart constitui, para a Alemanha, um membro importante da época de transição, embora aqui a ciência esteja somente começando de maneira árdua a se libertar da metafísica”⁸ (Lange, 1866, pág. 473).

Sua obra fora considerada por muitos de seus sucessores como uma grande contribuição, chegando a compará-la às descobertas de Copérnico e Kepler; enquanto estes teriam conhecido profundamente o mundo dos corpos celestes, aquele o teria feito em relação ao ‘mundo das representações’ (Welt der Vorstellungen). Seja esta comparação um exagero ou não, ela indica um verdadeiro movimento que a psicologia assumiu no processo de se tornar uma ciência tão precisa e segura como a física e a matemática⁹. Isso se torna evidente no título completo de uma importante obra de Herbart, “*Psychologie als Wissenschaft, neu gegründet auf Erfahrung, Metaphysik und*

⁷ “Vor allen Dingen ist zu erwähnen, daß der Begriff der Psychologie nur für den Scholastiker oder den unwissenden Pedanten ein ganz festbegrenzter und vollständig klarer sein kann. Es haben zwar recht wackre und scharfsinnige Männer ihre angeblich naturwissenschaftlichen Untersuchungen mit einem Abschnitt vom ‘Wesen der Seele’ begonnen; aber das ist dann eben eine Nachwirkung der hohlen scholastischen Metaphysik, wenn sie sich einbildeten, in dieser Weise eine sichere Grundlage der Untersuchung gewinnen zu können”.

⁸ “...bildet die Schule Hebart's für Deutschland ein wichtiges Glied der Übergangsepoche, obwohl sich hier die Wissenschaft erst mühsam von der Metaphysik loszuringen beginnt”.

⁹ Nas palavras de Fechner: “To Herbart will always belong the credit not only of having been the first to point out the possibility of a mathematical treatment of these matters, but also of having made the first ingenious attempt to carry out such an enterprise; and everyone since Herbart will in this respect have to be second” (Fechner, 1859/1966, p. xxx).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

Mathematik” (1824-25), indicando, por um lado, a forte ligação que ainda mantinha com a metafísica, e por outro, o esforço de uma nova fundamentação da psicologia na experiência e na matemática.

Encontrar um princípio para uma estática e mecânica das representações; elaborar uma mecânica do espírito (*Mechanik des Geistes*)¹⁰; determinar as leis de relação entre representações; derivar a noção de consciência a partir de um conflito de intensidades das representações: são todos indícios, pois, da pretensão de *observar* no homem aquilo que se observou na natureza e, conseqüentemente, lhe estender as leis obtidas. Precisamente neste ponto, no qual se salienta o método a ser empregado pela psicologia (o mesmo utilizado na investigação dos fenômenos naturais – a observação), há um salto em direção à moderna psicologia. Uma psicologia empírica – embora não experimental, raiz das futuras psicologias experimentais¹¹ –, que se apóia no método da observação, imprime uma separação clara em relação aquela psicologia racional, que pretendia, pura e simplesmente através da reflexão, isto é, sem recorrer à experiência, alcançar um conhecimento objetivo da alma.

Em sua crítica da psicologia racional, Kant indicava que uma psicologia especulativa não passaria de uma ilusão da razão, pois o eu transcendental, sendo condição necessária de todo conhecimento, condição de possibilidade de toda objetividade, jamais poderia ser objeto da experiência interna. À psicologia cabia, a partir de então, apenas o estudo do eu empírico, objeto da experiência interna, e não mais a tarefa de uma teoria do conhecimento. Se, porém, para Kant, isso era motivo para uma redução do valor da psicologia, para a própria psicologia essa crítica foi o impulso necessário para sua posterior constituição enquanto ciência experimental.

A crítica kantiana recaía também em relação à psicologia empírica, que por investigar os fenômenos do sentido interno, estaria impossibilitada de alcançar

¹⁰ Segundo nos informa E. Jones, biógrafo de S. Freud, este teria herdado muitas concepções provindas da psicologia de Herbart, através de seu professor Meynert. A variabilidade da força (*Kraft*) de cada representação e sua qualidade constante, a dinâmica de oposição entre elas, além de outros aspectos, parecem ter exercido forte influência na origem da psicanálise.

¹¹ Herbart fundamenta sua psicologia sobre a experiência, isto não significa necessariamente a utilização do *método* experimental. Diferentemente da física, a psicologia só pode servir-se do cálculo e não da experimentação. A originalidade da obra de G. Fechner será justamente a de combinar o uso da matemática conforme os ensinamentos de Herbart com o uso do experimento conforme empregado por E. H. Weber. (Boring; 1929. pág. 241).

conhecimentos objetivos. Diferente da física, cujos objetos de investigação estão submetidos às duas dimensões, tempo e espaço, a psicologia investigaria fenômenos unicamente temporais, o que constituiria a impossibilidade de aplicação da matemática em seu domínio¹² e, conseqüentemente, sua não cientificidade. Todavia, foi justamente a partir dessa censura que surgiram, em sentido contrário, as várias tentativas, como aquela de Herbart, de aplicação da matemática aos fenômenos mentais, junto com a constante busca de tornar a psicologia uma ciência no mesmo sentido que a física.

Mas se o aparecimento de uma psicologia científica durante o desenvolvimento das *Naturwissenschaften* tem um estímulo principal, ele é certamente o resultado dos inúmeros estudos de fisiologia que se multiplicavam no período. A fisiologia, que havia herdado os seus métodos da física, adquiria seu estatuto científico precisamente por manter estes métodos em seu domínio. Na primeira metade do século XIX a fisiologia ganhava força com as investigações do sistema nervoso e a formulação de leis acerca da variabilidade estrutural e funcional dos nervos motores e sensoriais (Bell e Magendie), assim como a mensuração dos impulsos nervosos (Helmholtz). Nomes de grandes fisiologistas como Johannes Müller na Alemanha, Marshall Hall na Inglaterra e Claude Bernard na França, indicam como esta ciência, cuja influência fora fundamental no surgimento da psicologia científica, havia se alastrado pela Europa no início do século XIX.

Esta importação do conhecimento físico para o corpo humano¹³, isto é, sua combinação com a anatomia, fez com que no centro das investigações estivesse o problema da sensação, assim como os outros elementos básicos que compõem os fenômenos mentais. A investigação psicológica ganhava, a partir daí, um caráter físico-químico¹⁴; sua tarefa era a de organizar os últimos elementos da vida psíquica e submetê-los às leis gerais da associação. Junto à introdução da física (através da fisiologia) na

¹² Conforme será mais adiante explicitado, Kant nega a possibilidade de uma “doutrina empírica da alma (empirische Seelenlehre)” alcançar o status de ciência da natureza principalmente pelo fato de não se poder aplicar a matemática aos “fenômenos do sentido interior”, devido à unidimensionalidade destes. Cf. p. 72.

¹³ Para Helmholtz, por exemplo, a fisiologia não era nada mais do que física aplicada.

¹⁴ Foucault descreve o procedimento característico do ‘modelo físico-químico’: “Os fenômenos do espírito, assim como os fenômenos materiais, exigem duas formas de pesquisa: a primeira tenta, a partir dos fatos, ter acesso às leis mais gerais, segundo o princípio da universalização newtoniana; a segunda, tal como a análise química para os corpos compostos, reduz os fenômenos complexos em elementos simples” (Foucault, 1957/2002, p. 135).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

investigação dos fenômenos psíquicos, importava-se a pretensão de fundamentar a psicologia sobre a matemática, tornando a ciência psicológica uma ciência exata. De tal modo reunidas, a psicologia e a física constituíam a ciência *psicofísica*, tal como conceberam Ernst H. Weber¹⁵ e Gustav Fechner. Como este último escreve em sua obra *Elementos da psicofísica*, “a psicofísica, aparentada à psicologia e à física já pelo nome, deve, por um lado, ser baseada na psicologia e, por outro lado, promete dar à psicologia um fundamento matemático” (Fechner, 1859/1966, p. 10).

A partir de então, as investigações deveriam ser feitas através de experimentos que permitissem a mensuração dos estímulos e das sensações; partindo da relação com a grandeza do estímulo físico se alcançaria uma medida para as ‘grandezas psíquicas’, possibilitando o estabelecimento de leis psicológicas (psicofísicas) precisas¹⁶. A psicofísica era, portanto, a tentativa de estabelecer “uma teoria exata da relação entre o corpo e a mente” (Fechner, 1859/1966, p. xxvii), ou em outras palavras, entre o fenômeno físico (estímulo) e o fenômeno psíquico (sensação).

Tendo a investigação das sensações no núcleo de seus procedimentos, a psicologia experimental exigia uma participação direta de um sujeito da experiência. A tarefa característica da psicologia passava a ser a de investigar “todo o conteúdo da experiência em suas relações com o sujeito e em referência às propriedades que este conteúdo deriva imediatamente do sujeito” (Wundt, 1896/1897, p. 3). O que passa a caracterizar agora a psicologia não é mais uma distinção entre conteúdos internos e externos, mas o fato de que a ela cabe descrever a “*experiência imediata*” (unmittelbare Erfahrung)¹⁷.

¹⁵ O fisiólogo e anatomista Ernst Heinrich Weber, considerado o pai da psicofísica pelo próprio Fechner, teve uma importância singular no desenvolvimento da psicologia experimental, além de no da própria psicofísica. Seus estudos sobre as sensações, em especial as táteis e as visuais, indicavam a possibilidade de realizações de experimentos precisos, sustentados por medições. Segundo escreve Wundt, em sua autobiografia, o título de pai da psicofísica é mais adequado a Fechner, enquanto a Weber caberia o título de pai da psicologia experimental.

¹⁶ “As an exact science psychophysics, like physics, must rest on experience and mathematical connection of those empirical facts that demand a measure of what is experienced or, when such a measure is not available, a search for it. Since the measure of physical magnitudes is already known, the first and main task of this work will be to establish the as yet nonexistent measure of psychic magnitudes...” (Fechner, 1859/1966, p. xxvii).

¹⁷ Wundt considera a definição da psicologia como “ciência da experiência interna” (Wissenschaft der inneren Erfahrung) inadequada, pois “pode causar o mal entendido de que ela se ocuparia de objetos que

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Na introdução da obra *Grundzüge der physiologischen Psychologie* (1873-4), Wundt apresenta a tarefa da psicologia como sendo a de “*explicar a relação dos processos que a observação interna apresenta*”¹⁸ (Wundt, 1874, p. 1). O método dessa psicologia fisiológica (ou experimental)¹⁹ é a introspecção (*Selbstbeobachtung*, *innere Beobachtung*), mas não mais aquela “pura introspecção” que já havia sido tão censurada devido à sua arbitrariedade. Suportada pelo método experimental, a “observação interna” podia ser diligentemente administrada. A união entre os métodos da fisiologia experimental e a introspecção possibilitava a constituição de uma ciência precisa das experiências imediatas.

A psicologia, em Wundt, recebe uma posição de grande importância no conjunto do conhecimento. Em relação às ciências da natureza, ela é tida como ciência suplementar (*ergänzende Wissenschaft*), isto é, somente com a ajuda da psicologia é que se pode compreender um fato da experiência em sua totalidade. Na medida em que investiga a experiência imediata, a psicologia é fundamento (*Grundlage*) das ciências do espírito (*Geistwissenschaften*) – pois o conteúdo dessas são as atividades oriundas das vivências humanas imediatas. E na medida em que a psicologia, enquanto ciência empírica, obtém resultados de extrema importância para a teoria do conhecimento e para a ética, ela é tida, em relação à filosofia, como uma ciência propedêutica (*die vorbereitende empirische Wissenschaft*). (Wundt, 1896/1897, p. 19, 20).

Esse valor atribuído às ciências empíricas em geral traduziam o espírito positivista que tomava conta da Europa durante o século XIX. Restringida aos dados reais da experiência (fenômenos), as ciências se apartavam completamente da metafísica,

são diferentes daqueles da chamada experiência externa” (Wundt, 1896/1897, p. 2). Segundo Wundt as expressões “experiência interna” e “experiência externa” não se referem a diferentes objetos, mas a diferentes pontos de vista (*Gesichtspunkte*). O que caracterizaria a psicologia, diferenciando-a da *Naturwissenschaft*, é o fato dela tratar do “conteúdo imediato de toda experiência” (Wundt, 1896/1897, p. 7). Ao contrário da psicologia, o conhecimento que a *Naturwissenschaft* pretende alcançar é “mediato” ou “conceitual”, pois seu objeto de estudo exige uma abstração dos elementos subjetivos da experiência. (Wundt, 1896/1897, p. 6, 12); “Indem sie [*Wissenschaft der unmittelbar Erfahrung*] äußere und innere Erfahrung nicht als verschiedene Theile, sondern, als verschiedene Betrachtungsweisen einer und derselben Erfahrung auffasst, kann sie eine principielle Verschiedenheit der psychologischen und der naturwissenschaftlichen Methoden nicht zugeben” (Wundt, 1896/1897, p. 11).

¹⁸ “In der Psychologie schaut der Mensch sich selbst gleichsam von innen an und sucht sich den Zusammenhang derjenigen Vorgänge zu erklären, welche ihm diese innere Beobachtung darbietet” (Wundt, 1874, p. 1).

¹⁹ O termo psicologia fisiológica se deve ao uso que a psicologia deve fazer dos métodos experimentais desenvolvidos pela fisiologia. Cf. Wundt, 1874, p. 2, 3; e Wundt, 1896/1897, p. 28, 29.

excluindo de sua investigação a busca das causas últimas. Auguste Comte caracterizava a sua “filosofia positiva” com as seguintes palavras:

O caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a *leis* naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas causas, sejam elas primeiras, sejam finais (Comte, 1830-1842/1869, p. 15).

Embora Comte excluísse a psicologia de seu sistema de filosofia positiva, alegando que “*essa pretensa contemplação direta do espírito por si mesmo é pura ilusão*”²⁰ (Comte, 1830-1842/1869, p. 31), a ciência psicológica não ficou fora do alcance de sua influência; a psicologia tinha de se conformar às exigências do “*estado positivo*”²¹. Assim, apesar de todas as censuras à psicologia, o positivismo imprimiu a esse âmbito do conhecimento as mesmas diretrizes que aos demais âmbitos científicos.

Enfim, se há algo que caracteriza a psicologia no século XIX, haveria de ser a trajetória dessa sua missão de, recusando pressupostos que lhe são exteriores (metafísicos/especulativos), se apropriar de seus próprios contornos. A força com que se realiza esse surgimento da psicologia científica se compreende quando se tem em vista as grandes e nobres tarefas a que essa ciência estava destinada a desempenhar; aquilo que aquela antiga psicologia prometia, esta nova e livre ciência poderia, talvez, alcançar.

²⁰ Cf. p. 52, 53.

²¹ Comte compreendia que o progresso do conhecimento humano se desenvolvia em três estados. O estado teológico, que se caracterizava pela investigação da natureza íntima dos seres, isto é, pela busca das causas últimas e absolutas; o estado metafísico, que se caracteriza, de maneira semelhante ao primeiro, pela busca de um conhecimento absoluto, com a diferença de que “os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas”; e o estado positivo ou científico, que se caracteriza pela renúncia a estes conhecimentos absolutos, e pela preocupação de investigar apenas as leis efetivas (“relações invariáveis de sucessão e similitude”) dos fenômenos. C. Comte, 1830-1842/1869, p. 2

2.1. BRENTANO: PSICOLOGIA DO PONTO DE VISTA EMPÍRICO

Nossa época será celebrada por nela ter-se rejuvenescido a filosofia (Brentano, 1894, 1936, p. 24).

A psicologia empírica proposta por Franz Brentano na *Psychologie* (1874) participa desse período de ascensão da *Naturwissenschaft*; seu esforço de fundamentar uma abordagem científica dos fenômenos psíquicos não pode ser compreendido se tomado isoladamente, sem se fazer referência à missão²² que ele se lhe imputava. O projeto de uma psicologia científica estava completamente enraizado em sua tarefa de reformar a filosofia, que no século XIX se encontrava dominada por dogmas e conhecimentos não evidentes e arbitrários.²³ (Brentano 1894/1936, p. 6).

Com o desenvolvimento acelerado das *Naturwissenschaften* e com o declínio em curso dos sistemas especulativo-idealistas, “a filosofia encontra-se em um tempo de revolução” (Reimherr, 2005, p. 12), em um momento de nova fundamentação. Para Brentano, a tarefa da psicologia será a de dar à filosofia um novo fundamento. Essa necessidade de reformulação da filosofia está de acordo com a concepção que Brentano possuía acerca do desenvolvimento da história da filosofia. Segundo ele a filosofia se desenrolava em quatro fases²⁴: a primeira fase é a de um movimento ascendente, em uma época de vivo interesse puramente teórico; a segunda fase é o início do estágio da decadência, no qual há uma falta de rigor e profundidade nas idéias, além de uma

²² “What even Brentano’s more independent students described as the most impressive fact about his personality and about his teaching was his almost messianic sense of a *mission*” (Spiegelberg, 1960/1984, p. 28). “Brentano made it his philosophical *mission* to reverse the influence of German idealist philosophy in Austria”(Jacquette, 2004, p. 2). O grifo é nosso.

²³ Brentano censurava todas as arbitrariedades da filosofia idealista alemã. Segundo ele, os sistemas de Kant, Fichte, Schelling e Hegel não eram construídos sobre fatos da experiência e careciam de evidência. Brentano chamava essa filosofia de “filosofia de prejuízos”.

²⁴ “Podem-se distinguir [grandes períodos] na investigação filosófica ocidental. Pode-se distinguir em todos os períodos da antiguidade, da idade média e da idade moderna, até a demolição do império espiritual hegeliano, quatro estágios que, em meio a todas as suas diferenças, são, contudo, intimamente aparentados, de forma tal que sua semelhança não pode passar despercebida para uma mente mais atenta ” (Brentano 1894/1936, p. 4).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

falsificação do interesse científico; a terceira fase é aquela em que já não se tem mais segurança em relação ao conhecimento, faz-se “ciência acientífica”; a quarta fase é a resultante do ceticismo da fase anterior, na qual se criam grandes dogmas e se intuem, genialmente, verdades sublimes (Brentano 1894/1936, p. 4-6).

A fase em que a filosofia se encontra na metade do século XIX é a quarta e última da modernidade, uma época de grandes sistemas elaborados através de intuições místicas de espíritos geniais. Nessa fase, em oposição à primeira, “*crê-se saber e não se sabe nada*”, nem o que se sabia no começo (Brentano 1894/1936, p. 6). A revolução que Brentano vislumbra na filosofia é uma renovação do ciclo e, assim, um começo de uma nova primeira fase, uma fase frutífera e “positiva” como foram a de Aristóteles na antiguidade, a de Tomás de Aquino na idade média, e a de Bacon, Descartes, Locke e Leibniz na modernidade (Brentano 1894/1936, p. 31).

Para que a filosofia renasça, ela precisa, antes de tudo, se orientar pelos métodos da *Naturwissenschaft*, isto é, empíricos e positivos, e deve, assim como ela, poder acumular e integrar o conhecimento – exigências que aparecem claramente expressas nas teses de *Habilitation*²⁵, apresentadas em 1866. Mais do que isso, a filosofia deverá se fundamentar em uma ciência, a psicologia, pois é a essa que cabe investigar os fenômenos diretamente ligados ao conhecimento, isto é, é no seu domínio “*que se pode encontrar algo assim como verdade e inverdade*” (Stegmüller, 1977, p. 24). Desde seus estudos sobre Aristóteles, a psicologia tem, para Brentano, um caráter de fundamento para a lógica e para a teoria do conhecimento:

Quais disciplinas podem se aproximar mais do que a lógica e aquela parte da psicologia da qual falamos? Toda lógica que se aprofunda [Jede tiefer gehende Logik] deve descer [hinabdringen] ao âmbito da psicologia, e não há nenhuma outra razão pela qual a lógica se definiu e se tornou infrutífera em certas

²⁵ Brentano apresenta 25 teses no seu trabalho de 1866 que esclarecem sua concepção de ciência. A IVª tese, que afirma que o verdadeiro método da filosofia é o mesmo que o das *Naturwissenschaften*, discutiremos no capítulo sobre a questão do método. A Iª tese apresenta, de imediato, uma reprovação de toda a filosofia especulativa (alemã): “A filosofia deve negar que as ciências podem ser divididas em especulativa e exata; se a negação fosse incorreta, então a própria filosofia não teria direito de existir”. Outra exigência para a filosofia e as ciências é a de que todo o conhecimento deve ser provindo da experiência, conforme aparece na tese XIII: “Nada está no intelecto, sem que tenha estado previamente nos sentidos, exceto o próprio intelecto” (Brentano *apud* Reimherr, 2005, p. 28-32).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

époças, senão porque ela não afundou suas raízes no solo da psicologia e lá sugou o alimento da vida²⁶ (Brentano, 1867, p. 1).

É principalmente a partir de Aristóteles que Brentano extrai o modelo de uma investigação que segue métodos positivos²⁷. Seu retorno a Aristóteles é uma clara demonstração de seu distanciamento das filosofias especulativas. Segundo Jacquette “a sua escolha de Aristóteles como figura de estudo no clima pós-kantiano do idealismo alemão da época é significativa, refletindo seu interesse em uma filosofia empírica e cientificamente orientada, em contraste com a tradição de Hegel, Fichte e Schelling” (2004, p. 21). Brentano reconhece sua dívida com o estagirita:

Certamente, não é toda a doutrina da sabedoria de Aristóteles hoje sustentável, e algumas partes parecem completamente ultrapassadas. Todavia, estou convencido de que se ela for corretamente compreendida, pode-se, através de seu estudo, ainda hoje verdadeiramente progredir. Somente cumpro uma obrigação de agradecimento [Dankespflicht] ao reconhecer que quando jovem, ao começar a me ocupar com filosofia, em uma época do mais profundo declínio, eu tenha sido introduzido, por nenhum outro professor além de Aristóteles, em uma maneira correspondente de investigação²⁸ (Brentano *apud* Reimherr, 2005, p. 24).

Não é, porém, apenas a partir de Aristóteles que Brentano encontra a necessidade de pensar a ciência psicológica. Antes de abordarmos diretamente a *Psicologia do ponto de vista Empírico* é importante que ressaltemos outras importantes influências que participam da sua proposta de fundamentação de uma ciência psicológica. Essas influências são oriundas de outros representantes da fase ascendente da história da filosofia: Descartes, Comte e os empiristas ingleses.

²⁶ “Welche Disciplinen aber dürften sich näher stehen als die Logik und jener Theil der Psychologie, von dem wir sprechen? Jede tiefer gehende Logik muss in ihr Gebiet hinab dringen, und kein anderer Grund ist wesshalb die Logik zu gewissen Zeiten unfruchtbar geworden und verkümmert ist, als weil sie ihre Wurzeln nicht in den Boden der Psychologie gesenkt und dort die Nahrung des Lebens gesogen hat”.

²⁷ “Hoje, sobretudo, é em Aristóteles onde se tem de aprender muitas coisas” (Brentano, 1894/1936, p. 27).

²⁸ “Gewiß ist die Weisheitslehre des Aristoteles heute als Ganzes unhaltbar, und manche Teile erscheinen als vollständig überlebt. Dennoch bin ich überzeugt, daß man, wenn man sie richtig auffaßt, noch gegenwärtig durch ihr Studium wahrhaft gefördert werden kann; wie ich denn selbst nur eine Dankespflicht erfülle, wenn ich bekenne, daß als ich mich als Jüngling in einer Zeit tiefsten Verfalls mit der Philosophie zu beschäftigen begann, ich durch keinen Lehrer mehr als durch Aristoteles in eine entsprechende Forschungsweise eingeführt worden bin.”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Brentano reconhece na filosofia racionalista de Descartes sinais claros da fase ascendente da filosofia. Alguns aspectos da filosofia cartesiana se revelam presentes na psicologia de Brentano. Por exemplo, “*a distinção entre fenômenos da percepção interna e objetos da percepção externa pode ser considerada como análoga à distinção cartesiana entre res cogitans e res extensa*” (Volpi *apud* Reimherr, 2005, p. 26). Assim como em Descartes, o ponto de partida da investigação psicológica brentaniana é a evidência dos fenômenos psíquicos. Mas a relação mais imediata que Brentano mantém com a filosofia cartesiana é a exigência de emprego dos métodos das ciências da natureza na psicologia, tendo o objetivo de elevá-la à condição de ciência.

Em Comte Brentano encontra uma concepção de filosofia científica que recusa conhecimentos absolutos e restringe a investigação apenas àquilo que é acessível, isto é, aos fenômenos. A filosofia positiva atrai Brentano principalmente pela sua crítica à metafísica e aos sistemas filosófico-teológicos que insistiam na busca de causas primeiras e últimas. A concepção que Brentano tem do desenvolvimento da história da filosofia tem uma manifesta influência da lei comteana dos três estados. “*Assim como em Comte, para Brentano a fase positiva é aquela em que é possível um conhecimento real*” (Reimherr, 2005, p. 25).

A influência do empirismo inglês (Hume, Locke e John Stuart Mill) também é perceptível na psicologia de Brentano. “*O ‘subjective turn’ de Hume tem um papel importante na psicologia de Brentano. Os objetos são investigados em sua relação ao significado que tem para nós, na relação que mantém conosco*” (Reimherr, 2005, p. 26). Assim como Hume, Brentano também negava a existência de um mundo semelhante ao mundo da experiência do senso comum (Smith, 1994, p. 28). Mesmo havendo uma inclinação para se admitir a realidade externa, a investigação psicológica não poderia rigorosamente prová-la. Mas a influência imediata do empirismo dos ingleses na obra de Brentano é, certamente, a de que o conhecimento deve ser sempre obtido através de fatos da experiência²⁹.

²⁹ Reimherr ressalta haver no empirismo algumas raízes daquilo que Brentano chama de intencionalidade. “*Die Grundlage der Begriffe ist aber immer die Erfahrung, bzw. das Erleben. Dabei ist ein wesentliches Merkmal des Bewusstseins, dass es immer auf etwas gerichtet ist, etwas zum Gegenstand hat. Auch hier, wie bei Aristoteles, auf den Brentano sich bezieht, ist also in Ansätzen das zu finden, was Brentano als Intentionalität bezeichnet*” (2005, p. 27).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

A presença de John Stuart Mill também é evidente na obra de Brentano. Em Mill Brentano encontrou uma continuação do empirismo inglês clássico com a inclusão de alguns aspectos positivistas (Reimherr, 2005, p. 27). Além das várias referências ao filósofo inglês, há uma clara influência do *System of Logic* no modo pelo qual Brentano concebe o método da psicologia. É a partir das análises de Mill sobre os tipos de indução e dedução que Brentano formula os procedimentos do psicólogo e o caráter das leis que esse pode obter.

Nesses filósofos Brentano encontra indicações para um novo modo de proceder que garantirá frutos futuros:

Voltemos, pois, a fontes autênticas e mais claras! Acolhamos os estímulos procedentes de fases ascendentes; encontraremos neles prefácios adequados. E encontraremos também aquele método são que nos fará possível avançar com êxito (Brentano 1894/1936, p. 27).

O objetivo da *Psicologia do ponto de vista Empírico* de 1874 não é ser um compêndio de psicologia. Seu escopo primeiro é o de estabelecer uma investigação psicológica do ponto de vista empírico, isto é, a partir da experiência que se tem dos fenômenos psicológicos e, conseqüentemente, o de fundamentar cientificamente esse domínio.

“Nenhum ramo do saber trouxe menos frutos para a natureza e para a vida, e, no entanto, nenhum carrega maior promessa de satisfazer nossas necessidades mais essenciais”³⁰ (PES, p. 5). É assim que Brentano apresenta, logo no início de sua *Psychologie*, a condição da psicologia frente aos demais ramos do conhecimento, ressaltando a ambivalência que habita a base desta polêmica investigação. Pois, se por um lado ela é perseguida por grande desdém, por outro ela ocupa, para alguns, um lugar de grande valor e força no campo do conhecimento; para estes “o reino da verdade pareceria como pobre e não digno de consideração se não incluísse como parte sua este âmbito do saber” (PES, p. 5). Mais do que isso: se haveria algum mérito nas demais ciências este seria devido à preparação e à condução a este saber:

³⁰ “Kein Zweig des Wissens hat geringere Früchte für Natur und Leben getragen, und keiner ist, von welchem wesentlichere Bedürfnisse ihre Befriedigung hofen”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

As outras Ciências são, de fato, a infra-estrutura; esta se iguala a coroação final. Todas a preparam e de todas ela depende. Mas sobre todas elas deve novamente executar a mais poderosa reação. Ela deve renovar toda a vida da humanidade, acelerar e assegurar o progresso³¹ (PES, p. 5).

Conforme Brentano nos mostra, apesar de algum descrédito por parte de alguns, as esperanças depositadas neste novo âmbito de investigação não são poucas e nem simplesmente adicionadas ao conjunto do saber. O que se deseja obter com a psicologia é, mais do que uma “*base para sociedade e para seus bens mais nobres*” (PES, p. 5), uma reorientação e uma nova fundamentação para as demais ciências, uma dignificação de todo o conhecimento.

Essas esperanças são também as de Brentano que, como havíamos dito, confiava à psicologia a missão de restabelecer uma filosofia científica, dando novas bases à investigação do conhecimento. Assim, a ainda imatura psicologia carrega as sementes de muitos frutos futuros:

Há inícios de uma psicologia científica. Embora não aparentes em si mesmos, eles são sinais seguros da possibilidade de um pleno desenvolvimento que trará, algum dia, mesmo que apenas a gerações posteriores, frutos abundantes (PES, p. 4).

A importância de uma investigação psicológica é tematizada na primeira parte da *Psychologie*, na qual Brentano conceitua a psicologia, realizando um primeiro recorte desse âmbito de investigação. Todo o desenvolvimento da obra de 1874 caminha em direção a uma plena caracterização desse domínio e da investigação a ele dedicada. Entraremos agora na primeira parte desse caminho.

³¹ “Andere Wissenschaften sind in der Tat der Unterbau; diese gleicht dem krönenden Abschlusse. Alle bereiten sie vor; von allen hängt sie ab. Aber auf alle soll sie wieder ihrerseits die kräftigste Rückwirkung üben. Das ganze Leben der Menschheit soll sie erneuern; den Fortschritt beschleunigen und sichern.” E prossegue, “Und wenn sie darum einerseits wie die Zinne am turmartigen Gebäude der Wissenschaft erscheint, so hat sie andererseits die Aufgabe, Grundlage der Gesellschaft und ihrer edelsten Güter, und somit auch Grundlage aller bestrebungen der Forscher zu werden”.

3. PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA: CARACTERIZAÇÃO DO SEU ÂMBITO DE INVESTIGAÇÃO

A primeira parte da *Psychologie*³² tem como principal objetivo introduzir a psicologia em seu conceito e sua tarefa. Não se trata, contudo, de uma mera apresentação enumerativa que apenas expõe os passos a serem tomados. Muito pelo contrário, como toda boa introdução, toda problemática a ser desenvolvida é aduzida enquanto tal. Uma introdução ao conceito (Begriff) de psicologia implica, necessariamente, em uma delimitação, mesmo que provisória, do objeto a ser investigado, do método a ser empregado, assim como da relação com as demais áreas do conhecimento. Portanto, uma introdução ao conceito de psicologia comporta todo o problema da constituição da psicologia como uma ciência autônoma.

Assim sendo, a conceituação da psicologia é um passo necessário para uma posterior melhor caracterização de sua própria investigação. Ela fornece uma primeira base a partir da qual se poderá iniciar uma apuração de seus próprios limites. O sentido para o qual se caminha é, pois, o de saber de que a psicologia é ciência, isto é, qual seu objeto de estudo. Brentano, que dedicou muito zelo ao estudo de Aristóteles, tem conhecimento do movimento exigido no estabelecimento de um objeto de investigação. Se por um lado a ciência anseia conhecer um determinado objeto, ela deve, por outro, já conhecer o objeto ao qual voltará sua investigação:

Toda ciência começa, pois, com o esclarecimento de seu objeto. Pois segundo aquele antigo paradoxo muito explorado pelos sofistas, aquele que aspira a um conhecimento deve conhecer aquilo que ele deseja conhecer³³ (Brentano, 1862/1960, p. 3, 4).

O que deseja a psicologia conhecer? A Psicologia é, em sua origem, ciência da alma. Aristóteles é o primeiro a apresentar uma divisão de ramos do conhecimento, sendo

³² Primeira parte: Primeiro capítulo do primeiro livro intitulado: “Sobre conceito e tarefa da ciência psíquica” (“Über Begriff und Aufgabe der psychischen Wissenschaft”)

³³ “Jede Wissenschaft nun beginnt mit einer Erklärung ihres Objektes. Denn nach jenem alten und von den Sophisten ausgebeuteten Paradoxon muß ja ein jeder, der einem Wissen nachstrebt, wissen, was er zu wissen begehrt”.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

uma delas exposta na obra: *Περὶ ψυχῆς*. Aristóteles compreendia a alma como sendo “*a natureza, ou como ele preferia se expressar, a forma, a primeira atividade [erste Wirklichkeit], a primeira actualidade [erste Vollendung] de um ser vivo. Ser vivo ele chamava aquilo que se alimenta, cresce e se reproduz e que atua sentindo e pensando, ou pelo menos seja capaz de um desses poderes*”³⁴ (PES, p. 6). Conforme se evidencia nesta primeira grande obra a ela dedicada, originalmente a psicologia tratava de estabelecer o conceito de alma e, em seguida, discutir as suas características gerais referentes às faculdades vegetativas, sensitivas e intelectivas.

Contudo, este domínio chamado de psicológico foi sendo restringido ao longo de sua história, tendo eliminado de si, por exemplo, as atividades vegetativas. Face à fisiologia, a delimitação de seu objeto também excluiu de seu âmbito de investigação o sistema nervoso e os músculos. Brentano tem clareza de que estes posteriores ajustamentos seguem a natureza da própria coisa e são necessários ao progresso da ciência:

A restrição [do domínio da psicologia] não foi arbitrária. Ao contrário, ela aparece como uma evidente retificação fornecida pela própria natureza da coisa. Pois somente então, quando os mais semelhantes estiverem unidos e os menos semelhantes separados, estarão corretamente traçados os limites das ciências e sua classificação servirá ao progresso do conhecimento³⁵ (PES, p. 7).

Todavia, não são apenas algumas restrições que o chamado âmbito psicológico encontra em sua história. O próprio conceito de alma, assim como o de vida, sofreu inúmeras alterações, senão uma completa aniquilação. Quando se manteve esta noção, ela passava a ter o sentido, propriamente moderno, de um suporte das representações³⁶, uma substância que tem sensações e atos; neste caso parece ainda se justificar uma ciência da

³⁴ Brentano se refere às expressões gregas: φύσις, μορφή, πρώτη ενέργεια, πρώτη ἐντελέχεια (Cf. PES, p. 6). Cf, por exemplo, Aristóteles : *De Anima*, II, 1. §. 5. p. 412, a, 27. Ou p. 414, a, 9.

³⁵ “Die Beschränkung war keine willkürliche. Im Gegensatz, sie erscheint als eine offenbare Berichtigung, geboten durch die Natur der Sache selbst. Denn nur dann sind ja die Grenzlinien der Wissenschaften richtig gezogen, und nur dann ist ihre Einteilung dem Fortschritte der Erkenntnis dienlich, wenn das Verwandtere verbunden, das minder Verwandte getrennt wurde”

³⁶ “A terminologia moderna entende por alma o substancial portador [substantiellen Träger] de representações e outros atributos que têm por base representações e que somente são imediatamente perceptíveis através da percepção interna” (PES, p. 8).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

alma. E de fato, Brentano se mantém de acordo com este sentido modificado de alma, afirmando não parecer haver nada que impeça, a partir desta nova conceituação, a existência de uma ciência a ela dedicada e, conseqüentemente, sua ordenação entre os saberes, mais especificamente sua relação com a metafísica³⁷ e com as *Naturwissenschaften*:

Também nós empregamos a palavra alma neste sentido. E, apesar da alteração da versão [conceito de alma], nada parece nos impedir de, ainda hoje, determinar o conceito de psicologia com as mesmas palavras que Aristóteles uma vez definiu, dizendo ciência da alma. De maneira semelhante à ciência da natureza, que estuda as características e leis dos corpos que se referem à nossa percepção externa, ela [psicologia] parece, pois, ser a ciência que estuda as características e leis da alma, que imediatamente encontramos em nós mesmos através da experiência interna e que inferimos, por analogia, existir em outros³⁸ (PES, p. 8).

Assim determinada, esta ciência da alma conservaria um âmbito próprio para sua investigação, embora uma plena delimitação desta em oposição à ciência da natureza não seja possível³⁹. Isto porque “*como em alhures, também aqui, onde duas ciências se tocam [berühren], não podem faltar perguntas sobre os limites entre a ciência da natureza e a psicológica*”⁴⁰ (PES, p. 9). Percebe-se isto na íntima inter-relação (Wechselbeziehung) que há entre os fatos estudados pelo fisiólogo e aqueles estudados pelo psicólogo; características físicas e psíquicas se encontram a tal ponto ligadas que, “*não somente estados físicos são provocados por outros estados físicos e estados psíquicos por outros*

³⁷ Além da subdivisão dos ramos do conhecimento (Wissenszweige) em *Naturwissenschaft* e *Psychologie*, há o ramo da metafísica, que Brentano afirma ser demonstrável nos dois domínios, tanto o da percepção interna quanto o da percepção externa. Tendo um mais amplo escopo, ela não pertence nem a uma nem a outra.

³⁸ “Auch wir gebrauchen den Namen Seele in diesem Sinne. Und es scheint darum nichts im Wege zu stehen, wenn wir trotz der veränderten Fassung, den Begriff der Psychologie auch heute noch mit den gleichen Worten wie einst Aristoteles bestimmen, indem wir sagen, sie sei die Wissenschaft von der Seele. Ähnlich wie die Naturwissenschaft, welche die Eigentümlichkeiten und Gesetze der Körper, auf die unsere äußere Erfahrung sich bezieht, zu erforschen hat, erscheint dann sie als die Wissenschaft, welche die Eigentümlichkeiten und Gesetze der Seele kennen lehrt, die wir in uns selbst unmittelbar durch innere Erfahrung finden und durch Analogie auch in andern erschließen.”

³⁹ Isto não se pode dizer da psicologia descritiva, quando feita esta distinção. Cf. apêndice, 4.3.

⁴⁰ “Wie anderwärts, wo zwei Wissenschaften sich berühren, so kann es auch hier an Grenzfragen zwischen Natur- und psychischer Wissenschaft nicht fehlen”.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

estados psíquicos, mas também estados físicos tem estados psíquicos e psíquicos estados físicos como consequência” (PES, p. 9).

Brentano cita a tentativa, feita por alguns, de estabelecer uma ciência que tivesse como meta estudar justamente esta interação entre o físico e o psíquico, visando resolver o problema acerca da sua interação e, conseqüentemente, o problema da delimitação entre psicologia e fisiologia. Ele está se referindo, principalmente, a Fechner com sua psicofísica e Wundt com sua psicologia fisiológica. Brentano se pergunta se, pelo contrário, esta suposta nova ciência não aumentaria as dificuldades, exigindo, a partir de então, uma determinação dos limites da psicologia frente à psicofísica e desta frente à fisiologia; pois, por exemplo, tanto o psicólogo como o psicofísico teriam de estudar os elementos primeiros dos fenômenos psíquicos (PES, p. 10).

Segundo Brentano, a dificuldade de uma absoluta demarcação nada mais é do que um sinal da artificialidade das distinções entre ciências, e estes inter cruzamentos entre psicologia e fisiologia “*não serão maiores do que aqueles que, por exemplo, notamos haver entre física e química*” (PES, p. 10). Isto, porém, ele afirma, não deslegitimaria a delimitação entre estas áreas, mas apenas indicaria a necessidade de se pensar cada fato particular, remetendo-os ao campo em que residem as maiores dificuldades e que, portanto, possibilita seu solucionamento. Brentano exemplifica isto da seguinte maneira:

Assim, por exemplo, será definitivamente tarefa do psicólogo averiguar o primeiro fenômeno psíquico provocado por um estímulo, mesmo que ele não puder deixar de, junto a isso, olhar os fatos fisiológicos. E, igualmente, em relação aos movimentos voluntários do corpo, o psicólogo terá de determinar o último e imediato antecedente psíquico de toda a corrente de mudanças físicas a ele ligado. O fisiólogo, em contrapartida, terá a tarefa de investigar as últimas e imediatas causas físicas, embora ele naturalmente tenha que, junto a isso, olhar o fenômeno psíquico. E, da mesma forma, em relação aos movimentos que tenham causas mentais, ele deverá estabelecer, em seu próprio campo, a primeira e próxima causa (PES, p. 11)⁴¹.

⁴¹ “So wird es z. B. jedenfalls Sache des Psychologen sein, die ersten durch physischen Reiz hervorgerufenen psychischen Phänomene zu ermitteln, wenn er auch dabei eines Blickes auf physiologische Tatsachen nicht wird entbehren können. Und ebenso wird er bei der willkürlichen Bewegung des Leibes das letzte und unmittelbare psychische Antecedens für die daran geknüpfte Kette psychischer Veränderungen zu bestimmen haben. Dem Physiologen dagegen wird die Aufgabe zufallen, der letzten und unmittelbaren physischen Ursache der Empfindung nachzuforschen, obwohl er dabei

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Mesmo em relação às chamadas leis fundamentais da psicofísica – que estabelecem uma proporção na relação entre o aumento das causas e conseqüências físicas e psíquicas⁴² – Brentano acredita haver uma parte da investigação que cabe ao fisiólogo e uma outra ao psicólogo. Enquanto o primeiro deve “*determinar a quais diferenças relativas na intensidade [Stärke] do fenômeno físico correspondem as menores diferenças notáveis [merklich] na intensidade dos fenômenos psíquicos (...) o segundo deve investigar qual a relação que estas menores diferenças notáveis mantêm entre si*”⁴³ (PES, p. 11).

Desta forma a psicologia teria, pois, âmbito e tarefa próprios, legitimando sua existência como ciência, e sua posição ao lado das demais ciências. Parece, portanto, não haver problema nesta determinação da psicologia em seu conceito e na sua autonomia de investigação, apesar desta mudança do conceito de alma que está em seu núcleo. Porém, o que ocorre quando se recusa a noção de alma? Pode-se falar ainda em uma psicologia? Uma psicologia sem alma, conforme a expressão de Lange? Este afirma que,

nos poucos fenômenos que até agora se tornaram acessíveis a uma observação precisa, não reside, absolutamente, a menor razão para se supor uma alma em qualquer sentido; e a razão secreta desta suposição jaz, na verdade, sempre somente na tradição ou no silencioso impulso do coração de resistir ao maléfico materialismo⁴⁴ (Lange, 1866, p. 474).

natürlich auch auf die psychische Erscheinung blicken muß. Und wiederum wird von ihm, bei der Bewegung durch psychische Ursachen, die erste und nächste Wirkung auf physiologischem Gebiete festzustellen sein.”

⁴² Cf. p. 15, 73.

⁴³ Brentano censura a conclusão de Wundt, que toma como base a chamada lei fundamental da psicofísica, de que todas as diferenças notáveis são iguais, acusando-a de um argumento circular (Zirkelschluß). O que se pode afirmar com segurança, segundo Brentano, não é que as diferenças notáveis são iguais, mas que elas são igualmente notáveis. Isto implica em uma não aceitação do que Wundt afirma, a saber, que uma tal diferença na intensidade notável seja um valor psíquico de grandeza constante. Cf. PES, p. 11, 12. (Cf. p. 74) Conforme O. Kraus, Brentano fora o primeiro a fazer esta objeção a esta doutrina de Fechner, depois por muitos reconhecida. Fechner mesmo reconhece isso posteriormente em seu escrito “In Sachen der Psychophysik” de 1877.

⁴⁴ “In den wenigen Erscheinungen, welche einer genaueren Beobachtung bisher zugänglich gemacht sind, liegt nicht die mindeste Veranlassung, eine Seele, in irgendwelchem näher bestimmten Sinne, überhaupt anzunehmen, und der versteckte Grund zu dieser Annahme liegt eigentlich immer nur in der Überlieferung oder in dem stillen Drang des Herzens, dem verderblichen Materialismus entgegenzutreten”.

Apesar desta recusa da admissão de uma alma, Lange afirma, porém, não ser isso motivo suficiente para negar à psicologia o estatuto de ciência. Uma vez que couber a esta ciência algo a fazer, isto é, houver alguma investigação possível para si, que não seja do âmbito de uma outra ciência, este nome, psicologia, ainda é empregável:

‘Não se chama, porém, a psicologia de doutrina da alma? Pois, como é pensável uma ciência que deixa em dúvida se ela de fato tem um objeto?’ Ora, aqui temos, novamente, um belo exemplo da confusão entre nome e coisa! Nós temos um nome da tradição para um grande, mas de maneira alguma bem delimitado grupo de fenômenos. Este nome nos foi transmitido de um tempo em que não eram conhecidas as exigências presentes de uma ciência rigorosa. Deve-se rejeitá-lo pelo fato de o objeto da ciência ter se alterado? Isto seria uma pedantice não prática. Então, calmamente assumir uma psicologia sem alma! O nome é, portanto, ainda utilizável, na medida em que houver aqui algo para se fazer que não seja completamente realizado por uma outra ciência ⁴⁵ (Lange, 1866, p. 474).

Assim, Lange, como alguns outros pensadores, legitimam a existência de uma psicologia, mesmo que sem a existência de seu objeto original. A psicologia manteria, portanto, seu nome, mas teria como objeto de investigação um “bem delimitado grupo de fenômenos”, os fenômenos psíquicos. A posição de Brentano diverge da de Lange, embora possua alguns pontos em comum. Brentano jamais negou a existência de uma alma, cujos fenômenos seriam estudados pela psicologia. No entanto, uma vez que a *Psychologie* pretende fundar “uma psicologia no lugar das psicologias” (PES, p. 2), isto é, visa alcançar um consenso nesta fundamentação, ele evitou a utilização de termos com heranças metafísicas⁴⁶, mostrando a não necessidade destas pressuposições na fundamentação de uma investigação psicológica. Brentano “*não quis escrever uma*

⁴⁵ “,Aber heißt denn Psychologie nichte Lehre von der Seele? Wie ist denn eine Wissenschaft denkbar, welche es zweifelhaft läßt, ob sie überhaupt ein Objekt hat?” Nun, da haben wir wieder ein schönes Pröbchen der Verwechslung von Namen und Sache! Wir haben einen überlieferten Namen für eine große, aber keineswegs genau abgegrenzte Gruppe von Erscheinungen. Dieser Name ist überliefert aus einer Zeit, in welcher man die gegenwärtigen Anforderung strenger Wissenschaft noch nicht kannte. Soll man ihn verwerfen, weil das Objekt der Wissenschaft sich geändert hat? Das wäre unpraktische Pedanterei. Also nur ruhig eine Psychologie ohne Seele angenommen! Es ist doch der Name noch brauchbar, solange es hier irgend etwas zu tun gibt, was nicht von einer andern Wissenschaft vollständig mit besorgt wird.”

⁴⁶ Segundo Kraus, “a admissão de um suporte substancial das atividades anímicas não é, segundo a posterior doutrina de Brentano, uma admissão metafísica, isto é, transcendente, pois um representar sem sujeito é uma ficção absurda...” (Kraus, 1924, p. 258).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

psicologia sem alma, como alguns pensam” (Kraus, 1924, p. XCII), mas demonstrar não ser necessária a admissão de uma substância (alma) para esta investigação científica⁴⁷.

Brentano expõe os argumentos que justificam a rejeição desta admissão (Annahme) por parte de alguns pensadores como Lange. Ele escreve:

Se alguém diz que a ciência da natureza é a ciência dos corpos, e por corpo entende uma substância que provoca a representação de fenômenos psíquicos quando atua nos órgãos dos sentidos, então este admite que os fenômenos externos têm como causa substâncias. E se alguém diz que a psicologia é a ciência da alma, e designa com o nome alma o portador substancial dos estados psíquicos, então este exprime a convicção de que os fenômenos psíquicos devem ser vistos como propriedades de uma substância. Mas o que nos autoriza a admissão destas substâncias? – Um objeto da experiência, diz-se, elas não são. Nem a sensação, nem a percepção interna nos mostram uma substância. Como ali [percepção sensorial] encontramos os fenômenos do calor, cor e som, aqui [percepção interna] encontramos os fenômenos do pensar, sentir e querer. Não encontramos [bemerken], porém, uma essência [Wesen], à qual eles se ligam enquanto propriedade (...) Evidentemente [alma-substância] não é, pois, objeto de uma ciência (PES, p. 15, 16).

Esta recusa⁴⁸ de uma ciência da alma por grande parte dos psicólogos modernos tem sua raiz na exigência científica moderna de se manter no positivo, isto é, naquilo que nos é positivamente dado – nos fenômenos. Pois, se não temos experiência de algo como

⁴⁷ A questão da posição de Brentano em relação à admissão de uma alma substancial na época da *Psychologie* é tema controverso. Kraus insiste em que Brentano não teria pretendido escrever uma psicologia à la Lange. B. Smith (1994), ao contrário, afirma que Brentano era cético em relação a esta admissão no período em que escreveu a obra: “Brentano is at the time of the *Psychology from an Empirical Standpoint* in fact sceptical of any such substantial ‘carrier’ or supporting substratum, just as he is sceptical of atomism as regards the outer world” (Smith, p. 46). Não vemos motivo, porém, para se afirmar este ‘ceticismo’ em relação a uma alma por parte do autor de *Psychologie*. Os argumentos que caminham nesta direção e que são apresentados por Brentano estão sempre referidos a terceiros e apenas têm a função de expor a falta de um consenso entre ‘as psicologias’, e, por conseguinte, legitimar a tentativa de uma unificação sobre uma base comum. Além disso, a trajetória das obras de Brentano parece contradizer a opinião apresentada por Smith.

⁴⁸ Brentano não compartilha esta recusa, embora proponha uma psicologia que não exija a admissão de uma substância anímica para além dos fenômenos psíquicos. Segundo uma nota de O. Kraus, Brentano defende a visão de que tanto a sensação quanto a percepção interna nos mostram substâncias. A admissão de propriedades sem sujeito, sem um suporte, é uma “ficção absurda”, nas palavras de Kraus. Mas ele acrescenta: “em uma certa extensão, mesmo no estudo dos fenômenos psíquicos, esta ficção prova não ser deletéria, assim como se pode estudar fenômenos físicos transcendentais do mundo exterior deixando de lado a pergunta pelo seu sujeito. Esta ficção confortável não é apenas não prejudicial, mas também vantajosa [förderlich] na medida em que elimina de um grande âmbito de investigação um ponto controverso em clara extensão” (1924, nota 10, p. 257).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

uma alma, não podemos dizer o mesmo em relação às nossas atividades psíquicas como o pensar, sentir e querer. E se não se define mais a psicologia como ciência da alma, agora ela é definida como ciência dos fenômenos psíquicos (Wissenschaft von den psychischen Phänomenen).

3.1. PSICOLOGIA: CIÊNCIA DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.

A expressão fenômeno psíquico, empregada no conceito moderno de psicologia, é útil, portanto, para delimitar um campo de investigação, sem lançar mão de pressuposições como a de uma alma ou de uma substância que possua as atividades psíquicas como uma propriedade sua. Há, no entanto, um aspecto importante nesta nova definição que exige cautela. A psicologia passa a ser uma ciência que tem como objeto fenômenos. O que devemos entender por fenômeno?

A expressão fenômeno é frequentemente utilizada em oposição àquilo que existe real e verdadeiramente. Em relação aos objetos dos sentidos (cor, som, calor), afirma-se que são meros fenômenos, isto é, mesmo que apontem para objetos que possuem existência real, não existem verdadeiramente fora da sensação (PES, p.13). Locke tentou provar isso através de um experimento: após esfriar uma mão e esquentar a outra, ele mergulhou ambas em uma mesma bacia cheia de água, sentindo calor em uma mão e frio na outra, demonstrando conseqüentemente que nem o calor nem o frio existem realmente na água. Outro exemplo desta não necessária existência real dos objetos dos sentidos é o de que se pode, ao se pressionar o olho, provocar o mesmo fenômeno visual que aquele causado por um raio de luz, procedente de um objeto colorido (PES, p. 13).

Estes exemplos legitimam a dúvida em relação à nossa percepção externa e, por conseguinte, justificam o emprego do termo “fenômeno” no sentido acima explicitado. Brentano nos escreve:

Não temos, portanto, direito de acreditar que os objetos da chamada percepção externa verdadeiramente existam do modo que nos aparecem. De fato, demonstra-se que não existem fora de nós. Eles são, em contraposição ao que real e verdadeiramente é, meros fenômenos (PES, p. 15).

O mesmo, porém, não se pode afirmar em relação à experiência interna. Nada nos faz acreditar que estaríamos cometendo algum erro ao tomarmos como verdadeiro os objetos que nesta experiência se apresentam. Pelo contrário, “*de sua existência nós temos aquele mais claro conhecimento e a mais completa certeza, dados pela apreensão imediata*”⁴⁹ (PES, p. 14). E, portanto, quando referida à experiência interna, a utilização do termo fenômeno não pode ser tomada neste sentido de mero fenômeno, isto é, não verdadeiro, não real.

Em um ensaio de 1869 sobre Auguste Comte e a filosofia positiva, Brentano nos esclarece o que Comte compreendia por este termo, cujo sentido se assemelha à utilização feita pelo próprio Brentano:

Antes de mais nada, no que se refere à expressão ‘fenômeno’, deve-se compreender que Comte não a utiliza no mesmo sentido que Kant. Estaríamos errando se quiséssemos pensar o ‘fenômeno’ de Comte como um φαινόμενον kantiano, um fenômeno atrás do qual estaria oculta, em um esconderijo inacessível, o νοούμενον, a coisa em si. Um indício para isso está no fato de que Comte com frequência utilizava a expressão fato [faits] como sinônimo de fenômeno... (Brentano *apud* Kraus, 1924, p. LXXVII)

Brentano utiliza a expressão fenômeno de maneira análoga à de Comte⁵⁰. Segundo o autor de *Psychologie*, a totalidade do mundo fenomênico se divide em fenômenos físicos e fenômenos psíquicos (PES, p. 109), não havendo nenhuma demais classe além das duas. Brentano não entende por fenômeno psíquico um mero fenômeno, aparência (bloßes Phänomen), que estaria em oposição ao que realmente existe. Pelo contrário, ele compreende a expressão fenômeno (psíquico) no sentido de estado, processo, evento psíquico (PES, p. 15), aquilo de que, portanto, não se tem dúvida acerca

⁴⁹ Brentano prossegue: “Por isso, ninguém pode realmente duvidar de que exista o estado psíquico que ele percebe em si mesmo e de que ele exista assim como ele o percebe. Quem ainda puder disso duvidar terá chegado a uma dúvida absoluta, a um ceticismo, que se auto-destruiria na medida em que destruiria todo ponto firme a partir do qual poderia tentar atacar o conhecimento” (PES, p.14).

⁵⁰ Dieter Münch (1989) dedica um estudo sobre a influência de Comte na obra de Brentano. B. Smith (1994) também escreve sobre esta influência citando o artigo de Münch: “...Brentano had been impressed also by Comte’s critique of metaphysics of transcendent substance and sought, like Comte, a science of ‘phenomena’ or ‘Erscheinungen’, [e prossegue em uma nota], Brentano derived from Comte the methodological view according to which science should concern itself exclusively with ‘phenomena’ and not with any associated ‘metaphysical realities’. (Smith, p. 40/41).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

da real existência – os fenômenos psíquicos (atividades psíquicas: representar, julgar, querer) existem fenomenal e realmente. Diferente é o caso dos fenômenos físicos (cor, som, calor), estes existem meramente como fenômenos, isto é, sua realidade não é reconhecida com evidência, como no caso dos fenômenos psíquicos. Isto será mais elaborado quando se melhor clarificar o objeto da psicologia (fenômeno psíquico) e o das ciências da natureza, o fenômeno físico. Pois muitos cientistas da natureza, que receberam influência das investigações filosóficas, adotaram o termo fenômeno, e com isso passaram a designar sua, anteriormente chamada ‘ciência dos corpos’, agora de ‘ciência dos fenômenos físicos’.

Essa acautelada alteração, porém, “*não restringe em nada o âmbito das ciências da natureza*” (PES, p. 16), pois todos os fatos e leis que a ‘ciência dos corpos’ investigava permanecerão presentes na investigação da ‘ciência dos fenômenos físicos’; as leis de coexistência e sucessão participam desse domínio, assim como faziam na ciência física (dos corpos). Em relação à psicologia, essas leis também valem para os fenômenos que ela investiga. Como afirma Brentano, “*as leis de coexistência e sucessão de fenômenos psíquicos permanecem objeto de investigação, mesmo para aqueles que negam para a psicologia o conhecimento de uma alma*” (PES, p. 17).

Brentano cita o exemplo de J. St. Mill, defensor dessa posição⁵¹, que em sua “*Lógica*” apresentou as tarefas com as quais o psicólogo deveria se ocupar: “*Em geral, a tarefa da psicologia, ele [Mill] indica, é a investigação das leis de sucessão [Aufeinanderfolge] de nossos estados psíquicos, isto é, investigação das leis segundo as quais um desses estados produz o outro*” (PES, p. 17). Segundo Mill, a partir dessas leis gerais, que determinam o aparecimento de uma certa idéia – as chamadas leis de associação de idéias: lei da similaridade, lei da contigüidade e lei da intensidade – deve o psicólogo derivar leis mais particulares e complexas⁵².

Portanto, os fenômenos estudados pela psicologia estão sujeitos a leis semelhantes àquelas que o cientista da natureza investiga em seu domínio. E este domínio do investigador da natureza não sofre restrição alguma, nem quanto aos fatos, nem quanto às

⁵¹ J. St. Mill, “um dos mais significantes representantes da ciência exclusivamente fenomenal”, escreve Brentano. (PES, p. 20).

⁵² Para Brentano a tarefa do psicólogo é muito similar a esta representada por J. St. Mill. Cf. p. 76.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

leis investigadas, por ter se apoderado desse saber filosófico que ‘fenomenaliza’ seu objeto de estudo.

Resumindo, a expressão fenômeno exige cautela quando referida a ambos psíquicos e físicos. Por nos aparecerem, ambos são fenômenos, recebem este nome comum. Mas enquanto o fenômeno físico tem uma existência meramente fenomenal, o fenômeno psíquico tem uma existência fenomenal e real. Esta polissemia do termo fenômeno conduz facilmente a más compreensões e confusões. Por esta razão Kraus (1924, p. LXXVII), em sua introdução à *Psychologie*, afirma que este termo deveria ter sido evitado, mesmo sabendo que Brentano tinha consciência de seus vários sentidos⁵³. Faz parte da fundamentação da psicologia tornar mais clara e desenvolver a distinção entre as duas classes de fenômenos. Aqui apenas se esclareceu o sentido do termo fenômeno que participa do conceito de psicologia, a partir do qual uma plena fundamentação se torna possível.

Há, porém, ainda uma questão que Brentano levanta em relação a esta nova determinação da psicologia. Uma psicologia que não é ciência da alma parece apresentar uma grande carência:

Precisamente a investigação que a antiga psicologia considerava como sua principal tarefa, precisamente a pergunta que deu o primeiro ímpeto às pesquisas psicológicas parece não poder mais ser levantada nesta nova visão de psicologia. Eu me refiro à pergunta sobre a continuação da existência após a morte (PES, p. 21).

A questão sobre a imortalidade da alma era de principal importância nas investigações dos antigos (como, por exemplo, Platão em Fédon e Aristóteles em De Anima), sendo a tarefa de assegurar a imortalidade da alma aquela “à qual a psicologia primeiramente se lançou e que lhe deu o impulso para seu desenvolvimento” (PES, p. 22). Esta questão parece, pois, ser excluída por aqueles que negam a psicologia como ciência da alma, afinal se “*não há nenhuma alma, naturalmente não pode haver a questão da imortalidade da alma*” (PES, p. 22). E não há dúvida de que os futuros

⁵³ O termo atividade (Tätigkeit), também empregado por Brentano no lugar de fenômeno, igualmente exige cautela. Pois o sentido de atividade não pode ser, neste caso, compreendido como uma actio em oposição à passio; toda atividade psíquica tem uma causa e, portanto, pertence à categoria da passio no sentido aristotélico. (Kraus, 1924, p. LXXVIII); (Mulligan, 2004, p. 70).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

sucessos desta nova ciência psicológica jamais compensarão as esperanças depositadas na antiga psicologia, como aquela de certificar a continuação da existência após a morte.

Todavia, este estreitamento da investigação psicológica pode ser apenas aparente. E se esse for o caso, não haveria, então, nenhuma redução significativa do domínio psicológico nesta definição moderna de psicologia. E, portanto, Brentano poderia adotar esta concepção como ponto de partida sem assumir uma posição que entraria em conflito com a psicologia antiga: eis o primeiro passo para a fundamentação de “*uma psicologia no lugar de psicologias*”.

Seguindo este intuito, Brentano aponta a presença da questão da imortalidade presente em alguns pensadores que foram agudos críticos de uma substância anímica, como, por exemplo, David Hume. Em seu *Treatise of Human Nature*, este observa jamais ter apreendido (catch) a si mesmo sem uma percepção, isto é, não se ter percebido para além das percepções particulares, e como conclusão afirma não se poder falar verdadeiramente em algo como uma alma (Self)⁵⁴. No entanto, Hume argumenta que, mesmo em sua concepção, a pergunta acerca da imortalidade não perde sua força. Brentano reconhece junto a Lange a possível ironia do autor do *Treatise*, mas ressalta que tal argumento não é tão ridículo quanto parece a Lange e possivelmente ao próprio Hume.

Pois mesmo que aquele que negue a existência da substância anímica [Seelensubstanz] não possa, evidentemente, falar em imortalidade da alma no sentido próprio da palavra, não se segue daí, absolutamente, que através da negação de um suporte substancial dos fenômenos psíquicos a questão da imortalidade perca todo seu sentido. Isso se torna evidente tão logo se considere que, com ou sem uma substância anímica, uma certa continuidade da existência de nossa vida psíquica aqui sobre a terra não pode ser negada (PES, p. 25).

A questão agora não é, portanto, rigorosamente falando, a questão sobre a imortalidade da alma, mas a questão sobre a imortalidade (Unsterblichkeitsfrage), ou, de maneira mais precisa, a “imortalidade da vida” (Unsterblichkeit des Lebens). Não há

⁵⁴ “For my part, when I enter most intimately into what I call myself, I always stumble on some particular perception or other, of heat or cold, light or shade, love or hatred, pain or pleasure. I never can catch myself at any time without a perception, and never can observe any thing but the perception. When my perceptions are remov'd for any time, as by sound sleep; so long am I insensible of myself, and may truly be said not to exist”. (Hume, 1739, IV Sect. VI, p. 252)

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

motivo, portanto, para a psicologia moderna rejeitar esta pergunta tão significativa para a psicologia antiga e, conseqüentemente, a nova psicologia não apresenta uma desvantagem frente àquela dos antigos. Brentano relembra ainda seu leitor, que, mesmo na época moderna, há cientistas que concordam com a concepção dos antigos, como H. Lotze e H. Spencer.

Uma vez que não há, por um lado, um estreitamento da investigação psicológica no novo conceito de psicologia, nem, por outro lado, pressupostos metafísicos necessários para sua realização, Brentano pode adotar esta definição da psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos (*Wissenschaft von den psychischen Erscheinungen*). Ele resume esta análise da seguinte maneira:

A nova definição do nome psicologia não contém nada que também não deveria ser aceito por um adepto da antiga escola. Pois, haja ou não uma alma, certamente os fenômenos psíquicos existem. E o adepto da substância anímica não negará que tudo o que puder ser afirmado em relação à alma também possui uma relação com os fenômenos psíquicos. Nada, portanto, nos impede de adotarmos a nova definição de psicologia ao invés de ciência da alma. Talvez ambas sejam corretas. Mas a diferença que ainda permanece é que uma contém pressupostos metafísicos dos quais a outra é livre; também que a última é reconhecida por escolas opostas, enquanto que a primeira traz consigo a cor particular de uma escola; e que, junto a isso, uma nos livra de investigações gerais preliminares que a outra nos obrigaria a assumir. E, além de a adoção da nova versão nos facilitar o trabalho, ela nos garante mais uma vantagem: toda exclusão de uma questão indiferente, não somente facilita o trabalho, mas o reforça. Ela mostra que os resultados da investigação são dependentes de poucas condições e, portanto, conduz com maior segurança à convicção (PES, p. 27).

Ao estabelecer o conceito de psicologia, Brentano dá o primeiro passo na fundamentação desta ciência. A definição da psicologia faz um primeiro recorte de seu âmbito de investigação (fenômenos psíquicos), necessário a qualquer empreendimento do saber. A plena fundamentação deste campo do saber depende, certamente, de uma melhor clarificação de seu objeto; mas só é possível uma apuração dos limites de algo do qual já se tem algum conhecimento. Esta é a importância da conceituação da psicologia neste movimento de fundamentação proposto por Brentano.

3.2. PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA DO FUTURO.

Nesta primeira parte dedicada à delimitação do âmbito psicológico, a questão dos objetivos desta ciência não foi deixada para trás. Muito pelo contrário, vimos a centralidade destes na demarcação do próprio conceito de psicologia. A questão da imortalidade, por exemplo, era central na caracterização do âmbito deste ramo do saber. Todavia, cabe perguntar pelo valor de uma investigação psicológica científica na época moderna⁵⁵, época esta em que as demais ciências apresentam um valor grandioso no progresso do conhecimento. Brentano realiza esta comparação a fim de fortalecer seu empreendimento de fundamentação da psicologia científica.

Se comparada com as ciências da natureza, a psicologia apresenta vantagens e desvantagens que justificam as valorações ambíguas a ela atribuídas. Como vimos logo no início, se a medida para tal comparação fosse exclusivamente a participação da psicologia no ramo do conhecimento e no interesse dos cientistas na época do seu surgimento, dever-se-ia atribuir-lhe um valor muito aquém ao das demais ciências. Diferente, contudo, seria o valor da psicologia se a medida fosse a segurança com que seus resultados são obtidos. Pois enquanto o cientista da natureza trata do conhecimento dos fenômenos físicos que “*não são coisas que verdadeira e realmente existem, [isto é], são signos de algo real que através de sua atividade causal [Einwirkung] produz a sua representação*”, ou seja, ele trata de uma “*verdade meramente relativa*”, o psicólogo trata dos fenômenos que são “*verdadeiros em si mesmos*”, conforme nos afiança a evidência com que são percebidos (PES, p. 28). “*Quem poderia, pois, negar que aqui se apresenta uma grande vantagem da psicologia frente às ciências da natureza?*” (PES, p. 28/29).

Mas, segundo Brentano, esta é apenas uma das vantagens da psicologia. Além da evidência que fornece segurança ao conhecimento do psicólogo, há uma vantagem que se refere à dignidade (Würde) do seu conhecimento; pois “*junto ao aumento da dignidade do objeto aumenta também a dignidade da ciência*” (PES, p. 29). E os fenômenos

⁵⁵ Deve-se ter em mente que a comparação entre o valor da psicologia e das demais ciências Brentano o faz em 1874, quando a psicologia científica dava seus primeiros passos. Quando ele utiliza a expressão “nos dias de hoje”, podemos entender por isso o século XIX.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

psíquicos são, em oposição aos físicos, não apenas reais, mas, também, “*incomparavelmente mais belos e sublimes*”. Brentano tem em mente a comparação entre os fenômenos como o pensar e o querer e aqueles meros fenômenos de cor, som e extensão. Outra razão para um maior valor atribuído à psicologia é o de que esta ciência trata de coisas que nos são mais próprias e próximas, e que, portanto, nos dizem mais respeito.

O mais surpreendente é o fato de que, mesmo em relação à importância prática, a ciência psicológica não fica atrás das ciências da natureza. E não faltam exemplos:

Na psicologia se enraíza a estética, que em um nível mais avançado de desenvolvimento irá, sem dúvida, clarear o olho do artista e assegurar o seu progresso. Igualmente, é suficiente dizer que a importante arte da lógica, que com um pequeno avanço tem como consequência milhares de avanços na ciência, também se alimenta da psicologia. Mas a psicologia tem também a tarefa de se tornar o fundamento científico de uma teoria da educação de indivíduos e da sociedade. Junto com a estética e a lógica cresce também, a partir do campo da psicologia, a ética e a política. E assim a psicologia parece ser a condição fundamental do progresso da humanidade, precisamente naquilo que constitui sua dignidade. (PES, p. 30)

Como se pode, no entanto, atribuir à psicologia toda esta importância teórica e prática se, no final das contas, ela apenas aponta para as suas inúmeras futuras contribuições possíveis sem ainda tê-las alcançado? O que permite conferir a ela tanto futuro, se em tão longo período, desde seu surgimento nos antigos, ela não apresentou praticamente nenhum progresso? Brentano responde a estas questões fazendo referência a toda a cadeia das ciências e a relação que cada uma mantém com as demais. Nesta cadeia “*as ciências mais elevadas investigam os fenômenos mais complexos, as menos elevadas os mais simples e, portanto, o progresso daquelas tem como pressuposto o progresso destas...*” (PES, p. 33). A história das ciências nos ensina isso; a matemática já havia sido empregada na prática enquanto a física ainda dormia em seu berço, sem dar o menor sinal de sua capacidade tão brilhantemente manifestada posteriormente. O mesmo ocorreu com a química, que começou a dar seus frutos muito após os sucessos da física, e com a fisiologia que surge após a química ter tido um longo desenvolvimento.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

O tempo de maturação para o surgimento de uma ciência se explica pelo grau de dependência dos fenômenos que investiga. Os fenômenos investigados pelo químico mantêm uma relação de dependência com aqueles investigados pelo físico, que por sua vez, dependem daqueles estudados pelo matemático; o progresso das ciências mais dependentes, como a fisiologia, esta subordinado ao avanço de todas estas ciências que lhe precedem nesta cadeia.

A psicologia é, por sua vez, uma ciência que investiga fenômenos muito complexos⁵⁶ e, portanto, está subordinada aos avanços das demais ciências. Isso indica, pois, que os grandes frutos desta ciência ainda estão por vir, o que nos permite “*esperar com toda segurança que ambos, desenvolvimento interno e aplicação prática da psicologia, não estarão sempre em falta*” (PES, p. 34). Tendo isso como horizonte, Brentano julga ser legítimo chamar a ciência psicológica de ciência do futuro (Wissenschaft der Zukunft):

Assim parece, pois, indubitável que o futuro da psicologia, e talvez, em certa medida, um futuro não muito distante, exercerá uma significativa influência sobre a vida prática. Neste sentido, nós poderíamos designá-la, como outros também fizeram, de ciência do futuro, isto é, como aquela à qual, antes de qualquer outra ciência teórica, o futuro pertence; aquela ciência que, mais do que qualquer outra, irá configurar o futuro e à qual as demais ciências irão se subordinar e servir. Pois esta será a posição da psicologia quando alcançar a maturidade e for capaz de ações efetivas⁵⁷ (PES, p. 36).

Brentano ainda acrescenta que esta denominação da psicologia possui uma ligação com questão da imortalidade, questão, como vimos, tão cara a esta ciência. É a ela, ciência do futuro, que cabe a pergunta sobre a esperança de um além (Jenseits).

Indicando o valor de uma investigação psicológica, Brentano termina a conceituação da psicologia e, com isso, a caracterização do âmbito investigado por essa

⁵⁶ FAZER REFERENCIA À PARTE DO INICIO DA QUESTAO DO METODO: COMAPARACAO ENTRE PSIQ. E MAT.

⁵⁷ “So scheint es denn unzweifelhaft, daß die Zukunft, und bis zu einem gewissen Grade vielleicht eine nicht allzuferne Zukunft, der Psychologie einen bedeutenden Einfluß auf das praktische Leben gestatten werde. Wir könnten sie, wie auch andere es getan, in diesem Sinne als *Wissenschaft der Zukunft* bezeichnen, als diejenige nämlich, der vor allen anderen theoretischen Wissenschaften die Zukunft gehört, die mehr als alle die Zukunft gestalten, und der alle in ihrer praktischen Verwendung sich in Zukunft unterordnen und dienen werden”.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência.*

ciência. Deve-se compreender, agora, qual é o acesso que se tem aos fenômenos psíquicos e como se constitui, sobre ele, o método dessa ciência.

4. A QUESTAO DO MÉTODO:

Mein Standpunkt in der Psychologie ist der empirische: die Erfahrung allein gilt mir als Lehrmeisterin: aber mit anderen teile ich die Überzeugung, daß eine gewisse ideale Anschauung mit einem solchen Standpunkte wohl vereinbar ist. (PES, p. 1)

Meu ponto de vista na psicologia é o empírico: a experiência, apenas, é minha professora mestra: mas compartilho com outros a convicção de que uma certa perspectiva ideal é compatível com tal ponto de vista.

O método constitui um dos pilares de uma ciência. Isso porque o método se mantém diretamente ligado ao acesso que se tem ao objeto de sua investigação. A partir de uma fonte que determina o domínio de sua aplicação, isto é, baseado em um recorte prévio de seu objeto, fornecido pela forma de acesso a este, o método se dirige a um objetivo definido. O método é, pois, um caminho em direção aos objetivos de uma determinada investigação.

Já vimos que uma primeira caracterização do âmbito da psicologia é realizada por Brentano no primeiro capítulo de sua *Psychologie*. Neste capítulo ele procurou esclarecer o próprio conceito de psicologia, compartilhando, ao final, a definição moderna de ciência dos fenômenos psíquicos. Ao fazer isso, partindo da evidência da existência de tais fenômenos, Brentano conseguiu realizar o primeiro passo necessário para estabelecer este campo científico, ou seja, o domínio desta ciência. Devemos agora analisar como ele fundamenta o seu método e como este propriamente é.

Em sua habilitação de 1866, na universidade de Würzburg, Brentano já indicava de maneira clara a sua concepção de ciência. A mais famosa e muito citada tese (tese IV), dentre as 25 apresentadas neste trabalho, exprime, de modo evidente, a sua orientação científica, fortemente influenciada pelo positivismo; e ela o faz precisamente em referência ao método:

Vera philosophiae methodus nulla alia nisi scientiae naturalis est.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

O verdadeiro método da filosofia não é outro senão o das ciências da natureza.⁵⁸

Embora a comparação seja feita entre o método da filosofia e das ciências naturais, poder-se-ia, neste caso, substituir filosofia por psicologia⁵⁹. Isto se admitirmos, como faz Gilson que “*Brentano permanece fiel ao princípio subjacente a todas as suas análises: a psicologia empregará o método da ciência da natureza ou ela não será*” (1955, p. 22)⁶⁰. E não apenas a filosofia e a psicologia devem seguir o método das ciências naturais, mas, segundo B. Smith, “*Brentano sustentava que o método das ciências naturais é comum a todas as ciências*” (1994, p. 28), opondo-se desta forma à posterior distinção proposta por Dilthey e sua exigência de um método especial para as ‘*Geisteswissenschaften*’.

Essa necessidade de que a filosofia e as demais ciências sigam o método das ciências da natureza é uma expressão do desejo de obtenção de conhecimento livre das especulações metafísicas. Uma filosofia científica e uma psicologia científica devem, se pretendem constituir uma base segura para o conhecimento e, ao mesmo tempo, se manter fiel à experiência, ter como orientação os métodos das *Naturwissenschaften*⁶¹.

⁵⁸ Tese número IV. Citada a partir da dissertação de Reimherr. (2005, p. 31).

⁵⁹ Certamente a tese apresentada por Brentano é muito mais ampla e produz um efeito muito maior, por ser referida à filosofia. Embora a possibilidade de uma psicologia científica tenha sido repetidamente, por muitos, censurada, a psicologia parece se submeter melhor ao método das ciências da natureza do que a filosofia. O termo ‘psicologia’ é empregado por Brentano em sentidos diferentes: ‘psicologia’ pode estar sendo usado na delimitação frente às *Naturwissenschaften*, portanto, no sentido de *Geisteswissenschaft*; pode ser usado no sentido de uma ciência particular, como psicologia genética ou psicologia descritiva; mas pode, também, ser usado no sentido de uma disciplina filosófica, ou até como sinônimo de filosofia, na medida em que ele chega a considerar o conhecimento de leis psíquicas um saber filosófico. Cf. Reimherr, 2005, p. 37/38.

⁶⁰ “Brentano reste toujours fidèle au principe sous-jacent à toutes ses analyses: la psychologie emploiera la méthode de la science de la nature, ou elle ne sera pas.” Isto não se pode afirmar após a cisão entre psicologia genética e psicologia descritiva. Enquanto a primeira segue os métodos das ciências naturais, a segunda chega a conhecimentos gerais sem qualquer indução, podendo, contudo, ser também chamado de empírico. “Die Methode der ‚genetischen Psychologie‘ ist die naturwissenschaftliche, vorwiegend also induktiv und in diesem Sinne empirisch. – Die Methode der deskriptiven Psychologie kann man wohl auch ‚empirisch‘ nennen, da sie auf der innern Erfahrung beruht (...) Auf Grund der so gewonnenen Allgemein-Begriffe gelangt die deskriptive Psychologie unmittelbar zu allgemeinen Erkenntnissen, ‚mit einem Schlage ohne jedwede Induktion‘... ” (Kraus, 1973, p. XVII, XVIII).

⁶¹ Em relação à IV tese Haller escreve: “isso envolve uma dupla afirmação: primeiro, a de que a separação entre um método empírico e um transcendental, proposta por Kant, tinha de ser revogada a favor do método empírico, e, segundo, a de que com o término da separação metodológica, como por exemplo dentro da tradição hermenêutica a partir de Dilthey, padrões científicos – no sentido rigoroso das ciências naturais – deviam ser observados em todos os casos” (1990, p. 19)

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Isto não significa somente que para elas “a base dos conceitos é sempre a experiência, a vivência” (Reimherr, 2005, p.27), mas também que os procedimentos do psicólogo devem se nortear por aqueles das ciências da natureza, se a psicologia aspira a ser, de fato, reconhecida como científica.

Em sua conferência *Sobre o futuro da filosofia*, Brentano expõe as razões pelas quais sustenta essa analogia de métodos em todas as ciências, a partir de uma contraposição às críticas usualmente feitas a essa unidade metodológica. Em seu discurso endereçado a Exner, reitor da universidade de Viena, Brentano mostra que as críticas a essa unidade de método não se sustentam. As duas principais críticas são: a) A mecânica retrocede às leis fundamentais da natureza e delas deriva leis secundárias – isso seria impossível no domínio social e moral, cujos fenômenos apresentam uma maior complexidade; b) Os fenômenos morais e sociais são históricos e aqueles da mecânica não são; os primeiros devem ser submetidos ao método histórico-político.

Brentano argumenta que, em primeiro lugar, não são somente os fenômenos morais e sociais que apresentam uma maior complexidade; muitos fenômenos naturais, “âmbitos inteiros”, não se submetem a cálculos e frustram todas as tentativas de submetê-los às leis da mecânica. Em segundo lugar, Brentano não está afirmando que se deva proceder uniformemente em todos os diferentes domínios de investigação. Pelo contrário, o método deve ser determinado pelo seu objeto de investigação, não sendo possível uma simples transposição. Brentano defende, portanto, um método análogo àquele da ciência natural, mas não uma uniformidade metódica indiferente à especificidade do objeto de cada ciência particular, como vemos nessa passagem:

Por conseguinte, a ciência da natureza não exige, de maneira alguma (...), que em todas as partes devamos proceder uniformemente, como nos mais simples casos da mecânica. Pelo contrário, nos ensina e nos exercita a mudar nossos procedimentos de acordo com a índole especial dos objetos, e a aumentar ou diminuir nossas exigências para conseguir, em um caso, um êxito completo e obter, em outro, renunciado o impossível, o cientificamente possível (Brentano, 1892, 1936, p. 68).

Quanto ao segundo argumento, segundo o qual os fenômenos morais e sociais são históricos e os da mecânica não, Brentano não discorda de que há, de fato, fenômenos

com um maior caráter histórico do que outros, porém esse caráter não lhe parece ser o critério correto de separação de domínios do saber. Isso fica claro quando se aponta um número grande de fenômenos naturais, ou seja, aqueles investigados pela ciência da natureza, que apresentam caráter histórico: a embriologia, aqueles relativos ao desenvolvimento do organismo, processos enfermos, entre outros.

Dessa forma, as ciências devem possuir conjuntamente um mesmo princípio metodológico, o que, como vimos, não significa uma uniformidade de procedimentos. Isso já é expresso por Brentano na primeira tese do trabalho de habilitação (1866), que citamos anteriormente em uma nota⁶². Uma vez que a proposta de unificação da ciências não implica em uma transposição cega do método da *Naturwissenschaft* para a psicologia⁶³, devemos, então, compreender a particularidade da psicologia em sua adaptação do método científico. Contudo, antes de analisarmos tais procedimentos que se referem propriamente ao método, devemos perguntar pelo fundamento deste método, ou seja, pela fonte ou acesso que se tem ao objeto de investigação da psicologia.

No caso da ciência psicológica, a elaboração de um método próprio exige uma especial cautela, e isto se deve à complexidade dos fenômenos aos quais ela se volta. A complexidade e dependência envolvidas no objeto de investigação da psicologia podem ser contrapostas àquelas da matemática, pois as duas ciências “*relacionam-se como pólos opostos.*” (PES, p. 39). Enquanto que a matemática apresenta maior clareza graças à maior independência e simplicidade de suas leis, hipóteses e demais conceitos, a psicologia, por sua vez, apresenta fenômenos complexos e dependentes de outros⁶⁴:

⁶² Cf. nota 25.

⁶³ “Es handelt sich also um eine gewisse Vielfalt der Methoden, die je nach Untersuchungsgegenstand modifiziert werden. Brentano vertritt demnach nicht die Ansicht, dass die Methode der Naturwissenschaft blindlings auf die Philosophie zu übertragen sein. Vielmehr bestimmt der Gegenstand der Untersuchung die Methode. Demgemäß handelt es sich also nur der Analogie nach um die „naturwissenschaftliche Methode“. In den *Vier Phasen*, benutzt Brentano auch den eindeutigeren Begriff „naturgemäße“ Methode, was eine stärkere Betonung auf die „Natur“, das Wesen des Gegenstandes, legt. Die Methode muss nach den spezifischen Gegebenheiten der einzelnen Wissenschaften gewählt werden, um den Anspruch auf Erkenntnisgewinn erfüllen zu können. Es geht Brentano um die Aufnahme der Philosophie in den Kanon der Wissenschaften und nicht um die blinde Annäherung an die Naturwissenschaft” (Reimher, 2005, p. 31/32)

⁶⁴ Nesta comparação entre a psicologia e a matemática é preciso acrescentar, conforme O. Kraus comenta em uma nota (1924/1973, nota 1, p. 261), que a maior simplicidade e independência dos fenômenos tratados pela matemática só se afirma correta quando contemplada sua independência face aos fenômenos psicofísicos, enquanto que as *Naturwissenschaften* necessitam, por sua vez, da matemática. Além disso,

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Por isso, a matemática apresenta, de um modo claro e compreensível, o caráter fundamental (Grundcharakter) de toda verdadeira investigação científica (...) A psicologia, por outro lado, ao procurar ajustar-se aos fenômenos mais e mais complexos, apresenta toda a riqueza em direção à qual o método científico se desenvolve. (PES, p. 39/40)

Segundo Brentano, tanto a matemática como a psicologia lançam luz sobre todos os modos de investigação que são empregados pelas ciências intermediárias (vermittelnden Wissensgebieten). Cada ciência apresenta sucessivamente um maior grau de complexidade de seus fenômenos estudados, porém, simultaneamente também, um aumento de seus meios auxiliares (Hilfsmittel), o que, de certo modo, compensa a dificuldade crescente⁶⁵. Muito se ganharia, portanto, se o método da psicologia estivesse mais bem constituído e mais claramente reconhecido. E nesse sentido, como afirma Brentano, *“muito permanece a ser feito, pois apenas com o progresso da ciência é que também se desenvolve, gradualmente, uma verdadeira compreensão de seu método.”* (PES, p. 40).

No entanto, um problema imediatamente se apresenta: como pode Brentano pretender constituir uma psicologia científica, que se colocaria, simultaneamente, como grau último na hierarquia das ciências e como um fundamento seguro para toda a filosofia e os demais ramos científicos? Isto é, como a psicologia, dependente das demais ciências, pode reivindicar um estatuto epistemológico de fundamento seguro das demais áreas do conhecimento? Ora, ou se trata de uma manifesta petição de princípio ou Brentano não está se referindo a uma mesma psicologia.

nesta comparação não se distingue entre a psicologia genética e a psicologia descritiva – explicitamente tal distinção não aparece na obra de 1874 –, ambas tendo relações de dependência diversas. Uma vez que a psicologia genética é em grande parte psicofísica, ela se encontra na última posição na fila das ciências. A psicologia descritiva, no entanto, é independente da matemática. Escreve Kraus: “A psicologia descritiva é, conforme é apresentado em ‘Origem do conhecimento moral’, uma ciência que extrai seus conceitos da [aus] experiência interna, para, a partir daí, sem indução, ascender a leis universais; ela é, nesta medida, apriorística como a matemática” (1924/1973). A distinção entre psicologia genética e psicologia descritiva será abordada mais adiante. Cf. apêndice 4.3.

⁶⁵ Há uma clara influência do sistema de filosofia de Comte no modo com que Brentano concebe a cadeia das ciências. Cf. Mill 1865/1879, p. 37-41.

Contudo, é preciso, antes de mais nada, ter claro que tal aparente contradição somente se apresenta, e simultaneamente se resolve⁶⁶, na medida em que já demos um passo à frente da própria obra de 1874 e tomamos como referência a suas elaborações posteriores acerca da tarefa da psicologia e de seu papel no domínio do conhecimento. Isto porque em sua *Psychologie* não há ainda uma clareza sobre o estatuto epistemológico de fundamento seguro que a psicologia receberá mais tarde sob o título de psicologia descritiva. Pois, se posteriormente a psicologia (descritiva) será “*de fato vista por Brentano como uma ciência cartesiana que providencia uma fundação epistemologicamente segura para toda a disciplina da filosofia como também para outros conhecimentos científicos*” (Smith, 1994, p. 27), ela ainda aparece, em 1874, muito dependente das demais ciências. No entanto, como veremos adiante, a posterior distinção entre psicologia descritiva e psicologia genética, feita apenas a partir de 1885-1887⁶⁷, já se anuncia de diferentes modos e em diversas partes na *Psychologie*, em especial, porém, na questão do “acesso metódico”⁶⁸, o qual se evidencia, por sua vez, nos diferentes processos indutivos envolvidos.

Em 1874 são algumas as indicações desta posição ambivalente que a psicologia recebe; uma delas aparece logo no início da *Psychologie*, quando Brentano está apresentando este domínio chamado de psicologia ao qual sua investigação deverá se voltar. Lá a idéia de uma psicologia enquanto *base* ainda aparece de maneira muito tímida, não ainda com o estatuto de fundamento para as demais ciências; reserva-se para esta ciência o “*pináculo na torre da ciência*”, embora com uma “retroação” sobre sua base:

⁶⁶ A aparente contradição se deve a um conhecimento prévio do caminho que a psicologia elaborada por Brentano tomou. É comum aos comentadores da obra de Brentano unir de maneira pouco cuidadosa aspectos posteriores a 1874 à sua primeira grande obra de psicologia. É importante ter claro que a psicologia de após 1874 (psicologia descritiva, segundo Brentano aquela que realmente merece o nome de psicologia) terá seu domínio muito melhor delimitado e alcançará o estatuto de fundamento do conhecimento, ainda não claramente atribuído na sua primeira obra.

⁶⁷ Segundo O. Kraus, o termo ‘psicologia descritiva’ aparece pela primeira vez em um curso dado por Brentano no semestre de inverno de 1887/88. Em 1890/1891, Brentano realiza um outro curso, agora intitulado como ‘psicognosia’ (tomado como sinônimo de psicologia descritiva). Este curso de 1890 fora publicado posteriormente.

⁶⁸ “*metodischer Zugang*” (Reimherr, p. 36). Como veremos, a psicologia descritiva também utiliza o método indutivo. A grande diferença está, por um lado, no tipo de indução que ela emprega e, por outro, no fato de que ela já parte de uma evidência não sujeita a dúvida e, portanto, suas leis são exatas e universalmente válidas, isto é, apodícticas e a priori.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

As outras ciências são, de fato, a infra-estrutura; esta [psicologia] se iguala a coroação final. Todas a preparam e de todas ela depende. Mas sobre todas elas deve novamente executar a mais poderosa reação. Ela deve renovar toda a vida da humanidade, acelerar e assegurar o progresso. E se por isso, por um lado, ela aparece como o *pináculo* na torre da ciência, por outro lado, tem ela a tarefa de tornar-se a *base* da sociedade e de seus mais nobres bens, e com isso de também tornar-se a *base* de todo o esforço de investigação⁶⁹ (PES, p. 5).

Passemos agora à análise da percepção interna que é a fonte empírica na qual Brentano fundamenta o método da psicologia.

4.1. PERCEPÇÃO INTERNA (INNERE WAHRNEHMUNG)

Sobre a percepção interna, portanto, – neste ponto a antiga psicologia permanece correta em oposição a Comte – ergue-se precisa e propriamente o edifício desta ciência como que sobre seu fundamento⁷⁰ (PES, p. 61).

A noção de percepção interna (*innere Wahrnehmung*) nos é apresentada no segundo capítulo da *Psychologie* intitulado: “*Sobre o método da psicologia, em particular a experiência, que forma sua base*”.⁷¹ Esta noção é central na delimitação do âmbito psicológico, justamente por ser a percepção interna que providencia o acesso aos fenômenos psíquicos próprios. Sem ela, nenhum conhecimento alcançaríamos acerca do

⁶⁹ O grifo feito na tradução é de nossa autoria. “Andere Wissenschaften sind in der Tat der Unterbau; diese gleicht dem krönenden Abschlusse. Alle bereiten sie vor; von allen hängt sie ab. Aber auf alle soll sie wieder ihrerseits die kräftigste Rückwirkung üben. Das ganze Leben der Menschheit soll sie erneuern; den Fortschritt beschleunigen und sichern. Und wenn sie darum einerseits wie die Zinne am turmartigen Gebäude der Wissenschaft erscheint, so hat sie andererseits die Aufgabe, Grundlage der Gesellschaft und ihrer edelsten Güter, und somit auch Grundlage aller bestrebungen der Forscher zu werden”. Há também aquela passagem já citada, em que Brentano já atribui à psicologia o estatuto de fundamento da estética, da lógica e política. Cf. p. 38.

⁷⁰ “Auf der inneren Wahrnehmung also – darin bleibt die ältere Psychologie Comte gegenüber im Rechte – erhebt sich recht eigentlich der Bau dieser Wissenschaft wie auf seiner Grundlage”.

⁷¹ PES, pág. 39. “Über die Methode der Psychologie, insbesondere die Erfahrung, welche für sie die Grundlage bildet”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

que é uma representação (*Vorstellung*), um juízo, o que é alegria e sofrimento, medo, esperança, etc.⁷² Segundo Brentano, é somente graças à percepção interna que uma psicologia se faz possível e pensável. E é através de uma clarificação desta noção que o autor de *Psychologie* poderá elaborar e explicitar um *método* próprio à ciência psicológica.

Não diferentemente das ciências da natureza, a psicologia tem como base a percepção e a experiência (PES, p. 40). Cabe saber qual é a característica própria desta experiência e percepção, quando o objeto ao qual ela se volta é um fenômeno psíquico. Pois no caso da psicologia, “antes de tudo, a percepção interna dos próprios fenômenos psíquicos é que lhe é a sua fonte”⁷³ (PES, p. 40). Além disso, é importante ter sempre claro que Brentano está tratando de fenômenos, físico no caso das *Naturwissenschaften*, ou psíquico no caso da psicologia. Como havíamos visto⁷⁴, isto não significa que se trata de ‘meras aparências’, isto é, como um mero aparente, índice de uma coisa em si. A expressão fenômeno (*Phänomen, Erscheinung*) psíquico, que Brentano utiliza no sentido de estado ou processo psíquico, não é um sinal de sua carência de realidade ou de existência verdadeira, – pelo contrário, o fenômeno psíquico não apresenta dúvida sobre sua existência – mas apenas uma demarcação de que se trata de uma investigação voltada a processos e acontecimentos imanentes e, portanto, não associada a realidades metafísicas transcendententes.

Qual é, pois, a experiência que se tem dos fenômenos psíquicos? Ou em outras palavras, qual acesso temos ao domínio do psicológico e qual é sua característica distintiva frente ao domínio dos fenômenos físicos? A pergunta deve se fazer em relação ao acesso que temos a estes fenômenos, pois uma psicologia que se pretenda empírica não deve partir de nenhuma distinção prévia senão aquela apresentada pelos próprios fenômenos.

Neste sentido, a forma de acesso que se tem a algum fenômeno tem uma fundamental importância na própria demarcação do âmbito ao qual tal fenômeno

⁷² PES, pág. 40.

⁷³“Die Grundlage der Psychologie wie der Naturwissenschaften bilden Wahrnehmung und Erfahrung. Und zwar ist vor allem die innere Wahrnehmung der eigenen psychischen Phänomene, welche für sie eine Quelle wird”.

⁷⁴ Cf. cap. 3.1.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

pertence. Por isso, o acesso⁷⁵ peculiar aos fenômenos psíquicos, a percepção interna, fornece os próprios caracteres distintivos desta classe de fenômenos. A delimitação do psíquico frente ao físico será uma conseqüência dos diferentes modos de acesso que se tem em relação a cada um deles. Embora os critérios para esta demarcação dos diferentes âmbitos científicos sejam rigorosos e sua investigação exprima o próprio objetivo da *Psychologie*, Brentano tem consciência da artificialidade destas subdivisões, expressando isto em referência à psicologia e sua ‘ciência irmã’, a fisiologia:

Não nos deixemos perturbar pelas recíprocas invasões entre fisiologia e psicologia. Elas não serão maiores do que aquelas que notamos, por exemplo, entre física e química. Elas em nada dão prova contra uma exatidão da delimitação que realizamos; elas apenas indicam que tem em si, como todas as demais delimitações – como esta subdivisão entre ciências – algo de artificial.⁷⁶ (PES, p. 10).

4.1.1. Caráter negativo da percepção interna

Inicialmente a definição dada por Brentano de percepção interna é formulada negativamente, sua especificidade se resumindo a sua condição de jamais poder se tornar uma *Observação interna* (innere Beobachtung)⁷⁷. Não é um simples acaso o fato de que Brentano parta da contraposição entre Wahrnehmung e Beobachtung para estabelecer a propriedade da primeira. Além de estar se opondo à clássica noção de introspecção⁷⁸,

⁷⁵ Não se deve entender a palavra ‘acesso’ no sentido de um movimento deliberado de aproximação. A palavra acesso significa, aqui e nas demais parte em que é empregada em referencia à percepção interna, uma fonte empírica de conhecimento.

⁷⁶ “Nehmen wir darum an der Notwendigkeit gegenseitiger Eingriffe zwischen Physiologie und Psychologie keinen Anstoß. Sie werden nicht größer sein als die, welche wir z. B. auch zwischen Physik und Chemie bemerken. Sie beweisen nichts gegen die Richtigkeit der vollgezogenen Grundbestimmungen, sondern deuten an daß, wie jede andere, auch noch so gute Einteilung der Wissenschaften auch diese etwas Künstliches an sich hat.”

⁷⁷ Idem pág. 41. “Ja die innere Wahrnehmung hat das Eigentümliche, dass sie nie innere Beobachtung werden kann”. Segundo K. Mulligan, Brentano parece jamais ter mudado de opinião a este respeito. (Mulligan, 2004, p. 73, 74).

⁷⁸ Brentano chega, mais adiante, a chamar a “innere Beobachtung” de “o universalmente admitido dogma dos psicólogos” (46), citando casos de tentativas de realização deste método que, devido sua impossibilidade, levaram alunos iniciantes na disciplina de psicologia a abandonar seus estudos após a conclusão correta de que não possuíam a capacidade para uma tal observação.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

uma espécie de auto-observação que permitiria apreender um fenômeno interno através da atenção voltada a ele, a definição negativa aponta para uma característica própria aos fenômenos psicológicos. Diferentemente dos objetos que estão sujeitos à observação, os fenômenos psíquicos, quando objeto da percepção interna, jamais podem ser *objeto de nossa atenção* (Aufmerksamkeit) ⁷⁹. Isto é afirmado como sendo uma lei psicológica universalmente válida e exemplificada de maneira inconfundível no caso da cólera conforme nos é apresentado: “*Pois quem quisesse observar a cólera que nele mesmo arde, teria ela evidentemente já esfriado e o objeto da observação desaparecido*” ⁸⁰ (PES, p. 41). É justamente a esta “*modificação do objeto da investigação*” ⁸¹ (Reimherr, 2005, p. 49) que se deve a impossibilidade de voltar à atenção ao fenômeno psíquico para investigá-lo.

Brentano, ao enfatizar esta distinção entre percepção interna e observação interna (introspecção), ressaltando a impossibilidade da última, afirma que tal distinção não fora feita por nenhum psicólogo até então, e que esta confusão conduziu a desvantajosas conseqüências (PES, p. 42). Entre elas, e de uma importância muito grande ao psicólogo, a própria confusão entre fenômenos psíquicos e físicos, impossibilitando tanto o apontamento das características gerais dos fenômenos psíquicos, quanto sua classificação e o estabelecimento de suas leis, tarefas capitais do psicólogo. ⁸²

A introspecção ou “*observação de si mesmo*” (*Beobachten seiner selbst*), – uma reunião metódica das percepções feitas em nós mesmos – aquilo que Kant afirmava

⁷⁹ Idem. “Es ist ein allgemein gültiges Gesetz, dass wir niemals dem Gegenstande der inneren Wahrnehmung unsere Aufmerksamkeit zuzuwenden vermögen”. O fenômeno psíquico pode ser objeto de nossa atenção depois de sua sucessão graças à memória. Mas, enquanto objeto da percepção interna jamais.

⁸⁰ Idem. “Denn wer den Zorn, der in ihm glüht, beobachten wollte, bei dem wäre der Gegenstand der Beobachtung verschwunden”.

⁸¹ “Auf der anderen Seite ist es nicht möglich, den Untersuchungsgegenstand direkt zu fokussieren: richtet der Forscher seine Aufmerksamkeit auf das Phänomen, z. B. Zorn, so findet unmittelbar eine Modifikation des Untersuchungsgegenstandes statt. Aus diesem Grund betont Brentano den Unterschied zwischen innerer Wahrnehmung und innerer Beobachtung”. (Reimherr, 2005, p. 49).

⁸² Brentano dá o exemplo da confusão feita ao se tomar como fenômeno psíquico o fenômeno físico que nos aparece na fantasia. Confusão grave se notarmos o valor que ele atribui à fantasia como fonte de conhecimento de leis psíquicas: “E o voltar a atenção aos fenômenos físicos na fantasia (Phantasie) é, se não a única fonte de conhecimento dos fenômenos psíquicos, pelo menos a primeira e principal”. (PES, p. 41, 42)

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

“facilmente conduzir ao entusiasmo e ao delírio”⁸³ (Kant apud Lange, 1866, p. 476), persistiu apesar das censuras, como esta mordaz feita por Kant. Segundo Lange, isto se deveu, em grande parte, ao fato de Kant ter, no entanto, creditado um campo particular ao chamado “sentido interno” (inneren Sinn), trazendo como resultado necessário um abuso desta “arena” que não pôde evitar a intromissão de “caprichos metafísicos” (*metaphysischer Willkür*) (Lange, p. 476).

Brentano, citando a crítica feita por Lange, fornece um exemplo deste abuso da suposta observação do “sentido interno” que frequentemente conduziu a “noções arbitrárias”. Fazendo referência à obra *System der Psychologie als empirische Wissenschaft aus der Beobachtung des innern Sinnes*⁸⁴ de K. Fortlage, Lange mostra a falta de clareza em relação ao “emprego” deste sentido interno, assim como em relação à “experiência sobre a qual propriamente se fundamenta este conhecimento ‘empírico’” (Lange, p. 477).

Primeiro ele [Fortlage] esclarece o que é o sentido interno, ao qual ele atribui uma serie de funções que, normalmente, foram atribuídas ao sentido externo. Em seguida, ele define o seu campo de observação e começa a observar. Não seria oferecer um prêmio a quem descobrisse, nos dois grossos volumes, uma única observação real. Todo o livro trata-se de proposições gerais, com uma terminologia de sua própria invenção, sem que nenhum fenômeno determinado seja apresentado do qual Fortlage pudesse indicar quando e onde ele os observou, ou como deve se fazer para observá-los também. (Lange, 1866, p. 476).

Muitas “invenções” e, concomitantemente, “deslizes” foram feitos em nome desta observação do sentido interno, tendo em vista que tal observação havia se tornado um dogma entre os psicólogos. E como conseqüência disso, aos poucos este conceito de observação foi sendo criticado, até o ponto de negarem por completo sua possibilidade. E o que se seguiu foi que, uma vez que “se desprezou novamente a distinção entre

⁸³ Lange escreve: “Von dem ‘Beobachten seiner selbst’ sagt Kant, es sei eine methodische Zusammenstellung der an uns selbst gemachten Wahrnehmungen, welche den Stoff zu einem Tagebuch des Beobachters seiner selbst abgibt, ‘und leichtlich zu Schwärmerei und Wahnsinn hinführt’”.

⁸⁴ Fortlage, Karl. “Sistema de psicologia como ciência empírica a partir da observação do sentido interno”. Livro publicado em 1855 em dois volumes.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

*observação e percepção, negou-se, simultaneamente, a possibilidade de uma percepção interna”*⁸⁵ (PES, p. 44).

Esta recusa indiferenciada da observação-percepção interna não foi um erro cometido por alguns poucos. Comte, que, como vimos, muito influenciou a postura científica de Brentano, também teria cometido este erro. Ao não distinguir da observação interna a percepção interna ele conclui, de maneira correta⁸⁶, a impossibilidade de uma auto-observação, que exigiria uma divisão do sujeito em, simultaneamente, observador e observado:

...imaginaram, nos últimos tempos, distinguir, graças a uma sutileza singular, duas espécies de observações de igual importância, uma exterior, outra interior, a última unicamente destinada ao estudo dos fenômenos intelectuais. (...) Devo limitar-me a indicar a consideração principal que prova claramente que essa pretensa contemplação direta do espírito por si mesmo é pura ilusão. (...) É perceptível que, por uma necessidade invencível, o espírito humano pode observar diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois por quem seria feita a observação? (...) Quanto a observar da mesma maneira os fenômenos intelectuais durante seu exercício, há uma impossibilidade manifesta. O indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse [regarder] raciocinar. O órgão observado e o órgão observador sendo, neste caso, idênticos, como poderia ter lugar a observação? (Comte, 1830-1842/1869, p. 31, 32).

Assim, Comte excluía a principal fonte de conhecimento psíquico, justamente aquela que fornecia uma maior segurança⁸⁷. Recusava, pois, a possibilidade de uma

⁸⁵ “Man kam zur Einsicht, daß eine solche innere Beobachtung in Wahrheit nicht bestehe; aber indem man wiederum die Unterscheidung zwischen Beobachtung und Wahrnehmung vernachlässigte, leugnete man nun zugleich die Möglichkeit der inneren Wahrnehmung”.

⁸⁶ A conclusão de que a auto-observação constitui uma impossibilidade é correta e está em acordo com a posição de Brentano, embora este coloque em dúvida os esclarecimentos que fazem com que Comte chegue a tal conclusão. Incorreta, contudo, é a exclusão simultânea da percepção interna. Brentano pergunta qual seria o substituto de uma percepção interna que, de maneira indiferenciada da observação interna, é rejeitada. Segundo J. Stuart Mill, só restaria, então, a frenologia: “Et quel instrument M. Comte propose-t-il pour l’étude des ‘fonctions morales et intellectuelles’, à la place de l’observation mentale directe qu’il repudie? Nous avons presque honte de dire que c’est la phrénologie!” (Mill, 1865/1879, p. 65)

⁸⁷ Em seu trabalho sobre Comte, J. S. Mill aponta a impossibilidade de se extrair dos fenômenos que se nos oferecem à percepção externa uma representação como a de juízo ou de inferência, indicando a existência de uma forma de conhecimento dos próprios atos psíquicos. Segundo Mill, a exclusão da observação psicológica é uma “grave aberração” do método positivo compreendido por Comte, que acaba por excluir a

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

psicologia positiva, relegando-a ao âmbito das elaborações metafísicas e teológicas, apontando a divergência de opiniões⁸⁸ resultante do seu suposto método, que, como ele afirma, é nulo em seu princípio:

Percebe-se que de nenhuma perspectiva há lugar para esta psicologia ilusória, última transformação da teologia, que se tenta em vão reanimar hoje e que, sem perturbar nem o estudo fisiológico de nossos órgãos intelectuais, nem a observação dos processos racionais que dirigem efetivamente nossas diversas pesquisas científicas, pretende chegar à descoberta de leis fundamentais do espírito humano, contemplando a si mesmo, isto é, fazendo completa abstração das causas e dos efeitos. (...) Esse pretensão método psicológico é, pois, radicalmente nulo em seu princípio. (Comte, 1830-1842/1869, p. 30/32).

Brentano afirma que esta recusa da observação-percepção interna não se limitou à França de Comte, mas ocorreu inclusive na Alemanha, como se manifesta na obra de Lange⁸⁹. Este chega a apontar uma impossibilidade de estabelecer um limite definido entre observação interna e externa⁹⁰ (Lange, 1866, p. 477). Segundo Lange a

psicologia da “série das ciências”: “Il y a dans la manière dont M. Comte envisage la méthode de la science positive une autre grave aberration (...). Il rejette totalement, comme un procédé sans vertu, l’observation psychologique proprement dite, ou, en d’autres termes, la conscience interne, tout au moins en ce qui regarde nos opérations intellectuelles. Il donne pas de place dans sa série des sciences à la psychologie, et en parle toujours avec mépris. L’étude des phénomènes mentaux, ou, suivant son expression, des fonctions morales e intellectuelles, trouve place dans son plan sous le chef de Biologie, mais seulement comme branche de la physiologie. Il nous faut, pense-t-il, acquérir notre connaissance de l’esprit humain, en observant les autres. Comment nous devons observer les opérations mentales d’autrui, ou en interpréter les signes, sans avoir appris, par la connaissance de nous-mêmes, la signification de ces signes: c’est ce qu’il n’établit pas” (Mill, 1865/1879, p. 63/64).

⁸⁸ “Há dois mil anos que os metafísicos cultivam assim a psicologia, e não puderam até agora concordar com uma única proposição inteligível e solidamente firmada. Estão até hoje divididos numa multidão de escolas que disputam incessantemente sobre os primeiros elementos de suas doutrinas. A *observação interior* engendra quase tantas opiniões divergentes quantos indivíduos há que acreditam a ela se entregar”. (Comte, 1830-1842/1869, p. 32/33)

⁸⁹ A obra ‘Geschichte des Materialismus’ recebeu uma segunda edição que contém notas referentes a crítica de Brentano, nas quais o autor se defende. Cito aqui uma parte da nota: “Damit gewinnt Brentano allerdings wie Descartes einen sicheren Unterschied des Psychische und Physiche, aber auf die Gefahr hin, eine bloße Illusion zur Basis seines ganzen Systems zu machen. (...) Wie verhält es sich aber mit den Gemütsbewegungen? Der Zorn z.B. ist nach Brentano ein psychisches Phänomen, weil es sich auf einen Gegenstand sich bezieht. Was kann man am Zorn wahrnehmen und mit Hilfe der Gedächtnisses beobachten? Nichts als lauter sinnliche Symptome, bei denen überall wieder die Wahrnehmung in vollkommener Analogie steht mit der gewöhnliche äußere Wahrnehmung. Das Geistige im Zorn liegt in der Art und Weise, in Maß, Verbindung und Folge dieser Symptome, nicht in einem abtrennbaren Vorgang, der sich besonders wahrnehmen ließe” (Lange, 1866, nota 44, p. 552).

⁹⁰ “Unseres Erachtens ist zwischen innerer und äußerer Beobachtung in keiner Weise eine feste Grenze zu ziehen. (...) Mit ‚Innen‘ und ‚Außen‘ kann man von vornherein nichts ausrichten, denn ich kann überhaupt

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

diferenciação entre estas modalidades de observação se resumiria à possibilidade ou impossibilidade de compartilhá-la com outros indivíduos:

De maneira alguma é difícil de reconhecer que a natureza de todas as observações é a mesma e que a diferença reside somente no fato de se uma observação é tal que possa, simultaneamente ou posteriormente, ser igualmente observada por outros, ou se ela se retrai perante tal perspectiva e confirmação⁹¹ (Lange, 1866, p. 479).

Desta forma, Brentano aponta em importantes pensadores, que muito influenciaram as gerações posteriores, a mesma omissão (Unterlassung) em referência a esta distinção. Esta omissão tem como consequência, se não um grande número de equívocos e elaborações arbitrárias, então uma determinação da plena impossibilidade de uma investigação científica dos fenômenos da experiência interna.

A elaboração desta distinção entre percepção interna e observação interna Brentano realiza de maneira mais aguda quando discute a questão da consciência interna que acompanha os atos psíquicos. Como veremos, esta consciência que acompanha o ato psíquico é o que mais rigorosamente fundamenta a percepção interna. Por ora, contudo, a distinção é apresentada em seus traços principais e a omissão desta forma de acesso à experiência interna é indicada. Assim, Brentano apresenta a caracterização de maneira resumida:

Portanto a percepção interna do próprio fenômeno psíquico é a primeira fonte de experiências que são imprescindíveis para as investigações psicológicas. E esta percepção interna não é para se confundir com uma observação interna dos estados psíquicos em nós existentes, pois uma tal observação é, antes, impossível. (PES, p. 48)

keine Vorstellungen außer mir haben, wenn auch die Theorie richtig sein sollte, nach welcher ich die wahrgenommenen Gegenstände nach Außen versetze. Sehen und Denken ist gleich innerlich und gleich äußerlich. ” (Lange, 1866, p. 477, 478)

⁹¹ “Überhaupt ist wohl nicht gar schwer einzusehen, daß die Natur aller und jeder Beobachtung dieselbe ist, und daß der Unterschied hauptsächlich nur darin liegt, ob eine Beobachtung so beschaffen ist, daß sie von anderen gleichzeitig oder später ebenfalls gemacht werden kann, oder ob sie sich jeder solchen Aussicht und Bestätigung entzieht. ” (Lange, 1866, p. 479)

4.1.2. Característica positiva da percepção interna.

Ao especificar as características desta fonte de conhecimento dos fenômenos psíquicos chegou-se, primeiramente, a uma caracterização negativa. Isto, como vimos, já aponta para uma particularidade deste âmbito de investigação que se pretende fundamentar, pois na medida em que à delimitação de seu acesso se opõe o acesso aos fenômenos físicos, o próprio recorte do que é psicológico ganha uma caracterização distintiva. Como, porém, asserir uma característica positiva à percepção interna sem que se tenha clareza sobre as propriedades distintivas de seu objeto, o fenômeno psíquico? Afinal a percepção interna, ao se tratar de uma fonte de conhecimento, isto é, de um acesso a um certo tipo de fenômeno, só poderá receber uma caracterização distintiva na medida em que se estiver, simultaneamente, apresentando uma caracterização dos fenômenos que lhe são objeto. Isto manifesta a relação necessária entre ambas as caracterizações, do acesso ao fenômeno e das propriedades deste fenômeno.

Devido a essa inter-relação necessária entre a percepção interna e o fenômeno psíquico, uma caracterização positiva da primeira deverá ser relativa ao *modo* ou ao *como* o último nos aparece, isto é, como ele se dá à nossa consciência. Não é por acaso que a mais rigorosa determinação da percepção interna aparece no segundo livro intitulado “*Acerca dos fenômenos psíquicos em geral*”⁹². Como, então, nos aparecem os fenômenos psíquicos? Ou, em outras palavras, como é o acesso a estes fenômenos?

Estes [fenômenos psíquicos] são verdadeiros em si mesmos. Assim como aparecem, são na realidade – isto nos é garantido pela evidência com a qual são percebidos (PES, p. 28). [Ou ainda mais adiante]

...eles somente são percebidos na consciência interna enquanto isso não é possível em relação aos fenômenos físicos (PES, p. 128)⁹³.

⁹² “Von den psychischen Phänomenen im allgemeinen”. Nesta segunda parte da *Psychologie* Brentano caracteriza de maneira mais fundamental o fenômeno psíquico.

⁹³ “Anderes gilt von den Phänomen der inneren Wahrnehmung. Wie sie erscheinen – dafür bürgt die Evidenz, mit der sie wahrgenommen werden –, so sind sie auch in Wirklichkeit” (PES, p. 28) Aqui realidade (Wirklichkeit) não é para ser tomado no sentido vulgar de não-aparente, pois se trata de um fenômeno. Real significa que não apresenta dúvida quanto à sua existência, diz-se: realmente existe.

Nestas duas passagens retiradas de diferentes etapas da obra *Psychologie*, se apresenta uma das características fundamentais dos fenômenos psíquicos, a saber, a de que são verdadeiros em si mesmos, são percebidos com evidência. Esta caracterização dos fenômenos psíquicos está em absoluta relação com a percepção interna, visto que se referem ao *modo* com que deles temos consciência, ou seja, o conhecimento deles ou o acesso que a eles temos. Embora Brentano utilize, às vezes, a expressão percepção externa – ao se referir às sensações ou à crença no que é sensorialmente apresentado⁹⁴ – ele afirma que, rigorosamente, só poderíamos chamar a percepção interna de uma percepção: “*ela é a única percepção no sentido próprio da palavra*” (PES, p. 128) Em alemão a palavra percepção (*Wahrnehmung*) significa literalmente uma ‘tomada de verdade’ (*Wahr-nehmung*) e esta somente ocorre quando se trata de um fenômeno psíquico.

Além da evidência com que nos aparecem os fenômenos psíquicos, Brentano escreve, no excerto acima citado, que os fenômenos psíquicos, e somente eles, são percebidos na consciência interna⁹⁵. O que isto nos revela sobre os fenômenos psíquicos e sobre a percepção interna? À primeira vista não nos parece dizer muita coisa, pois de maneira tautológica relaciona os fenômenos psíquicos à consciência que deles temos, caracterizando-os a partir da percepção interna, quando parece mais natural determinar a percepção interna a partir dos fenômenos psíquicos, como uma percepção deles. No entanto, ser percebido na consciência interna significa mais do que somente uma

“Eine weitere gemeinsame Eigentümlichkeit aller psychischen Phänomene ist die, daß sie nur in innerem Bewußtsein wahrgenommen werden, während bei den physischen nur äußere Wahrnehmung möglich ist.” (PES, p. 128).

⁹⁴ A noção de percepção externa pode conduzir facilmente a erros ou complicações. O. Kraus a dedica um capítulo inteiro em sua introdução à *Psychologie*, no qual, em grande parte, trata da má compreensão de Husserl neste ponto. Para Brentano a percepção externa é, em sentido próprio, “*uma crença cega no que é dado sensorialmente*”, (Kraus *apud* Brentano, 1924, p. LXIII) isto é, um juízo que toma por verdadeiro estes dados sensoriais. A percepção externa, em sentido estrito, é a própria sensação, mas esta sendo associada a uma crença naquilo que é apresentado sensorialmente. Devido à não imediatividade e não evidência da percepção externa, esta, em seu sentido estrito, não deveria receber o nome de percepção. Brentano escreve: “... os fenômenos da chamada percepção externa não se deixam mostrar como verdadeiros e reais, mesmo através de uma fundamentação mediata” (PES, p. 128). Basicamente as percepções se diferenciam pelos seus diferentes objetos. O objeto da percepção interna é o fenômeno psíquico e o objeto da ‘percepção externa’ é o fenômeno físico, qualidades físicas.

⁹⁵ O termo *consciência interna* tem um sentido diretamente relacionado à percepção interna. Escreve Brentano em uma nota: “De maneira semelhante com que se chama a percepção de uma atividade psíquica em nós atualmente presente de percepção interna, chamamos aqui de consciência interna a consciência a ela dirigida.” (PES, p. 141).

diferenciação de âmbito ou de ‘região’; refere-se também aos caracteres de imediaticidade e infalibilidade desta evidência, conforme escreve Brentano:

...além da particularidade de seu objeto, a percepção interna possui uma outra característica que a distingue: aquela evidência imediata e infalível que somente ela, dentre todos os conhecimentos dos objetos da experiência, tem. Portanto, quando nós dizemos que os fenômenos psíquicos são aqueles apreendidos através da percepção interna, está-se com isso dizendo que a sua percepção é imediatamente evidente ⁹⁶ (PES, p. 128).

Neste trecho encontramos, por um lado, um maior esclarecimento em relação a esta evidência, ela é imediata e infalível⁹⁷ (untrüglich), e, por outro, novamente, a imbricação entre a percepção interna e os fenômenos psíquicos, seu objeto. A evidência da percepção interna é a evidência com que os fenômenos psíquicos nos vêm à consciência. Sua imediaticidade e infalibilidade serão o resultado de uma outra característica dos fenômenos psíquicos, como veremos adiante⁹⁸.

Portanto, sendo a percepção interna a fonte de conhecimento que temos dos fenômenos psíquicos, sua característica positiva é, também, uma característica positiva deles. A caracterização deste acesso é um dos passos centrais para o estabelecimento deste âmbito como passível de investigação. Os fenômenos que cabem ao estudo do psicólogo são, diferentemente dos fenômenos físicos estudados pelo cientista da natureza, dados com evidência. E, além disso, são aqueles que podemos com certeza afirmar que realmente são como aparecem (PES, p. 28, 129, 130) Isso nos permite, pois, afirmar que “... a percepção interna é, portanto, manifestação superior à percepção externa; ela

⁹⁶ “Allein die innere Wahrnehmung hat, abgesehen von der Besonderheit ihres Objektes, auch noch anderes, was sie auszeichnet; namentlich jene unmittelbare, untrügliche Evidenz, die unter allen Erkenntnissen der Erfahrungsgegenstände ihr allein zukommt”.

⁹⁷ Este esclarecimento não é desnecessário, pois a evidência poderia apresentar-se de maneira confusa. E de fato, Brentano posteriormente fará uma distinção entre percepção interna no sentido amplo do termo e no sentido restrito do termo a fim de responder às objeções de que mesmo os maiores adeptos da percepção interna discordavam em relação às suas percepções (Muligan, 2004, p.73). A percepção interna mesmo sendo confusa (Brentano dirá posteriormente que ela é essencialmente confusa) teria sua confusão dissipada pelo notar (Bemerken), procedimento metodológico central da psicologia descritiva. “There is no erroneous noticing, like there is never any inner perception at all [which is] bare of evidence. Yet, not noticing may easily lead us to incompleteness...” (Brentano, 1982/1995, p. 34).

⁹⁸ Trata-se do “conhecimento interno” que acompanha o fenômeno psíquico e da sua relação consigo mesmo enquanto objeto secundário, proporcionando a condição de identidade entre sujeito cognoscente e objeto do conhecimento, necessária à evidência. Cf. p. 110.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

sozinha estuda fenômenos que apresentam por eles mesmos uma verdade inteira e uma evidência imediata”⁹⁹ (Gilson, 1955, p. 21). A noção de percepção interna será ainda mais desenvolvida quando se estiver caracterizando os fenômenos psíquicos, pois ali se estará melhor delimitando o objeto a que esta percepção tem acesso.

Devemos agora compreender qual o método propriamente dito que Brentano afirma dever ser o empregado pela psicologia. Devemos primeiro, pois, compreender como é possível uma ciência que nega, parcialmente, a possibilidade de fundamentar seu método na observação. Em seguida, veremos também como são as leis que cabe ao psicólogo estabelecer.

4.2. O MÉTODO PROPRIAMENTE DITO E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Como vimos, a contraposição entre a percepção interna e a observação, “*capital aos olhos de Brentano*” (Gilson, 1955, p. 22), está na base da delimitação do campo psicológico. Esta contraposição apresenta também uma outra particularidade desta ciência: sua investigação está, em grande parte¹⁰⁰, privada do principal método comum às ciências e, muitas vezes, visto como garantia da própria cientificidade de um domínio de investigação. Pois, de que forma uma ciência pretende se sustentar enquanto tal se exclui de seus procedimentos a observação? Sem a experimentação ainda é possível pensar em ciência, como é o caso da astronomia, por exemplo. Porém sem a observação, como se pode cogitar uma ciência?¹⁰¹

A impossibilidade de observação interna não implica, contudo, em uma completa eliminação da observação enquanto um meio de se chegar a conhecimento psíquico. Pelo contrário, ao se voltar a atenção a algum objeto, os processos psíquicos (*psychische Vorgänge*) correspondentes vem à percepção. “*Assim, a observação de fenômenos físicos na percepção externa, enquanto nos fornece pistas para o conhecimento da natureza,*

⁹⁹ “... la perception interne est donc manifestation superior à la perception externe; elle seule étudie des phénomènes qui présentent par eux-mêmes une entière vérité et une évidence immédiate”

¹⁰⁰ Não totalmente, graças à memória. Ver adiante.

¹⁰¹ “Denn ohne Experiment sind zwar manche unter ihnen [Wissenschaften], wie namentlich die Astronomie; ohne Beobachtung aber ist keine” (PES, p. 48).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

pode, simultaneamente, tornar-se um meio de conhecimento psíquico” ¹⁰² (PES p. 41). E, além da observação externa, há uma outra utilização da “Beobachtung” que serve à ciência psicológica como um substituto a esta sua lacuna em face das demais ciências. Pois como afirma Brentano, “*em verdade, a psicologia tornar-se-ia impossível se não houvesse nenhum substituto para esta carência*”. E este é, em certo grau pelo menos, justamente a “*observação dos estados psíquicos anteriores na memória*” ¹⁰³ (PES, p. 48).

Esta utilização da observação propiciada pela memória foi tida, por muitos pensadores, como sendo o grande meio de conhecimento dos “fatos psíquicos”. John Stuart Mill, por exemplo, em seu escrito sobre Comte, defende a possibilidade de investigar os fenômenos psíquicos, logo no instante seguinte, através da memória, recusando a peremptória censura feita por Comte:

E este é em verdade a maneira pela qual nós adquirimos, de maneira geral, a melhor parte de nosso conhecimento dos atos psíquicos. Nós refletimos sobre aquilo que fizemos, quando o ato já se passou, mas sua impressão ainda permanece fresca na memória¹⁰⁴ (J. S. Mill, 1865/1879 p. 65).

Porém, esse emprego substituto do método da observação está, evidentemente, muito aquém do método da observação propriamente dito, utilizado pelas demais ciências; afinal, “*a memória está, como todos sabem, sujeita, em grande medida, a ilusões*” (PES, p. 50). Portanto, se não fosse possível uma percepção interna e o acesso aos fenômenos psíquicos só fosse praticável através da observação dos fenômenos psíquicos passados, então a ciência psicológica estaria contaminada de incertezas e de inúmeros auto-enganos.

¹⁰² “ So kann die Beobachtung physischen Phänomene in der äußern Wahrnehmung, indem sie für die Erkenntnis der Natur uns Anhaltspunkte gibt, zugleich ein Mittel psychischer Erkenntnis werden”

¹⁰³ “In Wahrheit würde die Psychologie geradezu zur Unmöglichkeit werden, wenn für den Mangel kein Ersatz sich böte. Einen solchen findet sie aber, bis an einem gewissen Grade wenigstens, durch die Betrachtung früheren psychischer Zustände im Gädachtnis” (PES, p. 48). Isso mostra que, segundo o Brentano da *Psychologie*, somente a percepção interna não é suficiente para a constituição da ciência psicológica. Assim como todas as demais ciências, ela depende, em certa medida, da observação.

¹⁰⁴ Mill ainda escreve: “M. Comte aurait malaisément affirmé que nous ne savons rien de nos propres opérations intellectuelles. Nous avons connaissance de nos observations et de nos raisonnements, soit au moment même, soit dans l’instant d’après, grâce à la mémoire; par voie directe dans les deux cas, et non pas (comme pour les choses accomplies par nous dans un état de somnambulisme) uniquement par leurs résultats. Ce simple fait détruit l’argument entier de M. Comte. Tout ce dont nous avons connaissance directement, nous pouvons l’observer directement” (Mill, 1865/1879, p. 65).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Contudo, apesar destas desvantagens referentes à memória, não se justifica a completa censura de sua utilização na investigação do psicólogo, pois “*se a testemunha da memória não pudesse ser utilizada pela ciência, então não somente a psicologia, mas também todas as ciências seriam impossíveis*” (PES, p. 51). A memória é o que faz possível, em todas as ciências experimentais, o acúmulo dos fatos observados, sem o qual nenhuma verdade universal poderia ser estabelecida. Portanto, embora a percepção interna jamais possa se tornar uma observação interna, o método da observação não fica completamente excluído dos procedimentos do psicólogo.

Além desse uso muito restrito do método da observação, a investigação psicológica parece encontrar um outro grande obstáculo à sua constituição enquanto ciência. Por mais rica e repleta de fenômenos extraordinários que uma vida possa ser, não estaria a investigação psicológica restringida à vida de apenas um indivíduo? Sempre há diferenças entre os indivíduos, sendo que no âmbito psicológico elas são muito maiores; “*não será inevitável o erro de confundir características individuais com traços gerais?*” (PES, p. 52). E, além disso, o observador sendo apenas um indivíduo, quem estará em condição de controlar suas observações¹⁰⁵? A vantagem das ciências da natureza sobre a psicologia parece ser evidente: “*o mesmo eclipse solar e o mesmo cometa são percebidos por milhares, e uma observação feita apenas por um, e que não pudesse ser confirmada por mais ninguém (...), seria recebida com bem menos confiança*” (PES, p.53).

De fato, se a investigação do psicólogo se restringisse a isso, certamente não poderia reivindicar o estatuto de uma ciência. Mas, conforme escreve Brentano, não é este o caso:

A base empírica da psicologia permaneceria, pois, sempre insuficiente e não confiável, se ela se limitasse à percepção interna dos próprios fenômenos psíquicos e de sua observação na memória. Esse, porém, não é o caso. Em acréscimo à percepção direta de nossos próprios fenômenos psíquicos, há um *conhecimento indireto dos fenômenos psíquicos de outros*. Como se costuma dizer, os fenômenos da vida interior se expressam,

¹⁰⁵ “Pois, assim como eu não posso apreender os fenômenos psíquicos de outrem através da percepção interna, outro não pode apreender os meus através de sua percepção interna” (PES, p. 53).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

isto é, têm alterações externamente perceptíveis como consequência¹⁰⁶ (PES, p. 53).

Brentano tem em mente as manifestações como palavras, gestos e ações em geral. A palavra é o melhor modo de descrever fenômenos psíquicos particulares, mas os gestos também são uma expressão deles, além dos movimentos involuntários que acompanham certos fenômenos psíquicos¹⁰⁷. Brentano está, aqui, lançando mão de um “*argumento por analogia*”¹⁰⁸ que, em oposição ao argumento anterior que falava de uma diversidade entre os indivíduos, pressupõe uma espécie de semelhança entre todos os que possuem atividades psíquicas. Ele afirma que “*certamente essa descrição [dos fenômenos psíquicos particulares em palavras] seria incompreensível ou até impossível se a vida psíquica de um indivíduo fosse tão diferente da do outro, de modo que não contivessem nenhum fenômeno comum*” (PES, p. 53). Ao contrário, tendo em vista a capacidade de comunicação recíproca dos indivíduos, podemos depreender que, por um lado,

a diferença individual entre pessoas e situações não é tão profunda, como se poderia ter suposto, e que, pelo menos em termos gerais [den Gattungen nach], os fenômenos psíquicos de alguém que não esteja privado de algum sentido, ou tenha alguma formação anormal ou seja imaturo, são completamente oferecidos à experiência interna; por outro lado, porém, isso nos abre a possibilidade de ligar nossa própria experiência interna àquilo que outrem observou em si e, ali onde as observações se referirem a fenômenos similares, controlar a observação do outro além da própria¹⁰⁹ ... (PES, p. 54).

¹⁰⁶ “So bliebe denn immer noch die Erfahrungsgrundlage der Psychologie eine ebenso ungenügende als unzuverlässige, wenn sie sich allein auf die innere Wahrnehmung der eigenen psychischen Phänomene und ihre Betrachtung im Gedächtnis beschränkte. Dieses jedoch ist nicht der Fall. Zu der direkten Wahrnehmung unserer eigenen kommt eine *indirekte Erkenntnis fremder psychischer Phänomene*. Die Erscheinungen des inneren Lebens pflegen, wie man es nennt, sich zu äußern, d. h. sie haben äußerlich wahrnehmbare Veränderungen zur Folge.”

¹⁰⁷ Brentano adverte que não se pode tomar a expressão de um fenômeno psíquico por ele mesmo. Ele afirma, enfaticamente, que é um erro acreditar que essa externa, ou como eles chamam ‘objetiva’ observação dos fenômenos psíquicos pode se tornar uma fonte de conhecimento psicológico, tomando-a independentemente da ‘observação subjetiva interna’, o que alguns psicólogos costumam fazer. (PES, p. 55).

¹⁰⁸ Cf. Margolis, 2004, p.132.

¹⁰⁹ “Und hieraus entnehmen wir einerseits den Beweis, daß die individuelle Verschiedenheit von Personen und Lagen doch keine so tiefgreifende ist, wie man sonst hätte vermuten können, und daß, wenigstens den Gattungen nach, die psychischen Phänomene jedem, der nicht eines Sinnes beraubt oder sonst abnorm gebildet oder unreif ist, vollzählig in der inneren Erfahrung geboten werden; andererseits aber erwächst uns

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Podemos entrever nesse argumento por analogia uma das raízes daquilo que Brentano chamará posteriormente de psicologia descritiva. Brentano afirma, de maneira não muito clara, que há uma base comum apresentada pela percepção interna, que está para além das diferenças individuais. De acordo com Kraus,

segundo a posterior doutrina de Brentano, a percepção interna não me revela a diferença específica, pela qual o sujeito de minhas vivências psíquicas se diferencia dos demais sujeitos; (...) mesmo a percepção interna apresenta uma certa indeterminação e universalidade e nos oculta a diferença individual. Por esse fato, nossas experiências psicológicas não estão, desde o princípio, limitadas por momentos individualizantes, mas são representações gerais [Allgemeinvorstellungen] ou juízos gerais. (Kraus, 1924, nota 3, p. 262).

Essa condição de universalidade apresentada pela percepção interna será o que, posteriormente, possibilitará a psicologia descritiva ascender a conhecimentos apodícticos e universais¹¹⁰. A nota de Kraus vai muito além da questão que estamos tratando aqui; ela apenas serviu para esclarecer esse primeiro argumento por analogia, que Brentano apresenta a fim de legitimar a ciência psicológica, e indicar que essa investigação acerca do caráter axiomático das leis da psicologia descritiva será muito mais desenvolvida por Brentano, posteriormente.

Segundo o autor da *Psychologie*, além dos modos já mencionados de atuação do psicólogo, a investigação psicológica tem como uma importante fonte de conhecimento as análises das vidas psíquicas mais simplificadas. Nessa categoria entram as crianças (que no curto período de vida apresentam fenômenos menos desenvolvidos), os cegos de nascença¹¹¹ (que podem ajudar na investigação acerca da origem de certas representações) e também animais (que não possuem determinadas classes de fenômenos). Segundo Brentano, também é significativo para a investigação psicológica o estudo de estados psíquicos doentios, através do qual muito poderá ser descoberto acerca

daraus die Möglichkeit, mit den eigenen inneren Erfahrungen das, was ein anderer in sich beobachtet hat, zu verbinden und da, wo die Beobachtungen sich auf gleichartige Erscheinungen beziehen, die eigenen durch die fremden in derselbe Weise zu kontrollieren..."

¹¹⁰ Cf. p. 81.

¹¹¹ "...os estudos que concernem os primeiros elementos psíquicos, levam sobretudo às sensações; e é aqui que se revela a todo interesse das observações sobre os nascido cegos, operados e curados." (Gilson, 1955, p. 25).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

da relação entre os fenômenos psíquicos e nosso ser corporal (leibliches Sein). Outras fontes de estudo para o psicólogo são biografias, análise das massas e assim por diante. Importante é ressaltar que todas essas expressões exteriores dos fenômenos psíquicos pressupõem, tanto a observação na memória, como a percepção interna, sendo que essa última é o pressuposto básico de todas as demais.

4.2.1. Tarefas, procedimentos e o caráter das leis psicológicas.

Tudo o que vimos até agora em relação ao método foi, em primeiro lugar, seu fundamento, isto é, o acesso que se tem ao âmbito psicológico – a percepção interna; em segundo lugar vimos a utilização reduzida da observação através da memória; e por último, os fenômenos externos significantes à investigação do psicólogo. Devemos agora compreender qual Brentano entende ser a tarefa da psicologia, através de quais procedimentos o psicólogo alcança as leis gerais em seu domínio, e qual a característica dessas leis.

A primeira tarefa fundamental para a investigação psicológica é a de determinar quais as características de seu objeto, ou seja, “*a determinação [Feststellung] das características comuns a todos os fenômenos psíquicos*” (PES, p. 62). Isso vai de encontro à posição de Bacon, segundo a qual se deve, em primeiro lugar, partir de leis intermediárias, para somente em seguida ascender a leis últimas, mais fundamentais. Porém, a história das ciências da natureza não ratificou esse modo de proceder defendido por Bacon, e não haveria porque pensar que tal procedimento poderia ser útil à psicologia¹¹².

A partir das considerações acerca das características comuns aos fenômenos psíquicos, o psicólogo terá condições de encontrar um princípio de classificação desses fenômenos e deverá, a partir deste, determinar as classes fundamentais (Grundklassen) daqueles. Pois “*antes disso acontecer, será impossível progredir na investigação das leis psíquicas, na medida em que essas leis valem apenas para uma ou outra espécie de*

¹¹² Brentano não tira toda a razão da posição defendida por Bacon, pois sem dúvida é necessário à indução de leis gerais, que se encontre, antes, características comuns em indivíduos, depois em grupos, até alcançar toda a extensão de uma classe. (PES, p. 62).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

fenômenos”¹¹³ (PES, p. 63). Essa classificação é indispensável ao psicólogo, assim como também o é ao físico que faz experimentos com luz, calor e som. Conforme escreve Gilson,

as regras de uma boa classificação científica são as mesmas de ambos: seu papel é o de ordenar os objetos, para ser verdadeiramente útil à pesquisa; trata-se de uma classificação natural, que agrupa em uma mesma classe os objetos cuja natureza mais se assemelha e supondo, portanto, um certo conhecimento prévio deles (Gilson, 1955, p. 24).

Como veremos na parte final de nosso trabalho, embora os fenômenos psíquicos possuam uma grande diversidade, eles podem ser subdivididos em apenas três classes fundamentais¹¹⁴. Esse pequeno número de classes facilita em muito o trabalho do psicólogo, o que reafirma a necessidade dessa classificação.

Outra tarefa presente no trabalho do psicólogo é a de investigar os “*últimos elementos psíquicos*”¹¹⁵. Não se trata, porém, de uma química psicológica, ou de qualquer espécie de química mental das representações. Uma vez que não temos recordação do início de nossa vida mental e que “*a vida psíquica nunca retorna de um estágio posterior a um estágio anterior*” (PES, p. 64), o psicólogo não pode fazer separações de elementos que constituem um composto, assim como o químico faz em seu domínio. “*A vida psíquica não se assemelha a um composto químico cujos elementos, isoláveis em sua pureza e sua simplicidade, produzem por sua combinação fenômenos totalmente novos*”¹¹⁶ (Gilson, 1955, p. 25).

¹¹³ Conforme Kraus ressalta, aqui fica claramente formulada a posterior divisão entre psicologia descritiva e psicologia genética (Kraus, 1924, nota 2, p. 263).

¹¹⁴ Cf. cap. 5.4.2. “É pelo fato de haver um número limitado de fenômenos psíquicos fundamentais que, segundo Brentano, é possível realizar sua classificação através de uma indução completa. Indução completa significa que todos elementos são apreendidos” (Reimherr, 2005, p. 49)

¹¹⁵ “die letzten psychischen Elemente”. Brentano também se refere a estes como os “*primeiros elementos psíquicos*” (“die ersten psychischen Elemente”).

¹¹⁶ Brentano escreve: “Ah se uma tal análise química pudesse ser feita aqui, com a mesma perfeição e segurança com que é feita no âmbito químico!” (PES, p. 64). Kant já apontava essa impossibilidade de uma “análise sistemática” no domínio psicológico: “Aber auch nicht einmal als systematische Zergliederungskunst oder experimentallehre kann sie [empirische Seelenlehre] der Chemie jemals nahe kommen, weil sich in ihr das Mannigfaltige der inneren Beobachtung nur durch bloße Gedankenteilung von einander absondern, nicht aber abgesondert aufbehalten und beliebig wiederum verknüpfen...” (Kant, 1786, 1911, p. 471).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Segundo Brentano, a investigação dos últimos elementos psíquicos deve se voltar às sensações (*Empfindungen*), “*pois é certo que essas são uma fonte de outros fenômenos psíquicos, e não são poucos os que dizem que elas são a única fonte de todos os fenômenos*”¹¹⁷ (PES, p. 65). As sensações são efeitos de ações físicas e por isso sua origem é um processo psicofísico¹¹⁸. Por essa razão a fisiologia, em especial a fisiologia dos órgãos dos sentidos, providencia uma grande ajuda à psicologia. Como os fenômenos psíquicos em geral são dependentes de uma grande variedade de condições fisiológicas, é imprescindível que esta relação entre psicologia e fisiologia seja mais bem delimitada, visto que para a psicologia reivindicar o estatuto de ciência, ela necessita demonstrar a autonomia de sua investigação.

4.2.2. Psicologia e fisiologia.

A íntima relação entre a fisiologia e psicologia já foi mencionada na caracterização do âmbito de investigação da psicologia, questão que é, como vimos, de primeira ordem na fundamentação dessa ciência. Havíamos ressaltado a artificialidade das distinções entre as ciências em geral e, em especial, daquela que há entre a psicologia e fisiologia. Todavia, se a psicologia for absolutamente dependente da fisiologia, de forma que todos os seus fenômenos possam ser remetidos ao estudo do fisiólogo, então a psicologia perde toda a sua consistência enquanto disciplina autônoma. Por isso é fundamental que Brentano seja capaz de outorgar ao domínio da investigação psicológica uma incumbência própria.¹¹⁹

A dependência dos fenômenos psíquicos em relação às condições fisiológicas se expressa claramente no caráter das leis formuladas pelo psicólogo. Como são, pois, estabelecidas as leis válidas no âmbito psicológico?

¹¹⁷ Nessa investigação das sensações, por exemplo, o estudo de cegos de nascença que foram operados tem uma grande importância. (PES, p. 65, 66).

¹¹⁸ “Die Empfindungen sind Folgen physischer Einwirkungen. Ihre Entstehung also ist ein psycho-physischer Prozeß, und daher kommt es, daß die Physiologie, insbesondere die Physiologie der Sinnesorgane, der Psychologie hier wesentliche Hilfe leistet” (PES, p. 65).

¹¹⁹ Toda a discussão que se segue, referente à dependência da psicologia em relação às condições fisiológicas, não cabe àquilo que será a psicologia descritiva. Como a psicologia de 1874 ainda era substancialmente genética, a sua autonomia de investigação tinha de ser claramente fundamentada.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

As leis mais gerais e elevadas de sucessão dos fenômenos psíquicos, sejam elas válidas para todos os fenômenos psíquicos ou somente para todos aqueles de uma das classes fundamentais, são para ser estabelecidas diretamente pelas leis gerais da indução (PES, p. 66).

Essas leis mais gerais dos fenômenos psíquicos não são, porém, princípios últimos como são as leis da gravidade e da inércia no campo da física¹²⁰; isso precisamente porque os fenômenos psíquicos mantêm uma dependência em relação a condições fisiológicas, das quais se tem pouco conhecimento. As leis psicológicas “são, rigorosamente falando, leis empíricas [*empirische Gesetze*] que, para sua explicação [*Erklärung*], necessitariam de uma análise precisa dos estados fisiológicos, aos quais eles [*fenômenos psíquicos*] se ligam” (PES, p. 66). Isso significa que, sem os conhecimentos provindo da ciência fisiológica, a psicologia não é capaz de ultrapassar seu caráter empírico e chegar aos princípios fundamentais. Isso não é um sinal da impossibilidade da psicologia se constituir como ciência autônoma?

Em primeiro lugar, em relação à redução da investigação do psicólogo à fisiologia, deve-se lembrar, porém, que há alguns “*limites inultrapassáveis*”, como aquele que encontramos na divisa dos fenômenos psíquicos com os fenômenos físicos:

Mesmo se o físico tivesse reduzido as causas que produzem nossas sensações de cores, sons, odores, etc. a vibrações moleculares, à pressão e ao impacto, ainda teríamos de assumir uma especial lei última para a sensação das cores, isto é, para cada espécie particular de cor, de sons e de odores. Qualquer tentativa de reduzir ainda mais o número de tais leis seria não razoável e sem esperança de sucesso¹²¹ (PES, p. 67).

Em segundo lugar, quando Brentano fala do caráter meramente empírico das leis psicológicas, ele não está propondo que a tarefa do psicólogo deveria ser a de derivar as leis mais gerais de sucessão dos fenômenos psíquicos a partir das leis fisiológicas ou até

¹²⁰ Brentano faz referência explícita à obra de A. Bain, *Logic II*, de onde retira a comparação das leis psicológicas com as leis físicas. (PES, p. 66). Gilson escreve: “... o psicólogo pode alcançar leis muito gerais, mas ele esta, de fato, incapaz de remontar às leis verdadeiramente fundamentais, que corresponderiam, em seu domínio, àquelas da gravidade e da inércia em física” (Gilson, 1955, p. 25).

¹²¹ Esse argumento fica claro se mantivermos em vista que essas sensações de cor, som, odor, etc., às quais Brentano se refere, não são propriamente as qualidades sensíveis, cor, som e odor, mas o fenômeno psíquico de sentir essas qualidades.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

mesmo químicas. O que ele diz ser desejável e necessário à explicação das leis psicológicas envolveria apenas “a indicação das próximas e imediatas condições fisiológicas, ou condições fisiológicas concomitantes [aos fenômenos psíquicos investigados], com a sua mais aguda precisão, excluindo todos os momentos que não tenham uma participação imediata” (PES, p. 67). Se a fisiologia pudesse oferecer isso à investigação psicológica, então as leis psíquicas mais fundamentais teriam, embora não a mesma transparência, a mesma acuidade e precisão que possuem os axiomas da matemática, ou seja, seriam princípios psicológicos últimos.

Contudo, faltando esse conhecimento preciso dos estados fisiológicos, as leis psicológicas permanecem empíricas e com o formato de leis derivativas. Tendo em vista essa grande dependência em relação aos estados fisiológicos, o questionamento da autonomia científica da psicologia permanece válido. E em uma época em que a fisiologia, assim como as demais ciências da natureza, está em pleno desenvolvimento, a tentativa de fundamentar a psicologia sobre a fisiologia não é pouco frequente¹²².

Assim como Comte reduzia toda a psicologia ao estudo do fisiólogo, na Alemanha também havia tais tentativas, como a de Horwicz. Brentano faz referência a este autor, que havia publicado a primeira parte de seu livro¹²³ em 1872, pouco antes da *Psychologie*, intitulado *Análises psicológicas com fundamento fisiológico*. Horwicz não rejeita a introspecção, porém não embasa sua psicologia sobre a autoconsciência; esta serviria apenas como tarefa preparatória. Todo o conhecimento restante seria provindo da fisiologia. Segundo Horwicz, a organização da alma deveria corresponder, em seus principais e mais gerais contornos, àquela do corpo, o que formava sua convicção de que era necessário, em primeiro lugar, estudar a organização geral do corpo. A fisiologia era

¹²² Brentano escreve que essa tentativa é “atraente”, e continua “especialmente em uma época em que a *Naturwissenschaft* angaria toda confiança, enquanto que a filosofia dificilmente alguma. A percepção psicológica, que é considerada coisa dos filósofos, e todas as demais coisas dela derivadas, são vistas como sendo apenas uma introdução preliminar” (PES, p. 69).

¹²³ “*Psychologische Analysen auf physiologischer Grundlage*” (1872, 1875, 1878). “O ideal da psicologia [segundo Horwicz] consiste em reduzir todas as formas de atividades psíquicas a elementos que sejam bem conhecidos, em seus aspectos fisiológicos, como as sensações. (...) Em resumo, [Horwicz] contribui à psicologia o que se poderia esperar de um fisiólogo, mas decepçiona nossas esperanças porque não foi um fisiólogo capaz de realizar as investigações indutivas necessárias” (Brett, 1912-1921/1963, p. 492, 493, 494).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

por ele concebida como “*não apenas um acessório útil, mas um veículo metodológico de investigação*” (Horwicz apud PES, p. 69).

Brentano combate a posição de Horwicz afirmando, em primeiro lugar, que este superestima o papel da fisiologia na investigação psicológica, de modo semelhante ao próprio Comte. Para explicar isso, Brentano aponta para uma comparação feita pelo próprio Horwicz: segundo ele, a relação da psicologia com a fisiologia é semelhante àquela da física com a matemática. Brentano argumenta:

Por mais útil e indispensável que possa ser a matemática ao físico, todos podem perceber que ele não atingiria nem o menor resultado se sua investigação dependesse inteiramente da matemática e ele quisesse fazer dela o veículo das suas investigações, conforme Horwicz exige da psicologia em relação à fisiologia. Apenas para exemplificar, o que a matemática deveria nos ensinar sobre o número de classes fundamentais dos fenômenos, dos quais o físico trata? (PES, p. 70).

De fato, há uma relação mais íntima entre os domínios da psicologia e da fisiologia do que aquela que há entre a física e matemática, pois naquela primeira as condições de um agem sobre as do outro. Mas isso não invalida, de forma alguma, o argumento de Brentano; pois isso se verifica nas relações entre ciências tão íntimas como essas. Por exemplo, a física e a química dos fenômenos inorgânicos por um lado e a fisiologia por outro. O domínio inorgânico contém as condições dos organismos e mantém uma relação íntima com ele e, no entanto,

não importa quão grande possa ser a ajuda que a física e química inorgânicas podem oferecer ao fisiólogo, poderia ele esperar delas alguma informação adequada sobre a estrutura dos organismos? Ao contrário, não deverá ele investigar, tanto a totalidade dessa estrutura quanto as funções das partes particulares, nos próprios fenômenos fisiológicos? (PES, p. 71).

Enfim, Brentano repreende a supervalorização do papel da fisiologia na psicologia, representada pela posição de Horwicz. A fisiologia nada nos ensina sobre a unidade da consciência e outras questões claramente do âmbito psicológico.

Para corroborar o seu argumento, Brentano analisa ainda a posição de um outro defensor de uma fundamentação da psicologia sobre a fisiologia, a do inglês H. Maudsley. Para esse autor “*qualquer tentativa de desenvolver uma psicologia está*

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

destinada ao fracasso, se ela não estiver metodologicamente fundamentada na fisiologia”¹²⁴ (PES, p. 78). E, no entanto, Maudsley afirma, como Brentano faz questão de enfatizar, que no estado atual da ciência fisiológica é impossível, através da observação e do experimento, indicar a natureza dos processos orgânicos que condicionam estados psicológicos. E ainda continua: “*De fato, no presente não há perspectiva alguma de uma psicologia positiva*” (PES, p 79).

Brentano concorda que, a partir de um ponto de vista dos métodos fisiológicos, Maudsley tem razão em afirmar isso. Porém essa perspectiva já parte, desde o início, da negação da autonomia da ciência psicológica. “*Vemos, portanto, escreve Brentano, que, pelo menos no presente, não se trata tanto da questão ‘método psicológico ou método fisiológico’, mas do ‘ser ou não ser da ciência [psicológica]’*” (PES, p. 79). E justamente por isso, a tarefa de fundamentação de uma psicologia como ciência tem que poder responder estas objeções, como a de Horwicz e Maudsley, que ameaçam sua própria existência.

Brentano analisa cuidadosamente os argumentos, que segundo Maudsley, justificariam a necessidade dessa fundamentação da psicologia sobre a fisiologia¹²⁵. Para nossos fins, mais importante do que reproduzir essa análise é ressaltar alguns aspectos importantes que Brentano apresenta em defesa da autonomia da psicologia. Segundo Brentano, os fatos que se apresentam na tentativa de mostrar a incapacidade dos métodos psicológicos, são, em grande parte, obtidos a partir de considerações psicológicas e não

¹²⁴ Brentano cita a crítica feita por Maudsley a J. St. Mill; Maudsley censura o fato de que Mill não tenha considerado os métodos fisiológicos na psicologia, sendo que aqueles já teriam mostrado muitos resultados. Ele ainda argumenta que Mill pretende conseguir através do antigo método da percepção interna, aquilo que nem Platão, Descartes, Locke e Berkeley conseguiram, evidenciando sua impossibilidade. (PES, p. 77).

¹²⁵ Os argumentos de Maudsley poderiam ser resumidos em: a) Como fundamento da vida anímica há condições materiais, cujas particularidades têm como consequência particularidades na vida anímica. Somente a fisiologia poderia dar explicações sobre ela. b) O cérebro tem uma vida vegetativa. Mudanças no material orgânico que ocorrem inconscientemente condicionam fenômenos que se manifestam conscientemente. c) “A vida anímica não envolve somente sua atividade”. Neste caso, se quisermos saber algo sobre o estado inativo da alma, necessitamos considerar a fisiologia. d) As atividades da alma também não incluem, necessariamente, a consciência. Como irá a consciência nos fornecer os fatos suficientes para um conhecimento verdadeiro da alma? e) Sem a fisiologia, como teremos acesso ao princípio de transmissão hereditária, certamente algo fora do âmbito da consciência? (PES, p. 80-83).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

fisiológicas¹²⁶; a simples existência de hábitos e disposições resultantes de ações passadas é um sinal de que o método psicológico não é impotente, afinal só se possui conhecimento desses hábitos por via psíquica. (PES, p. 86); é através do método psicológico que podemos obter um conhecimento estatístico dos estados psíquicos.

Com essa análise, Brentano mostra haver algumas tarefas próprias ao psicólogo, reafirmando a autonomia da psicologia, embora sem com isso negar que a fisiologia muita ajuda traria a essa ciência. Nesse sentido,

Maudsley tem razão de apontar a fraqueza de uma psicologia não fisiológica. Mas ele não está correto em, ao invés de atribuir-lhe um valor reduzido, não atribuir a ela valor algum. Nós admitimos que a lei de sucessão descoberta por meios psicológicos é empírica e carente de explicação. Mas não tem também a ciência da natureza algumas leis empíricas e carentes de explicação, que, no entanto, recebem um alto valor? Ou foram as leis descobertas por Kepler sem valor até que Newton as pode explicar? – Nós admitimos ainda, que a lei de sucessão obtida por meios psíquicos [psychische Wege] carecem de total precisão e acuidade. – Mas isso também não vale para algumas leis da ciência da natureza? Para usar o mesmo exemplo, não eram as leis de Kepler carentes em precisão? E as leis que Copérnico pensava governar o curso dos planetas, não eram ainda mais imprecisas? E, no entanto, sua teoria do movimento circular da terra ao redor do sol foi uma aproximação cheia de valor e que fez época [wertvolle, epochemachende Annäherung]. Como havíamos dito, segue-se, portanto, a partir das considerações anteriores, uma restrição [Einschränkung], de modo algum uma aniquilação [Vernichtung] do valor das investigações por meios psíquicos (PES, p. 88, 89).

Assim, Brentano combate as posições que eliminam o valor de uma pesquisa puramente psicológica, afirmando que “*se demonstrou, por um lado, ser incorreto que nada pode ser alcançado por meio psíquico, e, por outro, ser correto que nem tudo pode ser por ele alcançado*” (PES, p. 91). Há leis que podem ser estabelecidas por métodos psicológicos, embora essas não possam chegar aos últimos princípios sem a ajuda do método fisiológico. As maiores generalizações que tomam como base apenas a sucessão

¹²⁶ Por exemplo: foram fenômenos psíquicos que levaram Leibniz, e depois Hamilton, a acreditar em representações inconscientes, assim como também foi baseado na experiência interna que Aristóteles ensinava sobre hábitos e disposições inconscientes. (PES, p. 84).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

de fenômenos psíquicos somente podem ser, portanto, leis empíricas e, por isso, acompanhadas de imperfeições e inadequações.

Porém, além de leis empíricas, as leis que o psicólogo pode obter são também inexatas, isto é, não são resultantes de uma mensuração. Não há, porém, uma medida para os fenômenos psíquicos? E se esse for o caso, quais seriam, então, os demais procedimentos do psicólogo, além da indução de leis gerais e empíricas?

4.2.3. Psicologia e Mensuração.

A questão da aplicação da matemática, assim como da física no domínio psicológico é, como vimos¹²⁷, participante de peso nas elaborações da moderna psicologia. Havíamos mencionado os nomes de Herbart, Helmholtz, Weber e Fechner, que foram os seus maiores representantes. Na elaboração do método psicológico, Brentano não pode deixar de se posicionar a esse respeito, ainda mais que, como vimos, as leis psicológicas possuem um caráter de imprecisão, e a exatidão dos cálculos matemáticos lhe seria muito bem vinda.

A psicologia jamais poderia se elevar à categoria de uma “*ciência explicativa [erklärende Wissenschaft]*”, afirmava Kant. De acordo com ele, a psicologia, assim como a química¹²⁸, nem poderiam ser, rigorosamente, chamadas de ciência, pois, “*somente pode ser chamada de ciência autêntica aquela cuja certeza é apodítica; conhecimento que contém certeza meramente empírica é um saber em sentido inautêntico*” (Kant, 1786/1911, p. 468). E essa censura tinha como razão, justamente a impossibilidade de emprego da matemática em ambos os domínios. Isso fica claramente expresso nessa passagem:

Mas mais, porém, do que a própria química, a psicologia empírica [empirische Seelenlehre] deve sempre permanecer afastada da categoria [Rang] de uma, assim propriamente chamada, ciência da natureza; primeiramente porque a

¹²⁷ Cf. p. 14, 15

¹²⁸ Segundo Kant a química não é uma ciência racional (rationale Wissenschaft), pois não possui em si os fundamentos ou princípios, a relação entre os fundamentos e as conseqüências, isto é, suas leis não levam à “consciência de sua necessidade”, são meramente leis empíricas. A química seria apenas uma arte sistemática (systematische Kunst). Cf. Kant, 1786/ 1911, p. 468, 469, 471).

matemática não é aplicável aos fenômenos do sentido interno e a suas leis, a menos que considerarmos apenas a lei da constância no fluxo das alterações internas, sendo que está seria, porém, uma ampliação do conhecimento, que se assemelharia àquela que a matemática proporciona à doutrina dos corpos, como a doutrina das propriedades da linha reta faz com toda geometria. Pois a pura intuição interna, na qual os fenômenos psíquicos [Seelen-Erscheinungen] devem ser construídos, é o tempo, que possui apenas uma dimensão¹²⁹ (Kant, 1796/1911, p. 471).

Ou seja, para Kant a psicologia não poderia nem ser uma ciência da natureza nem uma ciência sistemática como é o caso da química, porque os fenômenos psíquicos somente possuem uma dimensão, o tempo, carecendo de uma segunda dimensão (espaço) e, dessa forma, não se submetendo à matemática. Isso não impediu, no entanto, as inúmeras posteriores tentativas de se medir os fenômenos mentais¹³⁰. Wundt, por exemplo, argumentava – contra Kant – que os “acontecimentos internos” (innere Geschehen) sim, possuíam uma segunda dimensão:

Não é certo que o acontecimento interno possui apenas uma dimensão, o tempo. Se esse fosse o caso, não seria possível falar em uma apresentação [Darstellung] matemática dos mesmos, pois uma tal apresentação exige, pelo menos, duas dimensões, isto é, duas variáveis que possam ser subsumidas ao conceito de grandeza. Mas nossas sensações, representações, sentimentos, são grandezas de intensidade que se seguem uma após outra no tempo. O acontecimento interno possui, portanto, duas dimensões, o que implica que está dada a possibilidade geral de apresentá-lo em uma forma matemática¹³¹ (Wundt, 1874, p. 6).

¹²⁹ “Noch weiter aber, als selbst Chemie muß empirische Seelenlehre jederzeit von dem Range einer eigentlich so zu nennenden Naturwissenschaft entfernt bleiben, erstlich weil Mathematik auf die Phänomene des inneren Sinnes und ihre Gesetze nicht anwendbar ist, man müßte denn allein das *Gesetz der Stetigkeit* in dem Abflusse der inneren Veränderungen deselben in Anschlag bringen wollen, welches aber eine Erweiterung der Erkenntnis sein würde, die sich zu der, welche Mathematik der körperlehre verschafft, ungefähr so verhalten würde, wie die Lehre von den Eigenschaften der geraden Linie zur ganzen Geometrie. Denn die reine innere Anschauung, in welcher die Seele-Erscheinungen construiert werden sollen, ist der Zeit, die nur eine Dimension hat”.

¹³⁰ Uma declaração de Pierre Janet expressa bem essas tentativas: “Sem dúvida, esse método media algo com grande precisão; nem sempre, contudo, podia dizer com precisão o que media” (Janet *apud* Mueller, 1960/1969, p. 313).

¹³¹ Wundt ainda acrescenta: “Nossas representações são grandezas indeterminadas, que somente se tornam acessíveis a uma consideração exata quando são transformadas em grandezas determinadas, isto é, são medidas.” E ainda, mais adiante: “Nesse caso, resta apenas o fato de que o acontecimento interno traz consigo um caráter matemático, por assim dizer, na medida em que tudo que acontece em nós se submete

Segundo Wundt, portanto, possuindo duas dimensões, os fenômenos psíquicos podem ser medidos a partir de uma relação com uma grandeza determinada que serviria de medida; essa relação fixa (*feste Beziehung*) seria, aquela que “*existe somente entre as causas e seus efeitos*” (Wundt, 1874, p. 6). Em relação ao argumento de Wundt, Brentano ressalta que este está de acordo com Kant ao afirmar que somente poderia existir uma psicologia científica na medida em que os fenômenos, por ela estudados, possuíssem uma segunda dimensão, isto é, pudessem ser submetidos ao emprego da matemática, conforme Wundt defende ser o caso.

Para Brentano, porém, a crítica de Kant não traz grandes problemas, isso porque, por um lado, “*haverá sempre oportunidade de aplicação da matemática, quando há algo que pode ser contado*” (PES, p. 95) – ainda será necessária a matemática, por exemplo, para decidir se uma idéia seria provocada, quando três condições atuam a favor e duas contra isso – e, por outro, porque a matemática

parece ser somente necessária ao tratamento exato de todas as ciências, pelo fato de que hoje encontramos grandezas em todos os âmbitos. Se houvesse um âmbito, em que nada semelhante existisse, então seria possível afirmações [*Feststellungen*] exatas também sem a matemática. Se não houvesse intensidades no âmbito dos fenômenos psíquicos, então seria como se todos os fenômenos possuíssem uma intensidade igual e invariável, que poderíamos ignorar completamente. Evidentemente, todas as determinações [*Bestimmungen*] não seriam menos exatas do que hoje e somente sua tarefa seria substancialmente simplificada e facilitada. Contudo, existem, de fato, diferenças de intensidades em representações e afetos; a isso se liga a necessidade de mensuração matemática; isso se as leis da psicologia devem alcançar aquela precisão e exatidão que teriam se seus fenômenos não tivessem nenhuma intensidade, ou pelo menos, nenhuma diferença de intensidade (PES, p. 95, 96).

ao conceito de grandeza” (Wundt, 1874, p. 6, 8). “*Es ist nämlich nicht richtig, dass das innere Geschehen nur eine Dimension hat. Wäre dies der Fall, so würde allerdings von einer mathematischen Darstellung nicht die Rede sein können, weil eine solche immer mindestens zwei Dimensionen, d. h. zwei Veränderliche, die dem Grössenbegriff subsumirt werden können, verlangt. Nun sind unsere Empfindungen, Vorstellungen, Gefühle intensive Grössen, welche sich in der Zeit an einander reihen. Das innere Geschehen hat also jedenfalls zwei Dimensionen, womit die allgemeine Möglichkeit dasselbe in mathematischer Form darzustellen gegeben ist. (...) In diesem Fall bleibt nur die Thatsache, dass das innere Geschehen so zu sagen einen mathematischen Charakter an sich trägt, insofern Alles was in uns vorgeht dem Begriff der Grösse sich unter ordnet.*”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Para Brentano, portanto, a censura kantiana não é uma ameaça à existência de uma psicologia científica. Em oposição clara a Kant, Herbart foi quem primeiro declarou a necessidade de mensuração dos fenômenos psíquicos. Porém, ele associou a isso tantos princípios arbitrários, que muito pouco progrediu, falhando por completo sua tentativa de encontrar uma medida para essa mensuração. Como já mencionamos, não faltaram tentativas nessa direção, sendo as mais famosas a de Weber e a de Fechner. Fechner procurou estabelecer uma medida para a intensidade dos fenômenos psíquicos, a partir da mensuração da intensidade dos fenômenos físicos, o que era comum em sua época. A partir daí fundou a, por ele denominada, “*lei fundamental de Weber*” ou “*lei fundamental da psicofísica*”.

Já assinalamos em uma nota¹³² como Brentano indica um grave problema nessa medida encontrada por Fechner, inviabilizando sua utilização. Em poucas palavras, tratava-se do seguinte:

Havia-se determinado que o aumento do estímulo físico, que produz um igualmente notável [merklich] aumento na força da sensação, sempre fica na igual relação com a grandeza do estímulo ao qual ele é acrescido. Depois, tomou-se por evidente, que cada aumento igualmente notável da sensação deveria ser considerado como igual. Assim, chegou-se à lei que diz que a intensidade da sensação aumenta na mesma grandeza, quando o aumento relativo do estímulo físico é igual. Na verdade, não é de modo algum previamente evidente que cada aumento notável da sensação seja igual, mas sim que ele seja igualmente notável (PES, p. 97).

Desse modo, Brentano argumenta que Weber e Fechner acreditaram muito cedo ter alcançado o objetivo, dando passo a mais do que deveriam. Ele inclusive propõe uma reformulação da lei de Weber, chegando à seguinte lei: “*Quando a intensidade do estímulo físico cresce um mesmo número de vezes [ein Gleichvielfaches], então cresce também a intensidade da sensação um mesmo número de vezes*”¹³³ (PES, p. 99).

Brentano salienta ainda alguns outros aspectos. Em primeiro lugar, a possibilidade de mensuração de intensidades se restringe, segundo o método deles, inteiramente aos

¹³² Cf. nota 43.

¹³³ “Wenn die Stärke des physischen Reizes um ein Gleichvielfaches wächst, so wächst auch die Intensität der Empfindung um ein Gleichvielfaches.”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

fenômenos que são produzidos por estímulo exterior dos órgãos do sentido. Falta, portanto, uma medida de intensidade para todos os fenômenos psíquicos que tem seu fundamento em processos físicos interiores ao organismo, ou para aqueles que são produzidos por outros fenômenos psíquicos – e esse é o caso da grande maioria dos fenômenos psíquicos, como os desejos, vontades, opiniões e outros. Em segundo lugar, as sensações dependem, além da intensidade dos estímulos externos, também de condições psicológicas, como, por exemplo, a atenção. Em terceiro lugar, poder-se-ia ainda apontar para o fato de que o que Fechner está de fato medindo não são fenômenos psíquicos, mas fenômenos físicos, como a cor e o som¹³⁴. E mesmo que se alegasse, com certa razão, que ao medir a intensidade dos fenômenos físicos se estaria simultaneamente medindo a intensidade dos fenômenos psíquicos correspondentes, essa mensuração seria apenas parcial, isto é, apenas relativa ao seu objeto primário¹³⁵.

Assim sendo, a mensuração da intensidade dos fenômenos psíquicos não se mostra possível, reduzindo toda a tentativa a algumas comparações vagas. Ficam claras, dessa forma, as razões pelas quais se afirma que as leis alcançadas pelo psicólogo não possuem uma precisão: *“em primeiro lugar, porque elas são apenas leis empíricas, dependentes da influência variável de processos fisiológicos não investigados; em segundo lugar, porque a intensidade dos fenômenos psíquicos – o que é um fator realmente decisivo – ainda não pode ser submetida à mensuração precisa”*¹³⁶ (PES, p. 102). Quanto à matemática, porém, ela ainda pode ser utilizada em relações estatísticas, que têm, sem dúvida, importância para a investigação psicológica¹³⁷.

¹³⁴ Conforme capítulo dedicado à caracterização do objeto da psicologia, 5.

¹³⁵ Essa divisão de objetos aos quais se dirigem os fenômenos psíquicos será esclarecida no capítulo 5.3.

¹³⁶ “Das also sind die zwei Gründe, welche eine präzise Fassung der höchsten Gesetze psychischer Sukzession hindern: einmal, daß sie nur empirische Gesetze sind, abhängig von dem veränderlichen Einflüsse unerforschter physiologischer Prozesse; dann, daß die Intensität der psychischen Erscheinungen, welche wesentlich mit maßgebend ist, bis jetzt einer genauen Messung nicht unterworfen werden kann.” Conforme Gilson, “Brentano peut ainsi, sans se contredire, vouloir une psychologie empirique et voir une marque d’imperfection dans le caractère seulement empirique des lois les plus générales énoncées par la psychologue” (1955, p. 27).

¹³⁷ Em relação à matemática Brentano, após toda essa análise, afirma: “Portanto a matemática prova ser uma ajudante indispensável de todas as ciências, em todos os níveis de exatidão e todas as diferentes circunstâncias” (PES, p. 102). Posteriormente (Deskriptive Psychologie), Brentano abandona por completo a questão da quantificação dos psíquicos; essa questão é excluída junto com a exclusão dos componentes fisiológicos, Cf. Reimherr, 2005, p. 51. Isso é explicitamente dito por Brentano em sua conferência “Über die Zukunft der Philosophie”: “A análise matemática, que em muitos domínios da ciência da natureza é o

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Quais são então os demais procedimentos do psicólogo, além da indução de leis gerais? Brentano afirma que, embora a indução psicológica não alcance as leis fundamentais e últimas, ela chega a leis de uma abrangente generalidade. Portanto,

será possível derivar delas leis mais específicas. Assim podemos, para melhor estabelecer leis para fenômenos psíquicos complexos, tomar como modelo o método [das Verhalten] usado pelas ciências da natureza, em particular pelos fisiólogos, nos seus próprios casos complexos. Assim como o fisiólogo não se satisfaz em haver derivado a lei para fenômenos complexos das leis mais elevadas, mas se preocupa em verificar a lei derivada, por indução direta da experiência, também o psicólogo deverá procurar uma comprovação por meio indutivo, para a lei que encontrou dedutivamente (PES, p. 102, 103).

Essa verificação das leis, tomada do modelo das ciências da natureza, é de especial importância no caso do psicólogo, pois, como acabamos de ver, as leis gerais a partir das quais ele deduz as particulares, apresentam uma certa imprecisão. Posto isso, Brentano pode resumir os processos metodológicos empregados pelo psicólogo em três estágios, conforme aquela divisão apresentada pelos lógicos: “*Indução das leis mais gerais; dedução das particulares; e verificação das mesmas através dos fatos da experiência*”¹³⁸ (PES, p. 103).

As deduções irão contribuir muito na garantia da certeza dessas leis, servindo muitas vezes de explicação para elas¹³⁹. As deduções podem ser também invertidas, isto é, inverter a relação entre a derivação e a indução confirmadora:

Pois não faz diferença alguma, nem em relação ao insight que temos, nem em relação à certeza, se nós verificamos por indução uma lei que acabamos de deduzir, ou se nós a encontramos por indução e, em seguida, a explicamos tendo como referência as leis particulares. Nisso trocamos, então, o chamado método

principal instrumento de progresso, desempenha, por isso, segundo é sabido, uma função pequena ou nula em outros; e, assim, pode acontecer que grandes e geniais descobridores tenham entendido muito pouco de matemática” (Brentano, 1892/1936, p. 68, 69).

¹³⁸ “So wird denn die Psychologie reich an Beispielen sein, die der deduktiven Methode auf empirischem Gebiete und den drei Stadien, welche die Logiker für sie unterschieden haben, zu einer vorzüglichen Erläuterung: Induktion der allgemeineren Gesetze; Deduktion des besonderen; und Verifikation desselben durch Erfahrungstatsachen.”

¹³⁹ Segundo Brentano, também na investigação sobre a imortalidade o método empregado deverá ser o dedutivo. Cf. PES, p. 105, 106.

dedutivo do cientista da natureza, por aquele método que é chamado de método dedutivo invertido (PES, p. 104).

Podemos, assim, falar com Gilson, que “*O método brentariano pretende ser, portanto, ao mesmo tempo empírico e dedutivo. Deve-se sempre partir da experiência e lá chegar, e também buscar nas leis mais gerais a explicação das mais particulares, a fim de conferir a estas últimas uma inteligibilidade mais completa e uma maior certeza*” (Gilson, 1955, p. 28).

Percorrido o capítulo dedicado ao método da psicologia, podemos agora compreender o que Brentano quis dizer com sua primeira frase do livro *Psychologie*, aquela que colocamos como epígrafe deste capítulo: “*Meu ponto de vista na psicologia é o empírico: a experiência, apenas, é minha professora mestra: mas compartilho com outros a convicção de que uma certa perspectiva ideal é compatível com tal ponto de vista*”. Isto é, é possível alcançar um conhecimento evidente de leis gerais, partindo, apenas, da experiência. Resumindo os resultados obtidos nesse capítulo, referente ao método empregado pela psicologia:

- a) O verdadeiro método da filosofia (psicologia) não é outro senão o das ciências da natureza, embora haja algumas diferenças nos procedimentos e na precisão dos resultados¹⁴⁰.
- b) A percepção interna é a fonte de conhecimento que temos dos fenômenos psíquicos. Ela os percebe com evidência imediata infalível; uma observação interna é impossível.
- c) O método da observação pode ser utilizado graças à memória e às alterações externamente perceptíveis.
- d) A primeira tarefa fundamental para a investigação psicológica é a de determinar quais as características comuns a todos os fenômenos psíquicos.

¹⁴⁰ “Pareceria, então, que do ponto de vista metodológico, a relação existente entre a psicologia e as ciências da natureza fosse totalmente análoga àquela que se constata sempre no próprio interior das ciências da natureza, entre uma ciência e aquelas que a precedem na classificação: fundamentalmente o método permanece o mesmo, mas no detalhe dos procedimentos e na precisão há bastantes diferenças” (Gilson, 1955, p. 38).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

- e) Devido à grande dependência da psicologia em relação a condições fisiológicas não investigadas, as leis obtidas pelo psicólogo são empíricas e, por isso, imprecisas.
- f) Devido à impossibilidade de mensuração dos fenômenos psíquicos, as leis obtidas pelo psicólogo são inexatas. A matemática, porém, permanece uma ajudante indispensável.
- g) Os três estágios do método empregado pela investigação psicológica são: indução das leis mais gerais; dedução das particulares; e verificação das mesmas através dos fatos da experiência.
- h) Uma psicologia do ponto de vista empírico é compatível com uma perspectiva ideal.

4.3. APÊNDICE AO CAPÍTULO DO MÉTODO: DISTINÇÃO ENTRE PSICOLOGIA GENÉTICA E PSICOLOGIA DESCRITIVA.

Não é nosso objetivo analisar em detalhes as elaborações feitas a respeito das duas vertentes da psicologia, pois elas já pressupõem uma ciência psicológica constituída. Se nós aqui fazemos referência a esta distinção, isto se deve fundamentalmente a dois motivos: o primeiro motivo é a importância que a noção de psicologia descritiva adquiriu e, com isso, a força com que esta noção influencia a leitura da obra *Psychologie*. Como havíamos ressaltado, há uma ambivalência na posição que a psicologia ocupa na hierarquia das ciências, pois, por um lado, ela trata dos fenômenos mais complexos e dependentes e, por outro, ela seria o fundamento das demais ciências; havíamos perguntado se Brentano estaria de fato se referindo a uma mesma psicologia.

O segundo motivo, aquele que justifica essa discussão estar inserida como um apêndice ao capítulo do método, é que a distinção entre psicologia descritiva e psicologia genética se manifesta, claramente, em relação aos métodos e procedimentos próprios a cada uma. Consequentemente, a distinção apresenta, também, uma diferença no caráter das leis obtidas por cada uma delas. Nosso objetivo será, portanto, apenas o de esclarecer a distinção das duas psicologias em relação aos seus procedimentos metodológicos e às

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

suas leis, e dessa forma compreender a ambivalência da psicologia de 1874, conforme havíamos salientado.

Embora o termo psicologia descritiva já houvesse sido empregado por Brentano desde, aproximadamente, 1885/6, a clara distinção entre psicologia descritiva e psicologia genética aparece nos cursos de 1887 a 1891¹⁴¹. Antes de apontarmos alguns aspectos desses cursos, podemos, a partir de um texto escrito por Brentano em 1895, entrever a importância da distinção entre as duas psicologias no que se refere a suas diferentes posições na hierarquia das ciências:

Minha Escola distingue uma psicognosia e uma psicologia genética (em analogia distante à geognosia e geologia). Uma apresenta todos os últimos elementos psíquicos, a partir da combinação dos quais resulta a totalidade dos fenômenos psíquicos, assim como a totalidade das palavras resulta das letras. Sua realização poderia servir como base para uma *characteristica universalis*, como concebida por Leibniz e, antes dele, Descartes. A outra nos ensina sobre as leis segundo as quais os fenômenos vem e desaparecem. Uma vez que, devido à inegável dependência das funções psíquicas em relação aos processos no sistema nervoso, as condições são, em grande medida, fisiológicas, pode-se perceber como aqui [psicologia genética] as investigações psicológicas devem se entrelaçar com as investigações fisiológicas (Brentano *apud* Kraus, 1924, p. XVII).

Como vemos, aqui se evidencia uma diferença nítida entre a psicologia genética e a psicologia descritiva: a primeira investiga o aparecimento e desaparecimento dos fenômenos, isto é, a relação causal existente entre fenômenos psíquicos; uma vez que as ‘funções psíquicas’ dependem de processos fisiológicos e de condições determinadas do sistema nervoso, essa psicologia é, essencialmente, uma “*psicologia fisiológica*”. A segunda, porém, ao investigar os ‘últimos elementos psíquicos’ e suas combinações, é “*relativamente independente da fisiologia*” (Brentano, 1982/1995, p. 138).

Aqui já se pode perceber a razão de uma distinção entre as psicologias e, concomitantemente, vislumbrar uma consequência necessária em relação à posição de cada uma no “*edifício do conhecimento*”. Quatro anos antes, de maneira semelhante, o

¹⁴¹ Trata-se dos cursos intitulados: “Deskriptive Psychologie” (1887-8), “Deskriptive Psychologie oder beschreibende Phänomenologie” (1888-9) e “Psychognosie” (1890-91). Os cursos de 1887 a 1889 estavam mais voltados a questões da psicologia dos sentidos, enquanto que os cursos de 1890-91 tratavam especificamente da natureza da psicologia descritiva.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

curso sobre a psicognosia inicia apresentando a psicologia e sua divisão em seus dois ramos:

Psicologia é a ciência da vida interior das pessoas, isto é, a parte da vida que é apreendida na percepção interna. Ela visa determinar exaustivamente (se possível) os elementos da consciência humana e o modo pelo qual eles estão ligados; e ela visa descrever as condições causais às quais os fenômenos particulares estão sujeitos. A primeira [tarefa] é assunto da psicognosia [ou psicologia descritiva], a segunda é assunto da psicologia genética (Brentano 1982/1995, p. 3).

Um dos motivos que levaram Brentano a essa distinção da psicologia de 1874 é justamente a diferença no grau de dependência que cada uma mantém. Se a psicologia genética é, essencialmente, uma psicologia fisiológica, isto é, referida a condições fisiológicas mais básicas, então ela não poderia jamais estar na condição de fundamento seguro das demais ciências e da filosofia. Por outro lado, a psicologia descritiva, no que se refere à independência daquilo que investiga, poderia, a princípio, ocupar essa posição. Todavia, a independência de uma investigação não é razão suficiente para que uma ciência possua o estatuto epistemológico de fundamento das demais ciências. Ela deve, antes de tudo, ser uma ciência precisa e exata. E esse é de fato o caso, pois, conforme escreve Brentano: “*a psicognosia é uma ciência exata, enquanto que a psicologia genética deverá renunciar para sempre a qualquer pretensão de exatidão*” (Brentano, 1982/1995, p. 3).

Ou seja, enquanto a psicologia genética está fadada a um certo grau de incerteza e imprecisão – devido à dependência das funções psíquicas em relação a elementos químicos não intuitivos (*unanschaulich*), isto é, elementos “*que somente podem ser caracterizados em termos relativos através de seus múltiplos efeitos diretos e indiretos em nossa consciência*” (Brentano, 1982/1995, p. 4) –, a psicologia descritiva, por sua vez, estabelecerá leis com acuidade e precisão, isso porque, diferentemente da primeira, “*os elementos da vida interior (...) estão, sem exceção, contidos intuitivamente em nossa consciência*” (1982/1995, p. 4).

Essa plena intuitividade dos conteúdos investigados pela psicologia descritiva, permite a ela alcançar, a partir dos conceitos gerais obtidos através da intuição, um conhecimento geral imediato e evidente, sem o emprego do método indutivo, ou seja, um

conhecimento preciso. Evitando apelar à indução¹⁴², método predominante nas ciências da natureza, a psicognosia não está destinada a conhecimentos meramente prováveis, mas, ao contrário, ela obtém leis *a priori* e apodíticas, de modo análogo à matemática.

Ambas, psicologia genética e psicologia descritiva, são ciências empíricas, baseadas na experiência, sendo que a última pode chegar a verdades apodíticas pois a experiência da qual extrai seus conceitos é a experiência interna, evidente; graças a isso é que Brentano pode chamá-la de psicologia pura. Em contrapartida, a psicologia genética não pode postular leis precisas, isto é, sem exceção, pois depende do método indutivo, como as demais ciências da natureza. As “leis do devir” (Gesetze des Werdens), alcançadas pela psicologia genética, por exemplo, “*não são estritamente válidas. Elas estão sujeitas a uma mais ou menos freqüente ocorrência de exceções*” (Brentano, 1982, 1995, p. 6).

Dessa forma, fica manifesta a distinção entre ambas as psicologias, no que se refere aos métodos e ao caráter de suas leis. Uma vez que a psicologia de 1874 era apenas uma, reunindo em si o que posteriormente seria a psicologia genética e a psicologia

¹⁴² As generalizações feitas pela psicognosia não dependem de induções como aquelas feitas pela *Naturwissenschaft*, mas apenas de generalizações intuitivas. No caso das ciências da natureza, as leis têm um caráter meramente probabilístico, pois uma indução completa, isto é, em que todos os elementos estão contidos, não é possível. No caso da psicognosia, poder-se-ia falar em dois outros tipos de indução presentes em sua investigação, a enumerativa e a intuitiva:

1. Indução enumerativa: a partir da descrição do fenômeno psíquico, apreende-se sua estrutura e suas partes (separáveis, distintivas ou lógicas), ampliando o conhecimento através da enumeração dos elementos que manifesta suas relações estruturais; a análise descritiva poderia ser dividida em quatro etapas: o vivenciar (Erleben), que é a base do conhecimento evidente e condição de possibilidade de apreensão da estrutura de uma experiência; o notar (Bemerken), que é o tornar explícito uma percepção, isto é, a indicação de estruturas e características implícitas em uma percepção; a fixação (Fixieren), que é a preservação e repetição daquilo que foi notado, possibilitando a coleção, a organização e a comparação do conhecimento; indução (Induzieren), que é a generalização intuitiva de leis gerais. Assim, embora as percepções sejam individuais e o procedimento de notação (bemerken) sujeito a falhas, seu fundamento é a percepção interna evidente e, com isso, sua estrutura pode ser generalizada com segurança, mesmo que de maneira incompleta. “O essencial é que os resultados não são falsos, mas talvez incompletos” (Reimherr, 2005, p. 54), (Brentano, 1982, 1995, p. 31-79).

2. Indução intuitiva: a partir de conceitos gerais pode-se chegar a conhecimentos *a priori* e apodíticos. “O psicólogo descritivo [psychognost] deve apreender as leis gerais onde a necessidade ou impossibilidade de unificação de certos elementos se torna clara através dos próprios conceitos” (Brentano, 1982, 1995, p. 75). O conhecimento sobre a relação entre as partes de uma estrutura deve ser obtido através de uma indução intuitiva, isto é, completa e evidente.

Deve-se salientar que esses procedimentos apresentados por Brentano deixam várias perguntas em aberto; a obtenção de conhecimentos *a priori* a partir de fatos da experiência permanece problemática. Cf. Reimherr, 2005, p. 53/54/55).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

descritiva, o caráter ambivalente de seu estatuto epistemológico se justifica¹⁴³. Ela era uma ciência que tratava de fenômenos complexos e dependentes, embora, ao mesmo tempo, já possuísse a pretensão de ser base para as demais ciências. Feita a distinção, a relação entre uma psicologia enquanto fundamento epistemológico e as outras ciências se manifesta na própria relação entre a psicognosia e a psicologia genética. Brentano atribuía à psicognosia uma anterioridade preparatória para a psicologia genética: “A perfeição da psicognosia será, portanto, um dos passos mais essenciais na preparação de uma psicologia genética genuinamente científica” (Brentano, 1982, 1995, p. 11). Ou seja, uma análise dos últimos elementos psíquicos e uma descrição analítica das modalidades de relação da consciência devem anteceder a investigação das relações causais entre certos fenômenos psíquicos, a fim de que essa última tarefa possa obter um desenvolvimento incomparavelmente maior.

Na obra de 1874, as tarefas de ambas as psicologias já aparecem de alguma maneira, mas não separadas como investigações distintas. Isso é o que permite Gilson afirmar que a *Psychologie* de 1874 “prepara essa distinção mais não a formula” (1955, p. 77). O próprio movimento que Brentano realiza em 1874 apresenta a relação entre essas tarefas:

Certamente o objetivo último e essencial do psicólogo, segundo a Psicologia do ponto de vista empírico, é o de determinar as leis de sucessão dos fenômenos psíquicos; mas, antes de descobri-las, ele deve discernir as características gerais comuns a todos os fenômenos psíquicos, classificar esses fenômenos e pesquisar os elementos últimos da vida psíquica. Ora, estes estudos salientaram mais tarde a psicologia descritiva, que deverá preceder a psicologia genética (Gilson, 1955, p. 77).

No próprio movimento de fundamentação da psicologia como ciência já se revelam, portanto, tarefas distintas que serão, posteriormente, propriamente divididas. Como veremos mais adiante, há outros indícios, na obra de 1874, dessas duas vias de

¹⁴³ “... no livro *Psychologie* de 1874, análises que pertenceriam à psicologia descritiva se avizinham a outras que seriam do domínio da psicologia genética, ambas parecendo situadas no mesmo plano” (Gilson, 1955, p. 76).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

investigação¹⁴⁴. Devemos seguir agora para a caracterização dos fenômenos psíquicos, objeto da psicologia.

¹⁴⁴ Dos quatro argumentos em defesa da existência de fenômenos psíquicos inconscientes, dois apresentam características claras do proceder da psicologia descritiva e dois do da psicologia genética. Cf. p. 104.

5. OBJETO DA PSICOLOGIA: CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO PSÍQUICO

A primeira parte de nosso trabalho centrou sua análise na primeira demarcação do âmbito psicológico, através de sua conceituação. O claro estabelecimento do conceito de psicologia permitia a realização de um inicial recorte do domínio a ser investigado por esta ciência. Como vimos, enquanto a psicologia tem os fenômenos psíquicos como objeto, as ciências da natureza investigam os fenômenos físicos. Com isso a primeira fronteira entre estas investigações é traçada, possibilitando a elaboração das características próprias da psicologia e encaminhando a fundamentação desta ciência na direção de uma melhor apuração de seus contornos.

Este primeiro passo é, sem dúvida, necessário, porém certamente insuficiente. Se por um lado indicou-se o fenômeno ao qual a psicologia deveria voltar seus estudos, por outro não se caracterizou com clareza este fenômeno, limitando-se à precariedade desta distinção inicial. Nas palavras do autor: “... *aquilo que foi dito não é suficiente; devemos determinar firme e precisamente o que foi apenas mencionado de passagem*” (PES, p. 109). A rigorosa delimitação do domínio psicológico, e isso significa dizer, a verdadeira fundamentação da psicologia como ciência, depende de uma caracterização mais fundamental de seu objeto. É justamente esta a tarefa do segundo livro da *Psychologie*, que, em 1911, Brentano reedita parcialmente sob o título *Da classificação do fenômeno psíquico*¹⁴⁵. A terceira parte do nosso trabalho consiste, pois, em compreender quais as caracterizações fundamentais que Brentano atribui ao objeto da psicologia, tornando-a uma ciência clara em seus limites.

É certo que, na segunda parte do trabalho – aquela dedicada à especificação do método empregado pela psicologia – alguns passos importantes no sentido desta caracterização já foram dados. Isso demonstra a circularidade do movimento de fundamentação de uma área do saber, movimento que Brentano conserva e estimula. A elaboração do método a partir do acesso ao seu objeto nos forneceu algumas indicações

¹⁴⁵ “Von der Klassifikation der psychischen Phänomene”; Brentano cuidou pessoalmente da reedição da segunda parte (capítulos 5,6,7,8,9) do livro II da *Psychologie* ao qual deu este título.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

sobre o fenômeno psíquico. Os fenômenos psíquicos, Brentano escreve, são verdadeiros em si mesmos e são percebidos com evidência (PES, p. 28). Ambas as características, que lhes contrapõe, em certa medida, aos fenômenos físicos, foram atribuídas por estarem em imediata relação com a percepção interna que se procurava determinar. A inter-relação entre percepção interna e fenômeno psíquico (o último é percebido pelo primeiro) fez com que na caracterização positiva da “innere Wahrnehmung” se alcançasse, simultaneamente, uma caracterização positiva do fenômeno psíquico.

Todavia esta caracterização positiva do objeto ao qual a psicologia se volta não é a mais fundamental, isto é, não é aquela em que reside a distinção primeira entre os fenômenos psíquicos e os fenômenos físicos. Pelo contrário, a determinação anteriormente mencionada tem em sua base uma caracterização que a antecede, que ela pressupõe, e, portanto, mais geral. Devemos, pois, seguir o caminho desta caracterização mais fundamental do fenômeno psíquico, que Brentano apresenta, e esclarecer as suas demais características.

5.1. CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO PSÍQUICO A PARTIR DO PARTICULAR.

Qual é precisamente a delimitação entre os fenômenos físicos e psíquicos? Brentano dedica um capítulo¹⁴⁶ de sua obra à elaboração de uma clara demarcação entre estas duas classes de fenômenos em que o mundo fenomênico se divide (PES, p. 109). Nesta tarefa, central no processo de elaboração de uma psicologia como ciência autônoma, apresentam-se aspectos de desacordo entre os psicólogos¹⁴⁷, o que ressalta ainda mais a necessidade de se elaborar uma determinação mais precisa. Um exemplo de confusão, já anteriormente mencionado¹⁴⁸, que se comete devido a esta falta de clareza dos limites entre as duas classes de fenômeno é o de se tomar como fenômeno psíquico o

¹⁴⁶ Primeiro capítulo do segundo livro, intitulado “Da diferença do fenômeno psíquico e físico” (“Vom dem Unterschiede der psychischen und physischen Phänomene”).

¹⁴⁷ “Isso parece ainda mais necessário, uma vez que, em relação à delimitação [Abgrenzung] de ambos os âmbitos [Gebiete], nem concordância nem completa clareza foram obtidas” (PES, p. 109).

¹⁴⁸ Cf. p. 51.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

fenômeno físico que aparece na fantasia (PES, p. 41, 42, 109). Mas este é apenas um caso singular de confusão. A falta de clareza leva alguns psicólogos a contradições mais fundamentais, como a do emprego do termo fenômeno a algo que não nos aparece:

Às vezes encontramos declarações como a de que a sensação se diferencia da fantasia pelo fato de que uma surgiria como resultado de um fenômeno físico enquanto que a outra seria provocada por um fenômeno psíquico, segundo as leis de associação. Junto a isso, porém, os mesmo psicólogos admitem que aquilo que aparece na sensação não é correspondente à sua causa eficiente [einwirkenden Ursache]. E com isso, torna-se manifesto que aquilo que eles chamam de fenômeno físico, em verdade não nos aparece; que nós, de fato, não temos nenhuma representação deles. Certamente uma maneira curiosa de mau uso do termo fenômeno! (PES, p. 110)

Estas contradições são, deste modo, conseqüência direta desta carência de uma determinação mais precisa da distinção entre as classes de fenômenos. A caracterização que Brentano pretende apontar visa justamente eliminar as confusões e falta de consenso entre os psicólogos. E o primeiro passo para isso é um esclarecimento dos termos “fenômeno psíquico” e “fenômeno físico”. Ele nos diz o que entende por esclarecimento:

O esclarecimento a que nós aspiramos não é uma definição segundo as tradicionais regras da lógica. Estas foram recentemente objeto de uma crítica imparcial; e muito ainda poderia se acrescentar às acusações que já foram feitas. O que pretendemos é a clarificação de ambos os termos: fenômeno físico – fenômeno psíquico. Queremos eliminar toda má compreensão e confusão que os dizem respeito. E a nós não interessa o meio a ser utilizado, se eles realmente apenas servirem à clarificação (PES, p. 110, 111).

Este esclarecimento¹⁴⁹ (Erklärung), que é antes uma clarificação dos termos do que uma definição lógica das classes de fenômenos, visa, sobretudo, exemplificar o que estes nomes denotam, uma vez que estes “*não são usuais na vida ordinária*” (PES, p. 111). Isto significa que o primeiro passo nesta delimitação pretendida não é realizado através de determinações mais gerais e universais. Estas não são suficientes quando o

¹⁴⁹ Costuma-se traduzir o termo “Erklärung” por explicação. Achamos justo nesse caso traduzi-lo pelo seu sentido literal, pois se trata, justamente, de uma clarificação dos termos através de exemplos e não de uma explicação através de definições.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

pretendido é, não uma definição lógica mais geral, mas uma clarificação do sentido dos termos que dão nome às classes de fenômenos. Brentano nos precisa o sentido de se iniciar a caracterização dos fenômenos a partir de determinações particulares :

Para este fim, não é conveniente apenas a indicação de determinações mais gerais e superiores. Assim como a dedução é oposta à indução no domínio dos procedimentos de demonstração, assim também aqui o esclarecimento através do mais geral se opõe ao esclarecimento através do particular, através do exemplo. E este último tipo de esclarecimento terá seu lugar toda vez que os termos particulares forem mais claros que os termos gerais. Assim, é provavelmente um procedimento mais eficaz quando se explica o termo cor dizendo que ele designa o gênero para vermelho, azul, verde e amarelo, do que, inversamente, querer esclarecer o vermelho como um tipo particular de cor. Além disso, o esclarecimento através de determinações particulares prestará melhores serviços quando se trata, como em nosso caso, de termos que não são usuais na vida ordinária, enquanto que os dos fenômenos particulares incluídos abaixo deles são usados frequentemente (PES, p. 111).

Quais exemplos temos, então, de fenômenos físicos e psíquicos? A representação (Vorstellung) que obtemos através da sensação ou da fantasia é um exemplo de fenômeno psíquico. O nome representação possui, porém, um sentido bem claro quando Brentano aqui o emprega: “*eu compreendo aqui, sob o termo representação, não aquilo que é representado, mas o ato de representar*” (PES, p. 111). Portanto, o ouvir um som, o ver um objeto colorido e o sentir calor ou frio são exemplos de representação; ser representado é, portanto, identificado com o aparecer (erscheinen) (PES, p.114). Outros fenômenos psíquicos são, por exemplo, “*toda juízo, toda recordação, toda expectativa, toda inferência, toda convicção ou opinião, toda dúvida*” (PES, p. 112), além das emoções ou afetos (Gemütsbewegungen) como alegria, tristeza, medo, desejo, vontade, amor e ódio, entre outros. Exemplos de fenômenos físicos, por outro lado, são: uma cor, uma figura que eu vejo; um acorde que ouço; calor, frio e odor que sinto¹⁵⁰ (PES, p. 112).

¹⁵⁰ Omitimos o termo paisagem (Landschaft) que Brentano inclui como exemplo de fenômeno físico do ato de ver a paisagem, tendo em vista a nota de Kraus. Segundo ele, é censurável esta inclusão feita por B., pois ele mesmo tinha como certo “que eu não posso ver uma ‘paisagem’, mas somente algo colorido, extenso e de alguma forma delimitado”, ou seja, “paisagem não é nenhuma qualidade sensível e, de modo algum, objeto da percepção [Anschauung]” (Kraus, 1924, nota 2, p. 266, 267). Segundo Kraus, tudo que está para além das formas extensas e coloridas que são vistas quando se ‘vê’ a paisagem, se trata de

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

Deve-se enfatizar que os fenômenos psíquicos (representação, juízo, desejo, etc.) são sempre atos psíquicos e não o seu conteúdo (aquilo que é representado, julgado, desejado).

Estes exemplos ilustram as duas classes de fenômenos. Brentano pretende, contudo, alcançar um esclarecimento dos fenômenos psíquicos de uma maneira mais unificada. E para tanto ele afirma algo a seu respeito que a grande maioria dos psicólogos ou pensadores admite como correta¹⁵¹, a saber, “... *que eles [fenômenos psíquicos] são ou representações (...) ou tem representações por base*”¹⁵² (PES, p. 120). Isso significa que a representação (sempre tomada no sentido do ato de representar) é o grupo mais básico, que ocupa “*o primeiro lugar*” entre os fenômenos psíquicos; é o “*mais simples*” e “*independente*” deles (PES-E, p. 266). “*O ato de representar, escreve Brentano, constitui não somente a base do ato de julgar, mas também do ato de desejar e todos os*

interpretação em termos de juízos e conceitos. Ele afirma, apoiado na interpretação de Carl Stumpf em “*Errinerungen an Franz Brentano*”, que este impreciso exemplo de B. levou Husserl a mal-entendidos e uma reprovação incorreta. Ainda vale notar que a mesma censura em relação à paisagem caberia com referência ao acorde, que “*não é um simples som, mas vários sons que são julgados a combinar em uma unidade harmônica*”, como nota L. McAlister (2004, p.165, 166). Ela ressalta que paisagens e acordes podem ser objeto de juízos e outras atividades mentais e que, por serem compostos de qualidades sensíveis – que são fenômenos físicos – poder-se-ia chamá-los, falando de maneira mais livre, de fenômenos físicos também, como Brentano em outras partes também faz. Transcrevo abaixo o trecho completo conforme o original: “*Ein Beispiel für die psychischen Phänomene bietet jede Vorstellung durch Empfindung oder Phantasie; und ich verstehe hier unter Vorstellung nicht das, was vorgestellt wird, sondern den Akt des Vorstellens. Also das Hören eines Tones, das Sehen eines farbigen Gegenstandes, das Empfinden von warm oder kalt, sowie die ähnlichen Phantasiezustände sind Beispiele, wie ich sie meine; ebenso aber auch das Denken eines allgemeinen Begriffes, wenn anders ein solches wirklich vorkommt. Ferner jedes Urteil, jede Erinnerung, jede Erwartung, jede Folgerung, jede Überzeugung oder Meinung, jeder Zweifel – ist ein psychisches Phänomen. Und wiederum ist ein solches jede Gemütsbewegung, Freude, Traurigkeit, Furcht, Liebe, Haß, Begierde, Willen, Absicht, Staunen, Bewunderung, Verachtung usw.*

Beispiele von physischen Phänomenen dagegen sind eine Farbe, eine Figur, eine Landschaft, die ich sehe; ein Akkord, den ich höre; Wärme, Kälte, Geruch, die ich empfinde; sowie ähnliche Gebilde, welche mir in der Phantasie erscheinen”(PES, p. 111, 112)

¹⁵¹ Brentano vê no fato de haver consenso a este respeito já um sinal da clareza deste argumento, isto porque quase não se encontrava consenso algum acerca dos temas da psicologia na época de sua imaturidade (séc. XIX). Isto de forma alguma significa que Brentano não necessita realizar uma análise mais pormenorizada, como o faz.

¹⁵² “...daß sie entweder Vorstellungen sind, oder (...) auf Vorstellungen als ihrer Grundlage beruhen”. Vemos aqui a influencia direta de Aristóteles, que afirma que o objeto do desejo deve ser também objeto de conhecimento (De Anima. III, 10. §. 4. 433, b, 10).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

demais atos psíquicos”¹⁵³ (PES, p. 112). Nada pode ser julgado, temido, desejado etc., se não for também representado.

Brentano cita Herbart¹⁵⁴ e Lotze para corroborar esta caracterização dos fenômenos psíquicos e apresenta alguns exemplos que poderiam levar a se supor fenômenos psíquicos que não são nem representação e nem tem uma representação por base. Alguém poderia pensar, por exemplo, que os sentimentos (Gefühle) não têm por base representação alguma e, no entanto, não se tem dúvida de que pertencem à classe dos fenômenos psíquicos e não físicos. Argumentaria que se alguém se corta ou se queima, não haveria representação do toque ou do calor, apenas o sentimento de dor. Todavia, Brentano insiste que também esses sentimentos têm uma representação por base: *“mesmo nestes casos temos a representação de uma determinada localização espacial, que normalmente caracterizamos em relação a uma ou outra parte visível e palpável de nosso corpo”* (PES, p. 116). Outras representações além da localização espacial também estão presentes, como a representação de uma qualidade sensível particular semelhante aos demais fenômenos físicos como a cor e o som. Brentano enfatiza que o fundamental é que se possa fazer a distinção entre o fenômeno físico que nos aparece como um objeto da percepção externa e o fenômeno psíquico que acompanha a sua aparição. Em relação ao exemplo da dor o autor escreve:

Tudo se esclarece quando se aprende a diferenciar entre a dor no sentido em que o termo designa a aparente condição de uma parte de nosso corpo e o sentimento de dor que se liga à sua sensação. Feito isso, não haverá, então, mais a inclinação para se afirmar que não há representação na base do sentimento da dor sensorial sentida em uma lesão (PES, p. 120).

Com isso Brentano pode assegurar como correta a caracterização dos fenômenos psíquicos como sendo ou uma representação ou tendo uma representação por base. Esta determinação tornar-se-á mais clara quando tratarmos da classificação destes fenômenos. Nesta segunda caracterização realizada, após a exemplificação primeira,

¹⁵³ “Dieses Vorstellen bildet die Grundlage des Urteilens nicht bloß, sondern ebenso des Begehrens, sowie jedes anderen psychischen Aktes”.

¹⁵⁴ “Jedesmal, indem wir fühlen, wird irgend etwas, wenn auch ein noch so vielfältiges und verwirrtes Mannigfaltiges, als ein vorgestelltes im Bewußtsein vorhanden sein; so daß dieses bestimmte Vorstellen in diesem bestimmten Fühlen eingeschlossen liegt. Und jedesmal, indem wir begehren,... haben [wir] auch dasjenige in Gedanken, was wir begehren” (Herbart in Brentano, PES, p. 113).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

obteve-se um esclarecimento mais simples do conceito de fenômeno psíquico. Porém, ainda não suficiente, visto que não os integra em um grupo unificado, mas os mantém divididos em dois grupos. Deve-se, portanto, encontrar uma característica que os delimitem enquanto uma classe unificada e distinta da dos fenômenos físicos e que, desta maneira, seja uma determinação geral destes fenômenos que cabe ao psicólogo investigar.

5.2. INTENCIONALIDADE: CARACTERIZAÇÃO POSITIVA E GERAL DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.

A tentativa de se obter uma caracterização completamente unificada dos fenômenos psíquicos, de forma a distingui-los dos fenômenos físicos, tem uma longa história, podendo-se remetê-la, por exemplo, a Descartes, Spinoza e a Kant. Estes autores alcançaram uma determinação negativa desta classe de fenômenos: afirmaram que todos os fenômenos físicos possuem extensão e uma localização espacial e, ao contrário destes, os fenômenos psíquicos carecem de extensão e localização espacial. Teríamos assim uma delimitação precisa entre as duas classes de fenômenos, distinção esta que se manteria em obras mais recentes, como em *Mental Science* (1869) de A. Bain¹⁵⁵. Os fenômenos psíquicos seriam, desse modo, reunidos a partir dessa caracterização, ainda que negativa.

Todavia, mesmo em relação a esta determinação não há um consenso; rejeitam esta demarcação por diferentes razões. Alguns autores, como Berkeley, Herbart, Lotze, Mill e Spencer afirmam que esta determinação é falsa, “*pois não apenas os fenômenos psíquicos, mas também alguns fenômenos físicos aparecem sem extensão*” (PES, p. 122). Segundo eles, alguns ou até todos os sentidos aparecem originalmente livres de extensão e localização espacial¹⁵⁶; quando se trata dos fenômenos sonoros e olfativos a grande

¹⁵⁵ Bain concorda com os argumentos que apresentamos em seguida e que recusam estabelecer a distinção sobre esta base. Podemos, no entanto, afirmar que ele ainda defende esta distinção sem nos contradizermos, na medida em que ele não concebe os fenômenos do sentido externo como fenômenos físicos.

¹⁵⁶ Para Berkeley isso vale para as cores; para Platner isso vale para os fenômenos do tato; para Herbart, Lotze, Spencer e ambos os Mill (James e John Stuart) isso vale para todos os fenômenos do sentido externo.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

maioria é dessa opinião. E se alguns fenômenos do sentido externo nos dão a impressão de aparecer com uma determinação espacial, isto se deve ao fato de que nós “*unimos a eles representações espaciais gradualmente desenvolvidas, com base em experiências passadas*” (PES, p. 122).

Outros autores recusam esta demarcação, não porque se afirma que todos os fenômenos físicos aparecem com extensão, mas porque se afirma que todos os fenômenos psíquicos aparecem como carentes de extensão; “*segundo eles, alguns fenômenos psíquicos também se mostram extensos*” ¹⁵⁷ (PES, p. 123). Aristóteles parece defender tal idéia quando ele afirma como evidente que “*a percepção sensorial é um ato de um órgão corporal*” (PES, p. 123). Alguns psicólogos modernos são de mesma opinião quando, em relação aos afetos, falam do sentimento de prazer e dor, que aparecem nos órgãos externos, mesmo após a amputação de um membro; e sentimento é um fenômeno psíquico.

Portanto, seja por uma razão ou pela outra, essa distinção entre as classes de fenômenos permanece um tema controverso. A demarcação proposta não parece, pois, ser adequada, além de que, em relação aos fenômenos psíquicos, a caracterização é apenas negativa. Por isso Brentano argumenta que “*... uma outra caracterização comum aos fenômenos psíquicos é ainda desejável*” (PES, p. 124). Isso significa que se deve, agora, obter uma característica *positiva* e *geral* dos fenômenos psíquicos.

Qual característica distintiva e positiva pode-se, enfim, atribuir aos fenômenos psíquicos como um todo? Há autores, como, por exemplo, A. Bain, que pensam não haver uma característica positiva para esses fenômenos; Brentano lembra, porém, que já os psicólogos antigos haviam atentado para um parentesco comum aos fenômenos psíquicos e estranho aos fenômenos físicos:

Todo fenômenos psíquico é caracterizado por aquilo que os escolásticos da idade média chamaram de inexistência intencional (ou ainda mental) de um objeto, e o que nós chamaríamos, embora com expressões não totalmente inequívocas, a referência a um conteúdo, a direção a um objeto (pelo qual não há que se entender uma realidade), ou a objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si

¹⁵⁷ Esse não é o caso de Brentano; segundo ele “a afirmação de que os fenômenos psíquicos apareceriam extensos se embasa, evidentemente, em uma confusão do fenômeno físico com o psíquico...” (PES, p. 124).

algo como objeto, embora nem todos do mesmo modo. Na representação, algo é representado; no juízo, algo é afirmado ou negado; no amor, amado; no ódio, odiado; no desejo, desejado, e assim por diante. Essa inexistência intencional é característica exclusivamente dos fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico mostra algo semelhante. E, conseqüentemente, nós podemos definir os fenômenos psíquicos, dizendo que são aqueles fenômenos que contém intencionalmente em si um objeto¹⁵⁸ (PES, p. 124).

Neste parágrafo, sem dúvida alguma o mais famoso e citado da obra de Brentano, ele nos apresenta um critério para a distinção entre os dois tipos de fenômenos. A intencionalidade seria uma característica exclusiva dos fenômenos psíquicos, distinguindo-os dos fenômenos físicos. Brentano esclarece em uma nota, que Aristóteles já falava desta in-habitação psíquica (*psychische Einwohnung*)¹⁵⁹ que os escolásticos chamaram de *inexistência intencional* – termo em que o prefixo ‘in’ designa um locativo, isto é, o lugar desta existência – indicando a existência do objeto no espírito¹⁶⁰. A mesma concepção esteve presente na obra de Filon, com a doutrina da existência e inexistência mental, assim como em Agostinho na doutrina do *Verbum mentis*, e Anselmo em seu argumento ontológico. Tomás de Aquino, cuja obra serviu de ajuda para Brentano na compreensão de Aristóteles¹⁶¹, ensina que o objeto pensado está intencionalmente naquele que pensa o objeto, o objeto do amor, naquele que ama, utilizando isso com fins

¹⁵⁸ “Jedes psychische Phänomen ist durch das charackterisiert, was die Scholastiker des Mittelalters die intentionale (auch wohl mentale) Inexistenz eines Gegenstandes genannt haben, und was wir, obwohl mit nicht unzweideutigen Ausdrücken, die Beziehung auf einen Inhalt, die Richtung auf ein Objekt (worunter hier nicht eine Realität zu verstehen ist), oder die immanente Gegenständlichkeit nennen würden. Jedes enthält etwas als Objekt in sich, obwohl nicht jedes in gleicher Weise. In der Vorstellung ist etwas vorgestellt, in dem Urteil ist etwas anerkannt oder verworfen, in der Liebe geliebt, in dem Hasse gehaßt, in dem Begehren begehrt usw. Diese intentionale Inexistenz ist den psychischen Phänomenen ausschließlich eigentümlich. Kein physisches Phänomen zeigt etwas Ähnliches. Und somit können wir sagen, sie seien solche Phänomene, welche intentional einen Gegenstand in sich enthalten.”

¹⁵⁹ “Pois cada órgão sensorial é capaz de receber o sensível sem a matéria. E por isso, também, que as sensações e imaginações permanecem nos órgãos sensoriais mesmo quando já sumiram objetos sensíveis” (Aristóteles, *De anima*. III, 2. § 4, 425, b, 25).

¹⁶⁰ Mais do que uma referência ao lugar de existência, o ‘in’ da expressão escolástica aponta para o modo de ser do objeto intencional. Cf. Porta, 2002, p. 104. Ver interpretação ontológica da intencionalidade, p. 93

¹⁶¹ “First of all I had to apprentice myself to a master. But since I was born when philosophy had fallen into most lamentable decay, I could find none better than old Aristotle. To understand him, which is not always easy, I enlisted the help of Thomas Aquinas” (Brentano, *Die Abkehr vom Nichtrealen*, p. 291, in George e Koehn, 2004, p. 20)

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

teológicos: “quando a escritura fala de uma in-habitação do espírito santo, então ele esclarece esta como uma in-habitação intencional através do amor” (PES, p. 125).

Como devemos compreender esta intencionalidade que é característica dos fenômenos psíquicos? Muito se discute sobre o parágrafo em que Brentano assinala esta determinação dos fenômenos psíquicos, resultando em várias interpretações distintas. Podemos, no entanto, dividi-las em duas principais¹⁶²: a) interpretação ontológica – que enfoca a expressão ‘objetividade imanente’ – e b) interpretação psicológica – que enfoca a expressão ‘direção a um objeto’. Para nossos fins, a interpretação psicológica é a mais significativa. Porém, para compreendê-la satisfatoriamente é necessário que alguns de seus pressupostos ontológicos sejam brevemente examinados, uma vez que, como afirma McAlister, “*todos os outros aspectos da filosofia de Brentano utilizam sua epistemologia como ponto de partida, e são estruturados da mesma maneira*” (2004, p. 149).

a) Interpretação ontológica

A expressão objetividade imanente (immanente Gegenständlichkeit) abre um leque de questões acerca do caráter ontológico de ambos os entes desta ‘relação’ (entre o fenômeno psíquico e o objeto que ele contém intencionalmente em si). O próprio termo ‘relação’, que propositalmente colocamos entre aspas, já está carregado de interpretações ontológicas prévias, pois o que usualmente se compreende por este nome é algo a que pertence a existência de dois termos correlativos (Cf. Kraus, p. XXV). Ora, se uma relação exige a existência de ambos os seus termos (fundamentos, como se costuma chamar), pressupõe, portanto, que se trata de duas entidades existentes, o que evidentemente é uma asserção ontológica. Pergunta-se, portanto, se se trata de duas existências, e, conseqüentemente, de uma relação no sentido próprio; ou não, e, então, de uma outra espécie de ‘relação’. Deve-se ressaltar que estas questões não são diretamente tematizadas na época da *Psychologie*, apenas posteriormente.

Para que possamos responder isso, é necessário compreender como Brentano empregava este termo, isto é, como ele entendia essa ‘relação’. O problema do estatuto ontológico do objeto intencional (objeto que está contido no fenômeno psíquico), que tem

¹⁶² Cf. Reimherr, 2005 p. 125. Ou, também, Cf. Chrudzimski, 2001, p. 176.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

suas raízes na referência de Aristóteles a uma inexistência imaterial das formas sensíveis nos órgãos sensoriais, levanta a questão sobre o modo de ser deste ‘objeto’¹⁶³. Pois “*uma distinção deve ser feita entre a presença física de um atributo em uma coisa, e a existência de um atributo sentido nos órgãos sensoriais*”¹⁶⁴ (George & Koehn, 2004, p. 26). Esta distinção é realizada pelos escolásticos, que utilizam o termo ‘objetivo’ (objektiv) para “*especificar o modo de ser que é característico de uma forma enquanto uma forma percebida*”¹⁶⁵ (Hedwig, 1979, p. 329), em oposição àquela forma (eidos) realizada na própria coisa. Diferentemente de seu trabalho sobre a psicologia de Aristóteles¹⁶⁶, na *Psychologie*, Brentano evita o termo escolástico ‘objektiv’, em vista do sentido moderno atribuído a este termo, que é o de uma existência real fora do espírito.

O termo ‘objetividade imanente’ é empregado na *Psychologie*, justamente com a intenção de evitar os equívocos que poderiam surgir com a expressão ‘objektiv’. Contudo, a expressão substituta, ‘objetividade imanente’, não reduziu mal entendidos, exigindo, posteriormente, re-elaborações por parte de Brentano. Em 1874, seu desejo era o de expressar, com esse termo, uma “*classe independente de objetos que se caracterizam através de um modo particular de ser [eine besondere Seinsweise]*” (Reimherr, 2005, p. 125). A relação intencional se tratava de uma relação autêntica entre duas entidades existentes, sendo que, com a expressão imanente, indicava-se o modo de existência distinto do objeto intencional; isto é, um objeto (“*pelo qual não há que se entender uma realidade*”) “*que existe em, ou tem uma ‘in-existência’, existindo, não*

¹⁶³ A questão da relação intencional, central na *Psychologie*, fora tratada anteriormente por Brentano em ambos os seus trabalhos sobre Aristóteles (Dissertação de 1862 e Habilitationsschrift de 1867). Nesses trabalhos, assim como na *Psychologie*, ele se permite “uma certa suspensão dos compromissos ontológicos”; o objeto referido intencionalmente fica excluído do “âmbito da ontologia” (Chrudzimski, 2005, p. 84).

¹⁶⁴ “... pois não é a pedra que esta nela [alma], mas sim sua forma.” (Aristóteles, *De Anima*, III. 8. §. 2. p. 431, b, 25)

¹⁶⁵ Thomas de Aquino utiliza a expressão ‘modo de ser’ em relação a esta passagem do *De Anima*: “Sense receives the form without the matter, since form has a different mode of being in sense perception than it has in the sensible thing. For in the sensible thing it has a natural being; but in sense perception it has intentional being” (Thomas de Aquino *apud* McAlister, 2004, p. 153).

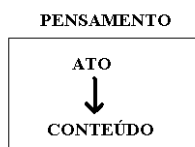
¹⁶⁶ Em seu estudo sobre a psicologia de Aristóteles e o *ΝΟΥΣ ΠΟΙΗΤΙΚΟΣ*, Brentano emprega o termo ‘objektiv’, mas não sem uma advertência: “Wir gebrauche den Ausdruck ‚objektiv‘ hier und im Folgenden nicht in dem Sinne, der in neuerer Zeit der übliche ist, sondern in jenem, den die Aristoteliker des Mittelalters damit (mit dem scholastischen objective) zu verbinden pflegten, und der eine sehr kurze und präzise Bezeichnung der Aristotelischen Lehre ermöglicht” (Brentano, 1867, p. 80).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

externamente, mas no estado psicológico em qual é pensado, como o ‘conteúdo’ interno do pensamento” ¹⁶⁷ (Jacquette, 2004, p. 102). Portanto, um ‘objeto’ que não existe na realidade, como Pégasus, pode, mesmo assim, ser objeto de um ato psíquico, tendo, evidentemente, um estatuto ontológico particular.

A tese central presente na teoria da intencionalidade é aquela que nega a possibilidade de uma relação intencional sem objeto¹⁶⁸. No entanto, uma vez que este tem uma existência meramente intencional (ou fenomenal), isto é, seu ser (existência) é dito de outro modo que o de um objeto real, a relação entre os termos exige uma hierarquização ontológica, na qual o objeto intencional depende do ato psíquico que existe real e verdadeiramente. Isso é o que leva Brentano a, posteriormente, recusar o termo relação para designar esta referência do ato psíquico ao seu objeto, indicando que se trata de uma relação especial, uma “*quase relação [ein Relativisches]*” ¹⁶⁹ (PES-E, p. 272).

¹⁶⁷ Jacquette (2004, p. 102) nos apresenta o seguinte diagrama, com a função de expor a primeira tese da intencionalidade imanente ou in-existência intencional. A seta indica a direção da intencionalidade, partindo do ato até seu conteúdo, seu objeto intencional. O quadrado indica a imanência da relação intencional, excluindo qualquer relação com o transcendente, com o exterior.



¹⁶⁸ Isso vale em todos os casos, mesmo naqueles em que parece não haver um objeto positivo, conforme exemplo do silêncio no moinho apresentado por Brentano (PES, p. 189,190,191).

¹⁶⁹ O modo pelo qual Brentano compreendia o estatuto do objeto intencional sofreu várias modificações ao longo de sua vida. Na usual divisão da obra de Brentano em duas distintas fases (embora não haja consenso a este respeito, Cf. Chrudzimski, 2001, p. 176), a primeira seria aquela, antes e na época da *Psychologie*, onde se apresenta a tese da intencionalidade imanente, e a segunda, aquela em que ele rejeita esta tese, negando a *in-existência* intencional dos objetos intencionados. As implicações da primeira tese não são poucas. Por exemplo, “se o objeto intencional é de algum modo interno ao pensamento pelo qual ele é intencionado, parece, pois, que não seria possível que duas pessoas pensassem precisamente na mesma coisa” (Jacquette, 2004, p. 103). Essa tese deixa, pois, obscuro o modo como se dá o contato com entidades externas, para além dos estados internos. A. Höfler, por exemplo, em vista da possível não existência do objeto intencional, interpretou o objeto imanente que aparece na *Psychologie*, como um objeto pensado, que existe na mente, na medida em que é pensado. Essa interpretação implicaria na estranha asserção de que, quando se ama uma pessoa, na verdade se ama um conteúdo mental e não a pessoa que transcende a consciência. Na segunda fase de sua obra, Brentano negaria o princípio de imanência, central na fase anterior. Ele, porém, afirmava que não havia alterado sua primeira posição, mas apenas precisado o que significa o termo ‘imanente’ lá empregado. Segundo ele, este termo não significa que o objeto seja uma entidade diferente do objeto transcendente, mas apenas que este objeto não precisa existir efetivamente para

A discussão resultante da interpretação ontológica da tese da intencionalidade tornou-se cada vez mais forte, sendo desenvolvida por pensadores como Höfler, Twardowski, Meinong, Husserl, entre outros. Apresentamos apenas alguns traços gerais desta interpretação que contém, porém, outros inúmeros aspectos que exigem uma investigação particular. Para nossos fins, é importante ressaltarmos que toda a elaboração deste critério de distinção dos fenômenos psíquicos se edifica sobre interpretações ontológicas, além de apontar para o desenvolvimento destas.

b) Interpretação psicológica

Brentano afirma que a característica comum aos fenômenos psíquicos é a “direção a um objeto”. Esta característica os distingue dos fenômenos físicos, que não mostram nada semelhante a isso. Esta distinção é, como vimos, o contexto em que se dá esta caracterização. Frequentemente se minimiza a importância deste contexto em nome de uma interpretação ontológica do objeto intencionado¹⁷⁰. Com relação a isso, Schuhmann faz questão de enfatizar que a definição apresentada por Brentano “*é meramente a descrição da estrutura do ato psicológico, e não uma tentativa de determinar o estatuto ontológico deste objeto/conteúdo*” (2004, p. 284). Essa interpretação enfatiza a

que possa ser um objeto intencional de um ato: “It has never been my view that immanent object is identical with ‘thought-of object’. What we think is the object or thing and not the ‘thought of object’. If, in our thought, we contemplate a horse, our thought has as its immanent object – not a ‘contemplated horse’, but a horse – can be called an object. But the object need not to exist. The person thinking may have something as the object of his thought even though that thing does not exist” (Brentano *apud* McAlister, 2004, p. 151). Comentadores significativos de Brentano, como Kraus, F. Mayer-Hillebrand e R. Chisholm, afirmam que as opiniões do jovem Brentano haviam se lhe tornado tão estranhas, a ponto de não as reconhecer como suas. Ao mesmo tempo, seria “pretensioso rejeitar o próprio testemunho de Brentano em relação ao que sua posição fora, em favor de outros” (McAlister, 2004, p. 154). McAlister e Chrudzimski, em contrapartida, não entendem que haja um ‘esquecimento’, por parte do Brentano, de suas primeiras posições. Vêm, ao contrário, que a obra segue um desenvolvimento, permitindo que se fale em uma unidade. McAlister justifica isso argumentando que o objeto ao qual o ato psíquico se dirige, enquanto objeto imanente, tem um diferente modo de ser do que o objeto quando não referido a uma mente que o intenciona, podendo-se, portanto, falar de dois modos distintos de existência de um mesmo objeto (intencional, em sua relação com a consciência, e efetivo, não referido a ela). Nesse caso, mesmo um objeto que não existe efetivamente pode existir intencionalmente, enquanto objeto de um pensamento.

¹⁷⁰ “It is no doubt Brentano’s merit to have introduced the concept of intentionality into the philosophical discussion of his time; however, the thematic context of this introduction and partial reinterpretation is generally overlooked. Its central interest can be seen in a new, that is, ‘positive’ definition of ‘psychic phenomena’ whose characteristic traits had been described previously in mainly negative terms” (Hedwig, 1979, p. 327).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

direcionalidade (Gerichtetheit) do ato psíquico, a sua “referência a algo como objeto”¹⁷¹ (PES, p. 137). Sendo esta estrutura intencional o destaque desta interpretação psicológica, “a pergunta sobre o estatuto ontológico do objeto imanente é posta entre parênteses” (Reimherr, 2005, p. 125), permitindo uma investigação consistente dos elementos da consciência e seus modos de conexão, tarefa que, como vimos, será cada vez mais desenvolvida sob o nome de psicologia descritiva. Outra vantagem desta interpretação é que ela ganha uma certa independência em relação ao desenvolvimento da ontologia brentaniana¹⁷².

Dependente da estrutura intencional do ato psíquico será sua classificação. O critério para essa classificação é determinado pela natureza do próprio fenômeno psíquico (PES-E, p. 194), ou seja, na sua referência a um objeto. Aquilo que estabelecerá os fenômenos psíquicos fundamentais será, justamente, o diferente modo com que cada ato se refere ao seu objeto:

Por essa razão, é fácil de compreender que as diferenças fundamentais no modo em que algo existe neles [fenômenos psíquicos] como um objeto, constituem as principais diferenças de classe entre os fenômenos psíquicos. Quanto mais a psicologia se desenvolveu, mais ela descobriu que as propriedades e leis comuns a cada grupo de fenômenos psíquicos estão mais intimamente ligadas a diferenças fundamentais no modo em que os fenômenos se referem a um objeto, do que a qualquer outra diferença (PES-E, p. 197).

Desse modo, a investigação sobre estrutura de referência do fenômeno psíquico, ou do ato intencional, permite todo o desenvolvimento das análises da psicologia (descritiva), assim como a obtenção de leis exatas que recusam exceção. A classificação dos fenômenos psíquicos permite, também, a realização de uma análise dos atos

¹⁷¹ “Beziehung auf etwas als Objekt”. Essa expressão, também utilizada por Brentano, “é aquela que mais claramente indica do que se trata [Sachverhalt]” (Kraus, 1924, p. 271). Ela parece estar mais de acordo com a noção aristotélica de recepção imaterial da forma sensível e da interpretação escolástica de ‘objektiv’. (Cf. Brentano, 1867, p. 80). Ou, (Smith, 1988, p. 77/78).

¹⁷² B. Smith e K. Mulligan escrevem sobre esta parcial restrição da sua ontologia em se tratando da investigação feita pela psicologia descritiva. Isso se apresenta na base desta investigação, pois ela releva a dúvida em relação a existência das qualidades sensíveis, como que ‘fingindo’ estar segura de que o que a percepção externa nos apresenta é real, limitando-se, assim, a analisar as várias partes que compõem esta experiência: “...Brentano says, he is prepared to *pretend* that external perception presents us with what is real, in order to answer the question (...): ‘out of what parts would this reality show itself to be composed’” (Smith & Mulligan, 1985, p. 642).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

envolvidos diretamente no conhecimento e, portanto, na questão da verdade. Além disso, o estudo da estrutura mental possibilita a investigação das leis de sucessão dos fenômenos, indicando as condições às quais um determinado fenômeno está sujeito, tarefa que cabe à psicologia genética (Brentano, 1982, 1995, p. 3).

Enfim, ambas as interpretações da tese da intencionalidade ajudam a esclarecer esse critério de distinção das classes de fenômenos psíquico e físico, além de indicarem diferentes vias para seu desenvolvimento. E apesar de todas as questões interpretativas e de todas as dificuldades envolvidas, incluindo aqui as reformulações realizadas pelo próprio Brentano, podemos afirmar com Gilson, que este critério de demarcação “*permanece no coração de suas análises*” (1955, p. 51).

A intencionalidade seria, assim, uma caracterização positiva dos fenômenos psíquicos. Contudo, também esta determinação não é aceita por todos. Brentano cita a posição de Hamilton que negava, a uma vasta classe de fenômenos psíquicos, esta característica. Segundo este autor, os sentimentos – prazer ou dor em seus mais variados graus – não se apresentam da mesma maneira que o ato de pensar ou desejar, por exemplo. Em relação a estes últimos, Hamilton estava de acordo com o critério da intencionalidade – “*evidentemente, não haveria nenhum pensamento sem objeto, o pensado; nenhum desejo sem objeto, o desejado*” (PES, p. 126). Porém, em se tratando de um sentimento, ele afirmava não haver a representação da impressão ou do estado psíquico, isto é, a consciência não contemplaria o estado psíquico, como algo separado, mas se fundiria com ele (in *Eins mit ihm verschmoltzen*). Hamilton usa o termo ‘*subjetivamente subjetivo*’ (subjectively subjective) para indicar a particularidade do sentimento, ressaltando não haver nenhum objeto distinto do sujeito.

Brentano discorda da posição expressa por Hamilton, e reconhece nela a mesma tendência, já anteriormente mencionada, de negar uma representação (ato de representar) na base do sentimento. Alguns sentimentos contradizem a posição de Hamilton de imediato, indicando claramente o objeto ao qual se referem:

“A própria linguagem, através de expressões, aponta para isso. Nós dizemos, *alegra-se de algo, alegra-se por algo, entristece-se e aflige-se por algo. Também se diz: isso me alegra, isto me dói, isso me faz sentir muito [das tut mir Leid], etc. Alegria e tristeza, assim como afirmação e negação, amor e ódio, desejo e repulsão,*

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

seguem claramente uma representação e se relacionam àquilo que é representado” (PES, p. 126).

Outros sentimentos podem nos dar a impressão de não serem referidos a uma representação, mas isso se deve apenas a uma inclinação que temos a esta conclusão errônea. Brentano admite que o objeto ao qual um sentimento se refere não é sempre um objeto exterior, mas mesmo nesses casos pode-se indicar uma representação à qual o sentimento se refere. As próprias expressões de Hamilton o contradizem, afinal “*onde não se pode mais falar de objeto, não se pode mais falar em sujeito*” (PES, p. 127); além de que o próprio termo fundição indica a união de partes.

Brentano pode, assim, elevar a caracterização dos fenômenos psíquicos à categoria de uma determinação positiva e universal destes:

Podemos, portanto, considerar a inexistência intencional de um objeto como sendo a característica geral dos fenômenos psíquicos, que diferencia esta classe de fenômenos da classe dos fenômenos físicos (PES, p. 128).

Uma vez determinada a intencionalidade como característica fundamental dos fenômenos psíquicos, devemos agora expandir esta particularidade para demais caracterizações deste fenômeno, objeto da investigação psicológica.

5.3. CARÁTER CONSCIENTE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.

A intencionalidade é, pois, a característica que melhor determina os fenômenos psíquicos (PES, p. 137) e, dessa forma, os diferencia dos fenômenos físicos. Os fenômenos psíquicos são aqueles que se dirigem a um objeto, ou segundo a outra expressão de Brentano, possuem uma objetividade imanente. Além disso, como já havíamos dito, uma particularidade dos fenômenos psíquicos é o de serem os únicos que podem ser objeto da percepção interna; dos fenômenos físicos se tem consciência apenas através da percepção externa. Isso significa que estes últimos não são percebidos com aquela evidência, como no caso dos fenômenos psíquicos. Mais do que isso, uma verdadeira percepção (*Wahr-nehmung*) só é possível em relação aos fenômenos psíquicos, que se mostram reais e verdadeiros; os fenômenos físicos têm uma existência

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

meramente fenomenal, ou intencional. “*Conhecimento, alegria, desejo existem realmente; cor, som, calor apenas fenomenal e intencionalmente*”¹⁷³ (PES, p. 129).

Havíamos também visto que uma particularidade dos fenômenos psíquicos é a de que eles, ou são uma representação ou tem uma representação por base. Todo juízo, desejo, amor, tristeza, são atos psíquicos que tem por base um ato de representação (ato de representar). Essa característica é central no processo de classificação dos fenômenos psíquicos, visto que ela já indica a classe de fenômenos mais básica entre os fenômenos psíquicos: a representação (Vorstellung).

Outra característica que Brentano afirma ser comum aos fenômenos psíquicos é a de que eles sempre nos aparecem em uma unidade, enquanto que vários fenômenos físicos nos aparecem ao mesmo tempo. Esta colocação de Brentano parece contradizer um grande número de psicólogos e pensadores, como H. Spencer, que afirmam que os fenômenos psíquicos seguem uma única seqüência, um após o outro, enquanto os fenômenos físicos se apresentam em inúmeras seqüências. Segundo Brentano, mais de um fenômeno psíquico ocorre em um mesmo instante, mas eles são todos percebidos em uma unidade. Cada ato psíquico é compreendido, portanto, como um fenômeno parcial (Teilphänomen) de um fenômeno único, isto é, como uma única e unitária coisa:

Quando nós percebemos, simultaneamente, cor, som, calor, odor, nada nos impede de atribuir cada um a uma coisa particular. Ao contrário, somos forçados a tomar a multiplicidade dos atos de sensação, como o ver, ouvir, sentir calor e cheirar, e com eles os simultâneos atos de vontade, de sentimento e de reflexão, assim como a percepção interna, que nos dá conhecimento de todos eles, como fenômenos parciais de um único fenômeno no qual

¹⁷³ Brentano cita A. Bain, como exemplo de um grupo de filósofos que afirmam ser evidente que aos fenômenos físicos não corresponde nenhuma realidade (Wirklichkeit). Segundo Bain, há uma contradição manifesta na admissão de um mundo físico existente antes de sua percepção. Esta admissão supõe um mundo em si que, apenas agindo sobre nosso espírito passa a ser percebido; o objeto seria a causa das impressões em nosso espírito, e o objeto seria, então, percebido. Todavia, afirma Bain, o objeto só nos é conhecido através da percepção; o que ele é antes e independentemente da percepção não se pode dizer. A contradição seria clara: exige-se de nós que, no mesmo instante, percebamos e não percebamos uma coisa. (PES, p. 130). Brentano diz não estar em condições de avaliar esta argumentação; ele não se sente autorizado a concluir a não existência de fenômenos físicos para além do seu ser representado: “Pois certo é que uma cor somente nos aparece quando nós a representamos: disso não é para se concluir que uma cor não possa existir sem que seja representada” (PES, p. 130).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

eles estão contidos; tomá-la como uma única e unitária coisa¹⁷⁴
(PES, p. 136).

A razão dessa unidade em que são percebidos os fenômenos psíquicos parciais é a chamada *unidade da consciência*. Esta unidade formada pelos fenômenos psíquicos frequentemente foi confundida como simplicidade. Porém, como vemos, a unidade que se apresenta não é sinônima de uma simplicidade; nesta unidade podem-se discriminar momentos diversos, fenômenos parciais e, como veremos mais adiante, objetos primários e secundários.

Devemos agora compreender como Brentano argumenta em favor do caráter consciente dos fenômenos psíquicos. Para tanto, o primeiro passo é entender o que significa ser consciente, ou melhor, o que é consciência (*Bewußtsein*). O termo consciência é motivo de controvérsias. Alguns, como Hamilton, afirmam que a consciência não pode ser definida, podendo se ter dela uma acepção apenas aproximada¹⁷⁵. Outros não rejeitam defini-la, mas fornecem inúmeros sentidos a este termo¹⁷⁶:

Ora compreende-se por este termo a memória de nossos próprios atos passados, especialmente quando eles foram de natureza moral, como quando digo: eu não tenho consciência de culpa alguma [*Ich bin mir keiner Schuld bewußt*]; ora designa-se com ele todo tipo de conhecimento imediato dos próprios atos psíquicos, especialmente uma percepção que acompanha atos psíquicos presentes. Outras vezes, emprega-se este termo em relação à percepção externa, como, por exemplo, quando se diz que um homem, que acorda do sono ou de um desmaio, volta à consciência... (PES, p. 142).

Diante de tantos sentidos para a palavra consciência, Brentano deve estabelecer qual é aquele a que está se referindo. Segundo ele, manter-se ligado ao sentido primeiro e

¹⁷⁴ “Wenn wir Farbe, Schall, Wärme, Geruch gleichzeitig wahrnehmen so hindert uns nichts, jedes einem besonderen Dinge zuzuschreiben. Dagegen die Mannigfaltigkeit der entsprechenden Empfindungsakte, Sehen, Hören, Empfinden den Wärme und Riechen, und mit ihnen das gleichzeitige Wollen und Fühlen und Nachdenken, so wie die innere Wahrnehmung, die uns von ihnen allen Kenntnis gibt, sind wir genötigt, für ein einziges einheitliches Ding zu nehmen”.

¹⁷⁵ “Consciousness cannot be defined: we may be ourselves fully aware what consciousness is, but we cannot without confusion convey to others a definition of what we ourselves clearly apprehend. The reason is plain: consciousness lies at the root of all knowledge” (Hamilton in Lalande, 1999, p. 195, 196).

¹⁷⁶ Brentano cita o trabalho de investigação dos diferentes usos do termo feito por Bain, na Inglaterra e Horwicz, na Alemanha (PES, p. 141).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

literal da palavra – o que a relacionaria diretamente aos fenômenos cognitivos (Phänomene der Erkenntnis) – não seria muito vantajoso, principalmente porque descartaria, assim, as alterações que o termo sofreu durante sua história. Útil será empregar o termo consciência para designar uma importante classe de fenômenos “especialmente quando falta a ela um nome adequado e, com isso, uma lacuna é preenchida” (PES, p. 142). Partindo disso, Brentano decide empregar o termo consciência (Bewußtsein) como “sinônimo de fenômeno psíquico ou ato psíquico” (PES, p. 142). Ele argumenta que, além do fato de ser muito ‘pesada’ (schwerfällig) a frequente utilização da expressão composta ‘fenômeno psíquico’, a palavra consciência, uma vez que mantém uma referência ao objeto do qual é consciente, é apropriada para designar justamente a característica distintiva destes fenômenos – a inexistência intencional de um objeto, característica que também era carente de um termo usual¹⁷⁷.

Deste modo, Brentano pode afirmar com segurança que todo fenômeno psíquico é consciência (Bewußtsein – ‘ser - consciente’) de um objeto. A questão que ele levanta em seguida é a se existe fenômeno psíquico que não seja também objeto de uma consciência: “*Todos os fenômenos psíquicos são consciência [Bewußtsein]; são, porém todos os fenômenos psíquicos conscientes [bewußt], ou há, talvez, atos psíquicos inconscientes?*”¹⁷⁸ (PES, p. 143). A admissão de uma consciência inconsciente (ein unbewußtes Bewußtsein) não é tão absurda como pode à primeira vista parecer; basta que se atente à definição há pouco mencionada. E embora esta possibilidade fora por muitos rapidamente descartada, ela não é uma questão tão estranha à história da filosofia. Ainda que com diferentes significados atribuídos ao termo consciência, essa questão já se manifesta de algum modo em autores como Tomás de Aquino, Leibniz, Kant, Mill, Hamilton, Beneke e Hartmann, entre outros¹⁷⁹. Estes filósofos compreendiam a consciência inconsciente, de

¹⁷⁷ “So gebrauche Ich [das Wort Bewußtsein] denn am liebsten als gleichbedeutend mit psychischen Phänomen oder psychischen Akte; denn einmal würde die beständige Anwendung einer solchen zusammengesetzten Bezeichnung schwerfällig sein; dann scheint der Ausdruck Bewußtsein, da er auf ein Objekt hinweist, von welchem das Bewußtsein Bewußtsein ist, die psychischen Phänomene gerade nach der sie unterscheidenden Eigentümlichkeit der intentionalen Inexistenz eines Objektes zu charakterisieren geeignet, für welche uns ebenso ein gebräuchlicher Name mangelt” (PES, p. 142, 143)

¹⁷⁸ “Alle psychischen Phänomene sind Bewußtsein; sind aber auch alle psychischen Phänomene bewußt, oder gibt es vielleicht auch unbewußte psychische Akte?”

¹⁷⁹ Tomás de Aquino fala do *sensus communis*, um sentido interno, que seria um ato dirigido aos atos do sentido externo, percebendo-os. Este sentido interno, porém, não podendo perceber sua própria atividade,

maneira geral, como uma espécie de posse de conhecimento adquirido, mesmo sem tê-los presentes em pensamento.

Levanta-se inclusive a questão de se é possível obter uma resposta a esta pergunta, “*pois, é um fato evidente e necessário, não poder haver nenhuma representação inconsciente no âmbito de nossa experiência, mesmo que estas existam em nós em grande número; caso contrário elas não seriam inconscientes*” (PES, p. 147). Contudo, Brentano relembra que os defensores de uma consciência inconsciente já indicaram que aquilo que não pode ser experienciado imediatamente, pode, talvez, ser indiretamente deduzido de fatos da experiência. Freud é um exemplo de autor que aponta isso, posteriormente¹⁸⁰.

Assim, Brentano reconhece a necessidade de analisar cuidadosamente os argumentos em favor da admissão de fenômenos (ou atos) psíquicos inconscientes. Através da refutação das teses apontadas, ele poderá, então, caracterizar os fenômenos psíquicos como atos conscientes. Brentano divide as teses em quatro argumentos diferentes, empregados para demonstrar a existência de fenômenos psíquicos inconscientes. Para nossos fins, não é necessário que passemos por todos eles, bastando apenas indicá-los. Devemos, porém, analisar um dos argumentos, a saber, o quarto, que tem uma importância central na caracterização dos fenômenos psíquicos. Vejamos, pois, as quatro tentativas de demonstração possíveis da existência dos fenômenos psíquicos inconscientes, apresentadas por Brentano (PES, p. 147, 148):

1ª) Provar que certos fatos dados na experiência exigem a admissão de fenômenos psíquicos inconscientes como sua causa.

2ª) Mostrar que um fato dado na experiência traz, necessariamente, um fenômeno psíquico como seu efeito, embora nenhum apareça à consciência.

seria um ato inconsciente. James Mill, por sua vez, diz haver sensações das quais não temos consciência devido a habitual inatenção. Outros que afirmam haver atividades inconscientes são Maudsley e Herbart. Também Beneke afirma que somente idéias que possuem uma grande intensidade são acompanhadas de consciência. Proposições semelhantes encontramos em Fechner, Wundt, Helmholtz, Zöllner, Ulrici, Hartmann – autor de uma ‘filosofia do inconsciente’. (Cf. PES, p. 144, 115, 157, 176, 177).

¹⁸⁰ Muito poucos são os estudos que procuram fazer uma relação entre a psicologia de Brentano e a psicanálise de seu aluno Freud. Cito o exemplo de Aviva Cohen, que buscou estabelecer uma relação precisamente na questão do inconsciente. Segundo a autora, embora Brentano rejeite a existência de fenômenos psíquicos inconscientes, sua análise dos argumentos a favor dessa admissão constituem uma base para a formulação freudiana do inconsciente. (Cf. Aviva Cohen, “The origins of Freud’s theory of the unconsciousness: a philosophical link”, in *Psychoanalytische Perspektiven*, 2000, nr.41/42.).

3ª) Mostrar que no caso de fenômenos psíquicos conscientes, a intensidade da consciência que o acompanha é uma função de sua própria intensidade, e que, em consequência dessa relação, em certos casos em que a última é uma grandeza positiva, a primeira deve carecer de um valor positivo.

4ª) Provar que a admissão de que cada fenômeno psíquico é objeto de um fenômeno psíquico conduz a uma complexidade infinita dos estados mentais, que é de antemão impossível e contraria a experiência.

Cada uma dessas tentativas tem uma importância particular para investigações subsequentes do psicólogo. Como havíamos mencionado na breve exposição da posterior distinção brentaniana entre psicologia genética e psicologia descritiva, algumas tentativas se mostram claramente pertencer a um ou a outro domínio de investigação. A primeira e a segunda, que procuram a causa ou o efeito de fenômenos psíquicos, são características do estudo do psicólogo genético; a terceira e a quarta, que tratam da relação estrutural da consciência, são características da investigação da psicologia descritiva (psicognosia).

Após haver argumentado contra as três primeiras tentativas de provar a existência de fenômenos psíquicos inconscientes, Brentano passa ao quarto argumento. Alguns daqueles que apresentam esse argumento, Herbart por exemplo, não somente afirmam que a admissão de que toda atividade psíquica é consciente seja falsa, como também dizem ser absurda tal suposição. A argumentação que Brentano precisa rebater se desenvolve da seguinte maneira: Toma-se, por exemplo, devido à sua maior simplicidade, o caso da audição (o ouvir; das Hören), que se trata de um ato de representação de um som, ou seja, de um fenômeno psíquico; se nenhum fenômeno psíquico é possível sem uma consciência a ele referida, então, deve-se ter, junto à representação do som, uma simultânea representação da representação do som. Com isso teríamos duas representações diferentes: a representação do som, isto é o ato de ouvir, e a representação do ato de ouvir, que é tão distinta da primeira, quanto a primeira o é em relação ao som representado.

O Problema é que esta relação não termina aqui. (PES, p. 171), pois

Se todo fenômeno psíquico deve estar presente de maneira consciente, então também a representação do ouvir deve ser acompanhada de consciência, assim como a representação do som o é. De acordo com isso, temos três representações no ouvinte: a do som, a do ato de ouvir e a representação da

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

representação do ato de ouvir. Mas essa terceira representação não pode ser a última. Também ela é consciente e, portanto, representada, e a sua representação é, por sua vez, representada. Resumindo, a série será, ou infinita, ou terminará com uma representação inconsciente (PES, p. 171)

Conclusão: “*Quem nega, portanto, que haja fenômenos psíquicos inconscientes, terá de reconhecer uma quantidade infinita de atividades psíquicas no simples ato de ouvir*” (PES, p. 171). O próprio fenômeno físico, o som, não estará apenas presente na sua representação, mas em todas as representações subseqüentes, mais uma razão para se alegar um aumento cada vez maior na complexidade *ad infinitum*.

Esse argumento parece, pois, exigir a existência de pelo menos um fenômeno psíquico inconsciente para fechar a cadeia. Todavia, parece haver uma única hipótese que, apesar de negar a existência de fenômenos psíquicos inconscientes, não teria como consequência necessária, uma complicação mental sem fim, qual seja, a de que o ato de ouvir e o som ouvido sejam um mesmo fenômeno, sendo o ato de ouvir dirigido a si mesmo como seu objeto. Neste caso, “*som e ouvir seriam, ou dois nomes para um e o mesmo fenômeno, ou a diferença de seu significado residiria apenas no fato de que ‘som’ é usado para designar a causa exterior, que outrora se pensava ser semelhante ao fenômeno na pessoa ouvinte [Hörenden]...*” (PES, p. 172).

Essa hipótese, que ao não distinguir rigorosamente o âmbito físico do âmbito psíquico inviabilizaria toda a tentativa de fundamentar uma psicologia, hipótese que se pode perceber presente em algumas passagens de autores como A. Bain e J. St. Mill, não é aceita por Brentano. E dois são os motivos: primeiro porque a percepção interna não mostra nada semelhante a isso; e segundo porque a dificuldade em questão (a cadeia ininterrupta) não seria com essa hipótese eliminada. A infalibilidade da percepção interna¹⁸¹ é convocada por Brentano como uma autoridade nesse ponto:

Ela [hipótese] não é correta, eu afirmo; pois a percepção interna nos mostra, com evidencia imediata, que o ouvir tem um conteúdo diferente de si mesmo, que, em oposição ao ouvir, não

¹⁸¹ “In order to establish the latter point of view he defends his principle of the infallibility of inner consciousness, which states that ‘there are no unconscious mental acts’ (Krantz, 1990, p. 747).

compartilha nenhuma característica dos fenômenos psíquicos¹⁸²
(PES, p. 172, 173).

Ninguém afirmaria, pois, que o termo ‘som’ significa um outro ato de ouvir encontrável fora de nós¹⁸³. Pelo contrário, por ‘som’ designa-se aquilo que, enquanto fenômeno, constitui o objeto imanente, distinto de nosso ouvir (PES, p. 173). Além disso, mesmo se tal argumentação fosse possível, a dificuldade em questão não se resolveria com essa admissão: isso fica claro, por exemplo, em um ato de recordação, como no caso em que se recorda um ato de ouvir realizado anteriormente. O ato de recordar o ouvir, evidentemente não pode ser idêntico ao próprio ato de ouvir¹⁸⁴; e se não há fenômenos psíquicos inconscientes, então, “*quando me recordo de um o ato de ouvir passado tenho, além da representação do ato de ouvir, uma representação da presente recordação do ato de ouvir, que não é idêntica à primeira*” (PES, p. 174). Se esta segunda representação deve ser consciente, então seria necessária mais uma representação e assim temos, novamente, uma seqüência interminável.

“*Parece, então, que a admissão de fenômenos psíquicos inconscientes é inevitável*” (PES, p. 175). Há, porém, ainda um modo de se evitar a série ininterrupta – e assim impossível – de fenômenos psíquicos, sem ser necessário admitir a existência de fenômenos psíquicos inconscientes. Aristóteles é um exemplo de autor que se deparou com esse problema, mas não conduziu sua conclusão a essa admissão. Em seu estudo sobre a alma, já apontava a dificuldade (regressão ao infinito) de se supor um fenômeno

¹⁸² “Sie ist nicht richtig, sage ich; denn mit unmittelbarer Evidenz zeigt uns die innere Wahrnehmung, daß das Hören einen von ihm selbst verschiedenen Inhalt hat, der im Gegensatz zu ihm an keiner der Eigentümlichkeiten der psychischen Phänomene partizipiert.”

¹⁸³ Brentano explica o motivo que levou algumas pessoas a pensarem algo que tão claramente contradiz: “Die frühere Zeit glaubte bei dem bewußten Hören nicht bloß außer der Vorstellung vom Hören eine Vorstellung vom Tone, sondern auch außer der unmittelbar Erkenntnis der Existenz des Hörens, eine unmittelbare Erkenntnis der Existenz des Tones zu besitzen. Man glaubte den Ton mit derselben Evidenz wahrzunehmen, wie das Hören. Dieser Glaube war als Irrtum erkannt, man sah ein, daß dem Hören niemals ein Ton als äußeres, durch das Gehör wahrnehmbares Objekt gegenüberstehe. Allein man hatte sich daran gewohnt, das Hören als ein Erkennen und den Inhalt des Hörens als einen wirklichen Gegenstand zu denken, und so kam man nun dazu, da nichts als das Hören sich als real erwies, dieses als auf sich selbst gerichtet zu beachten. Dies war ein Irrtum nach der entgegengesetzten Seite hin. Wenn beim Hören nichts anderes als es selbst im eigentlich Sinne wahrgenommen wird, so ist doch darum nicht weniger etwas anderes als es selbst als vorgestellt in ihm vorhanden und bildet seinen Inhalt (PES, p. 173).”

¹⁸⁴ Brentano cita uma passagem do próprio J St. Mill: “Uma sensação envolve somente isso; mas a recordação da sensação (...) envolve a sugestão e a crença de que esta sensação ou representação, da qual ela é cópia, de fato existiu no passado; e uma expectativa envolve a crença, mais ou menos positiva, de que a sensação ou outro fenômeno, ao que ela diretamente se refere, existirá no futuro” (PES, p 174).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

físico duplamente representado, conseqüência inevitável de uma combinação de representações¹⁸⁵. Isto é, se supusermos que uma representação (Ato de ouvir) é, simultaneamente, o conteúdo de uma outra representação (representação do ato de ouvir), então o fenômeno físico (som) representado exclusivamente pela primeira deverá ser representado uma segunda vez, implicitamente, pela segunda representação, levando isso, novamente, a uma complicação infinita. Esse, porém, não é o caso, argumenta Brentano:

Ao contrário, a experiência interna parece mostrar de maneira indubitável, que a representação do som é ligada à representação da representação do som de modo tão peculiarmente íntimo, que sua existência mesma contribui intrínseca e simultaneamente ao ser da outra representação. Isso sugere que há um especial entrelaçamento [Verwebung] entre o objeto da representação interna e essa representação mesma, e que ambas pertencem a um e o mesmo ato psíquico. Isso devemos, de fato, admitir¹⁸⁶ (PES, p. 179).

Assim, Brentano afirma que a representação do som e a representação da representação do som formam um único fenômeno psíquico que, se contemplado em relação à sua referência a dois objetos – que são, um fenômeno físico e um fenômeno psíquico – pode ser desmembrado, *conceitualmente*, em duas representações. Isso significa que no *mesmo* fenômeno psíquico, em que o som é representado, apreendemos, simultaneamente, o próprio fenômeno psíquico, “*e, precisamente, segundo sua dupla natureza [Eigentümlichkeit], enquanto tendo em si o som como conteúdo e enquanto sendo presente a si mesmo, simultaneamente, como conteúdo*” (PES, p. 179, 180). Brentano denomina o objeto do ato de ouvir (som) de ‘objeto primário’ e o próprio ato de ouvir de ‘objeto secundário’, não para ordená-los temporalmente, mas porque o som é

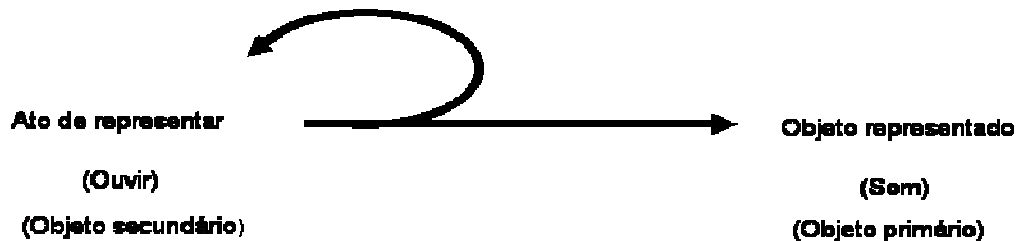
¹⁸⁵ “Já que sentimos que vemos e ouvimos, então, necessariamente, ou sentimos pela própria visão que ela vê, ou por um novo sentido; e, nesse caso, esse outro sentirá a visão e também a cor que é o objeto da visão; de modo que, ou haverá dois sentidos para o mesmo sensível, ou o próprio sentido terá percepção de si mesmo. E, se houvesse de fato um outro sentido além da visão, ou ocorrerá uma regressão ao infinito, ou um deles terá percepção de si mesmo; e nesse caso se impõe que faça isso o sentido primordial” (De Anima, III. 2. §. 1. p. 425, b, 12). Isso já é analisado por Brentano em 1867, cf. p. 85.

¹⁸⁶ “Vielmehr scheint die innere Erfahrung unzweifelhaft zu zeigen, daß die Vorstellung des Tones mit der Vorstellung von der Vorstellung des Tones in so eigentümlich inniger Weise verbunden ist, daß sie, indem sie besteht, zugleich innerlich zum Sein der anderen beiträgt.

Dies deutet auf eine eigentümliche Verwebung des Objekts der inneren Vorstellung mit dieser selbst und auf eine Zugehörigkeit beider zu ein und demselben psychischen Akte hin.”

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

anterior segundo a “*natureza da coisa*”¹⁸⁷ (PES, p. 180). Podemos ilustrar o ato intencional, levando em consideração essa deflexão que o transforma em objeto de si mesmo, da seguinte maneira:



O ato de ouvir se dirige, em sentido próprio, ao som; e junto a esse dirigir-se, em sentido próprio, ele se dirige a si mesmo incidentalmente, como algo adicional. Aqui, podemos ver, novamente, a influência direta de Aristóteles na formulação brentaniana da intencionalidade, da auto-referência do ato intencional: “*o conhecimento, a percepção, a opinião e o entendimento sempre têm por objeto uma outra coisa e não se ocupam de si mesmos senão de passagem [en parergo]*”¹⁸⁸ (Metafísica, XII. 9, 1074, b, 35). Há, assim, no ato de ouvir, uma dupla direcionalidade, dois objetos: o som ouvido (primário) e o próprio ato de ouvir enquanto seu objeto (secundário), *en parergo*¹⁸⁹.

Com isso, Brentano não apenas resolve o problema da complexidade mental – pois “*longe de ter de absorver uma série infinita de representações, cada vez mais complexas, vemos que a série termina com o segundo membro*” (PES, p. 183) –, como também consegue desenvolver e ampliar a caracterização dos fenômenos psíquicos, além

¹⁸⁷ Uma anterioridade lógica ou de razão. Brentano esclarece da seguinte maneira: “Uma representação do som sem representação do ouvir não seria inconcebível, pelo menos *a priori*; uma representação do ouvir sem representação do som é, ao contrário, uma evidente contradição” (PES, p. 180).

¹⁸⁸ Brentano faz referência a essa passagem na *Psychologie* (p.185), e em obras posteriores: “There is no question that in sensing we have two objects; one is called the external object, the other the inner object. Aristotle said of the latter that we sense it *parergo* and, as a result, the external object was called the primary and the inner the secondary object (Brentano – ‘Sensory and Noetic Consciousness, p 28 – in George & Koehn, 2004, p. 29). Em seu estudo sobre Aristóteles, Brentano, em relação ao ver escreve: “É evidente, portanto, que o ato de ver [das Sehende] é visto, no máximo, por acidente [per accidens], e que se, no entanto, percebemos que vemos, isso deve ser visto através da atividade de um outro sentido [sentido interno]” (Brentano, 1867, p. 86).

¹⁸⁹ Vemos também, em uma outra passagem da Metafísica: “E o pensamento aplica-se a si mesmo porque compartilha a natureza do seu objeto, tornando-se ele próprio objeto de pensamento ao entrar em contato com seus objetos e ao refletir sobre eles...” (Met. XII. 7, 1072, b, 20).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

de corroborar as suas anteriores colocações acerca da percepção interna e do método da psicologia.

5.4. DESENVOLVIMENTO DA CARACTERIZAÇÃO DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.

Em primeiro lugar, a cadeia não se mostra infinita nem por uma série interminável de fenômenos psíquicos, nem por uma múltipla representação do mesmo fenômeno físico: pois, em relação a esse último caso, na medida em que o fenômeno físico é um conteúdo representacional (Vorstellungsinhalt) do ato de representar, ele apenas “contribui” (beiträgt) ao conteúdo representacional da representação do ato de representar¹⁹⁰: “Embora a cor seja representada no ver e na representação do ver, ela não é mais do que uma vez representada” (PES, p. 189). Desse modo, o caráter consciente de toda representação é assegurado, isto é, não somente é afirmada a consciência do ato de representar, como também a consciência dessa consciência:

Pois (...) a consciência da representação do som coincide com a consciência dessa consciência. E, portanto, a consciência que acompanha a representação do som, é uma consciência, não tanto dessa representação, mas de todo ato psíquico no qual o som é representado, e no qual ela mesma é concomitantemente dada¹⁹¹ (PES, p. 182).

Uma vez que os fenômenos psíquicos são, como vimos, ou uma representação ou tem uma representação por base, podemos afirmar, ampliando a caracterização, que *todos* os fenômenos psíquicos são conscientes¹⁹² (PES, p.218), isto é, “*não há nunca um*

¹⁹⁰ Exemplo do ver: a cor é representada pelo ver e *contribui* ao conteúdo da representação do ver. Ela é, portanto, representada no ato de ver e na representação desse ato, porém apenas uma vez.

¹⁹¹ “Há, mesmo aqui, não apenas simultaneidade, mas fusão entre o ato psíquico e a consciência interior da qual ele é objeto, e é por isso que convém mais falar de um único ato psíquico tendo um duplo objeto” (Gilson, 1955, p. 55).

¹⁹² Cf. (PES, p. 195) e (Krantz, 1990, p. 748). Brentano obtém uma conclusão mais sólida dessa generalização ao analisar a relação entre de intensidade da representação e a intensidade da consciência dessa representação, e, em seguida, relacionando à intensidade dos demais atos psíquicos. Essa

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

fenômeno psíquico em nós existente, do qual não tenhamos nenhuma representação” (PES, p. 194). Mais do que isso, a partir dessa estrutura do ato intencional, Brentano pode afirmar, com segurança, que todo ato psíquico é acompanhado por um conhecimento (Erkenntnis) ¹⁹³. Isso porque “*junto com ato psíquico existe, além da representação a ele referida, também um juízo a ele referido*” (PES, p. 196) ¹⁹⁴. Esse juízo consiste no próprio reconhecimento do ato psíquico representado ¹⁹⁵. O conhecimento no juízo é, portanto, uma outra forma de consciência do ato psíquico. E é justamente porque também aqui há uma fusão (Verschmelzung) da consciência com o objeto da consciência, que a percepção interna apresenta aquela evidência e infalibilidade:

Sempre que um ato psíquico é objeto de um conhecimento interno que o acompanha, ele contém a si mesmo em sua totalidade enquanto representado e conhecido, além da sua referência a um objeto primário. É apenas isso que faz também possível a infalibilidade e evidência da percepção interna ¹⁹⁶ (PES, p. 196).

Se esse conhecimento que acompanha o ato psíquico fosse um outro ato por si, isto é, se ele fosse um segundo ato independente acrescido ao primeiro, não haveria essa fusão (identidade), do objeto conhecido e do ato cognoscente, e, conseqüentemente, não haveria evidência e conhecimento seguro ¹⁹⁷. Mas essa fusão garante a imediata evidência

argumentação esta diretamente ligada à terceira tentativa de provar a existência dos fenômenos psíquicos, contestada por Brentano. (PES, p. 192, 193, 194).

¹⁹³ “Nós pensamos em algo, desejamos algo e reconhecemos que fazemos isso” (PES, p. 195).

¹⁹⁴ “Somente se tem conhecimento no juízo” (PES, p. 195).

¹⁹⁵ Como veremos na classificação dos fenômenos psíquicos, se trata de um juízo existencial, no qual, porém, não se atribui a existência enquanto um predicado. O juízo apenas afirma o próprio sujeito.

¹⁹⁶ “Wo immer ein psychischer Akt Gegenstand einer begleitenden inneren Erkenntnis ist, enthält er außer seiner Beziehung auf ein primäres Objekt, sich selbst seiner Totalität nach als vorgestellt und erkannt.”

¹⁹⁷ Brentano censura o argumento que diz que o controle da percepção somente é possível quando o objeto real esta *em* nós, isto é, não apenas sua representação, podendo-se por isso identificar o conteúdo da representação com o próprio objeto. Nesse argumento, que retira a segurança da percepção externa, se comete um erro, segundo Brentano. A identidade entre o conteúdo de uma representação e o objeto real – que permite a evidência e a infalibilidade da percepção interna – é possível, não porque o objeto real também está em nós, mas porque ele é conhecido por nós: “Nada daquilo que está presente em alguém sem ele saber, pode ele reconhecer como de acordo com aquilo que ele representa. Conseqüentemente a comparação [defendida pelo argumento acima] pressupõe que conheçamos com segurança aquilo, a partir do qual o conhecimento seguro é para ser obtido, o que é uma contradição” (PES, p. 197).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

da percepção interna, e nesse sentido a fundamenta¹⁹⁸. Em outras palavras: “*Se aquela unidade real, aquela particular e íntima ligação entre o ato psíquico e a representação acompanhante, que encontramos anteriormente, não existisse entre esse ato e a percepção interna, então a evidência de seu conhecimento seria uma impossibilidade*”¹⁹⁹ (PES, p. 199). E sem essa evidência, sobre que solo seguro se poderia erigir o edifício do saber? Brentano consegue, assim, legitimar a percepção interna e o conhecimento que ela nos fornece, solidificando uma base segura para construção da ciência psicológica e das demais.

Além disso, aquilo que havia sido dito em relação ao método da psicologia ganha agora uma explicação mais clara. A impossibilidade de uma observação interna torna-se plenamente compreensível: a representação que acompanha um determinado ato psíquico, e a ele se refere, pertence ao próprio objeto ao qual ela se dirige; uma observação, ao contrário, é apenas capaz de se voltar à outra observação, não a si mesma²⁰⁰. “*A verdade é que somente algo que é um objeto secundário de um ato pode, de fato, nele ser consciente, não pode, porém, nele ser observado; a observação requer, antes, que se volte [a atenção] ao objeto [Gegenstand] enquanto objeto [Objekt] primário*” (PES, p. 181). Somente um segundo ato simultâneo, que se voltasse a um ato existente em nós, enquanto objeto primário, poderia observá-lo. Uma vez que a representação interna pertence ao próprio ato, não a um outro segundo ato, uma observação simultânea do próprio observar, ou de qualquer outro ato psíquico próprio é impossível: “*Os sons, que ouvimos, podemos observar, o ouvir dos sons não podemos observar; pois somente no ouvir dos sons o próprio ouvir é concomitantemente apreendido*” (PES, p.181). Isso explica também, porque podemos observar um fenômeno psíquico passado na memória. Esse fenômeno psíquico passado pode ser observado quando nós nos dirigimos a ele enquanto um objeto primário, isto é, permanecendo na

¹⁹⁸“A certeza da percepção interna não é de modo algum demonstrável, mas ela é mais que isso, ela é imediatamente evidente” (PES, p. 198). Cf. nota anterior.

¹⁹⁹ “Wenn also nicht jene reale Einheit, jene eigentümlich innige Verbindung, die wir früher zwischen dem psychischen Akte und der begleitenden Vorstellung gefunden, auch zwischen ihm und der inneren Wahrnehmung bestände, so wäre die Evidenz ihrer Erkenntnis eine Unmöglichkeit”.

²⁰⁰ “Se a representação interna se torna uma observação interna, então uma observação seria dirigida a si mesma. Mesmo os defensores de uma observação interna, porém, parecem não considerar isso possível...” (PES, p. 180).

condição meros observadores. O presente ato de recordação, no entanto, só o apreenderemos como objeto secundário, isto é, sem observá-lo.

Voltando à questão da consciência, além dos dois modos de consciência que se têm do ato psíquico, isto é, além da representação do ato psíquico e do conhecimento do ato psíquico através do juízo²⁰¹, pode haver²⁰² uma terceira consciência, um sentimento, um prazer ou desprazer, referido ao ato. Aqui também se trata de um mesmo ato psíquico e não de um segundo ato que novamente teria de ser acompanhado por uma consciência e assim por diante. A nossa experiência interna nos ensina, antes, que *“assim como a representação interna e a percepção interna, também o sentimento interno do ouvir, do ver e de qualquer outro ato, que dessa maneira nos é interiormente consciente, é fundido com seu objeto e nele mesmo incluído”* (PES, p. 204). E, segundo o Brentano de 1874, atividade psíquica é também objeto de uma referencia emocional nele incluída²⁰³.

Assim, o caráter consciente dos fenômenos psíquicos é exposto em seus diferentes modos. Sintetizemos esses diferentes modos: todo ato psíquico é consciência (Bewußtsein), ou seja, se dirige a um objeto. Todo ato psíquico é consciente (bewußt), isto é, *“uma consciência [Bewußtsein] dele está dada nele mesmo”* (PES, p. 218). Devido a isso, todo ato psíquico tem dois objetos, o fenômeno físico (objeto primário) e o fenômeno psíquico, isto é, ele mesmo como objeto secundário. O ato psíquico é consciência (Bewußtsein) do objeto secundário de uma tríplice maneira: ele o representa (vorstellen), ele o conhece (erkennen) e ele o sente (fühlen). Portanto,

Todo ato psíquico, mesmo o mais simples, tem quatro perspectivas [vierfache Seiten] pelas quais pode ser considerado. Ele pode ser considerado enquanto representação de seu objeto primário, como, por exemplo, o ato no qual o som é sentido [empfunden], isto é, considerado como ato de ouvir; mas ele pode

²⁰¹ “A cada ato psíquico há uma dupla consciência interna ligada, uma pela representação que a ele se refere e a outra pelo juízo que a ele se refere – a chamada percepção interna, que é um conhecimento imediato e evidente do ato” (PES, p.203). “Mit jedem psychischen Akte ist daher ein doppeltes inneres Bewußtsein verbunden, eine darauf bezügliche Vorstellung und ein darauf bezügliches Urteil, die sogenannte innere Wahrnehmung, welche eine unmittelbar, evidente Erkenntnis des Aktes ist.”

²⁰² “pode haver”. Na *Psychologie* Brentano examina o argumento de vários autores, como Lotze, Bain, Hamilton, Wundt, em favor ou contra admissão da existência de um sentimento presente em todo fenômeno psíquico. Em 1874 Brentano afirma que toda atividade psíquica é acompanhada por um sentimento. Posteriormente, contudo, ele reformula sua concepção, apontando atos psíquicos que não precisam ser acompanhados de um sentimento.

²⁰³ Cf. nota anterior. Também em Kraus, 1924, nota 11, p.275.

também ser considerado enquanto representação de si mesmo, ou como conhecimento de si mesmo, ou como sentimento de si mesmo. E, na totalidade dessas quatro referências, ele é objeto tanto de sua auto-representação, como de seu auto-conhecimento, como também, por assim dizer, de seu auto-sentimento, de forma que, sem maiores complicações e multiplicações [de entidades], não apenas a auto-representação é representada, mas também o auto-conhecimento é representado e conhecido, assim como o auto-sentimento é representado, conhecido e sentido. (PES, p. 219).

Vemos, portanto, que sempre que há uma atividade psíquica, há uma complexa relação presente. E isso se mostra no mais simples ato de ouvir. Acontece que na grande maioria dos casos, os estados psíquicos são bem mais complexos: vários objetos nos são presente simultaneamente. Como é que essa multiplicidade é apreendida? Como se dá a relação entre diferentes atividades psíquicas simultâneas?

5.4.1. Unidade da consciência.

Mesmo nos estados psíquicos mais simples pudemos perceber um grande número de atividades presentes. Cabe saber como se dá a relação entre essas atividades e se elas estão unidas de algum modo. A pergunta que Brentano tem de responder é se esse grande número de fenômenos psíquicos também forma uma unidade ou cada um é uma ‘coisa’ (Ding) independente. Nós já havíamos mencionado que todos os fenômenos eram percebidos em uma unidade e que isso se devia à unidade da consciência. É exatamente essa a questão de que se trata:

Em casos de estados psíquicos [Seelenzustände] mais complexos, nós temos de admitir um coletivo [Kollektiv] de coisas, ou, assim como nos mais simples estados psíquicos, a totalidade dos fenômenos psíquicos pertence a apenas uma coisa, na qual podemos somente diferenciar divisivos [Divisive] enquanto partes? ²⁰⁴ (PES, p. 223).

²⁰⁴ Brentano chama de divisivos (Divisive) as partes de uma coisa, que não podem existir sem ela, que não são coisas por si (ein Ding für sich). Porta (2002) resume o estatuto ontológico do divisivo: “1. O divisivo não pode existir sem a coisa; esta, não obstante, pode existir sem ele; 2. Divisivos são realmente separáveis da coisa, sendo possível que deixem de existir sem afetá-la; 3. Divisivos são realmente separáveis entre si, isto é, podem deixar de existir sem afetar outro divisivo” (Porta, 2002, p. 105). Essas partes chamadas de

A pergunta pela unidade da consciência se depara com o fato de que muitos atos psíquicos que a compõem são independentes entre si: o ouvir, por exemplo, não depende do ver para ocorrer, assim como é possível representar algo sem, necessariamente, desejá-lo²⁰⁵. Não há também nenhum entrelaçamento recíproco entre o objeto do ver com aquele do ouvir, como aquele que havíamos visto entre os três *momentos* da consciência interna. Isso poderia nos induzir no sentido de afirmar que a totalidade dos estados psíquicos forma um coletivo.

Todavia, como poderíamos, por exemplo, fazer uma comparação entre cores que vemos e sons que ouvimos se cada representação fosse uma coisa por si? Como poderíamos representar a diferença entre ambas, senão pelo fato de que “*o conhecimento que as compara é uma unidade real e objetiva*”? (...) “*Somente quando o som e a cor são representados conjuntamente em uma e a mesma realidade [Realität], é concebível que ambas possam ser comparadas entre si*” (PES, p.227).

Além disso, quando vários objetos primários são representados ao mesmo tempo, temos, não apenas um conhecimento de uma e da outra atividade, mas um conhecimento da própria simultaneidade (*Gleichzeitigkeit*) de ambos os atos.

Se a percepção do ouvir se encontra em uma coisa e a percepção do ver se encontra em outra, em qual se encontra a percepção de sua simultaneidade? Evidentemente em nenhuma das duas. Pode-se ver, claramente, que o conhecimento interno de uma e o conhecimento interno de outra devem pertencer a uma e a mesma unidade real (PES, p. 228).

Não se trata de uma identidade real dos atos psíquicos que simultaneamente ocorrem, mas de uma identidade conceitual (*begriffliche Identität*): “*diferentes homens são enquanto homens conceitualmente idênticos, mas não são realmente idênticos*” (PES, p. 228). A percepção de ouvir não é o sentimento do ouvir: “*eles são divisivos da*

divisivos podem ser diferenciadas dentro de uma unidade, como, por exemplo, uma metade ($\frac{1}{2}$), um quarto ($\frac{1}{4}$) podem ser indicadas em um todo.

Diferente é o caso de um coletivo; este é uma unidade em que as partes podem ser separadas e constituir uma coisa por si. A pergunta feita é, portanto, a seguinte: os nossos estados psíquicos são coisas que existem por si ou são propriedades, atributos de uma e mesma coisa? (Cf. Kraus, 1924, nota 4, p. 275/276).

²⁰⁵ Há uma diferença nos exemplos. O ato de ouvir e o ato de ver apresentam uma independência recíproca; o ato de representar e o ato de desejar não. Representar é independente do desejar, mas este não o é em relação ao representar.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

mesma realidade, mas não são, por isso mesmo, nem realmente idênticos a ela, nem realmente idênticos entre si” (PES, p. 229). Brentano prossegue:

Tampouco uma coisa real, que junto com outras constituem um coletivo, é idêntica a esse coletivo ou a uma das outras coisas que a ele pertencem – pois a ninguém ocorreria dizer que o exército é um soldado ou que um soldado é outro soldado –: tampouco é para se chamar de idêntico um divisivo, que eu diferencio como parte em uma coisa real, a esta própria coisa e, conseqüentemente, aos outros divisivos, que nela se pode diferenciar. Um divisivo jamais é realmente idêntico a um outro diferente divisivo, senão ele não seria um outro, mas o mesmo divisivo; porém ambos pertencem, conjuntamente, a uma realidade. E esse pertencer comum a uma coisa real é a identidade de que no nosso caso estamos falando ²⁰⁶ (PES, p. 228, 229).

Em relação às atividades psíquicas, não somente elas podem ser diferenciadas uma das outras, mas também o modo com que elas se ligam, embora todas pertençam, enquanto divisivos, a uma mesma coisa unitária. Por exemplo: o ato de ouvir é, por certo, mais intimamente ligado à tríplice consciência do que a um ato de ver simultâneo a ele. Assim como a ligação entre dois atos dirigidos ao mesmo objeto primário, sendo que um é baseado no outro – como no caso do ato de desejar sobre o ato de representar – é mais íntima do que aquela entre atos dirigidos a objetos primários distintos. Dessa forma, não somente as atividades psíquicas podem ser diferentes, embora pertencentes a uma mesma unidade real, mas também a ligação existente entre estas atividades podem ser distintas. Essa unidade real que é constituída pela totalidade dos diversos estados psíquicos é chamada de *unidade da consciência*:

²⁰⁶ “Die Wahrnehmung des Hörens ist nicht das Gefühl des Hörens. Sie sind Divisive derselben Realität, aber sie sind deswegen nicht mit ihr und darum miteinander real identisch. So wenig ein wirkliches Ding, das mit anderen in einem Kollektive zusammengefaßt wird, mit diesem Kollektive oder mit einem anderen Dinge, das zu ihm gehört, identisch ist – denn niemand wird es einfallen zu sagen, das Heer sei ein Soldat, oder der ein Soldat sei der andere –: so wenig ist ein Divisiv, das ich als Teil an einem wirklichen Dinge unterscheide, mit diesem Dinge und infolgedessen mit anderen Divisiven, die man an ihm unterscheiden kann, identisch zu nennen. Es ist nie ein Divisiv mit einem davon verschiedenen real identisch, sonst wäre es nicht ein anderes, sondern dasselbe Divisiv; aber es gehört mit ihm gemeinsam zu *einer* Realität. Und diese gemeinsame Zugehörigkeit zu einem wirklichen Dinge ist die Einheit, von welcher in unserem Falle die Rede ist”.

A unidade da consciência, como conhecemos com evidência a partir do que percebemos internamente, consiste no fato de que todos os fenômenos psíquicos que simultaneamente se encontram em nós, sejam eles tão distintos, como o ver e o ouvir, representar, julgar e concluir [Schließen], amar e odiar, desejar e repelir e etc., pertencem conjuntamente a uma realidade unitária [einheitlich], quando são percebidos internamente existindo juntos. Eles constituem, enquanto fenômenos parciais, um fenômeno psíquico, cujos elementos não são coisas diferentes ou partes de uma coisa diferente, mas pertencem a uma unidade real (PES, p. 232).

Como podemos perceber, a unidade da consciência não é para ser confundida com uma simplicidade, nem para ser concebida como excluindo a existência de partes; muitas atividades diferentes ocorrem em um mesmo fenômeno psíquico.

Resumamos, pois, as características dos fenômenos psíquicos:

- a) Todos os fenômenos psíquicos contêm em si algo como objeto; eles se dirigem a algo como objeto.
- b) Os fenômenos psíquicos existem fenomenal e realmente.
- c) Os fenômenos psíquicos são percebidos somente na consciência interna (pela percepção interna): são percebidos com imediata evidência – são verdadeiros em si mesmos.
- d) Os fenômenos psíquicos são sempre atos: ou são uma representação (ato de representar) ou tem uma representação por base.
- e) Todos os fenômenos psíquicos são consciência e conscientes: eles podem ser considerados por quatro perspectivas: enquanto representação de seu objeto primário; enquanto representação de si mesmo; enquanto conhecimento de si mesmo; enquanto sentimento de si mesmo.
- f) Todos fenômenos psíquicos aparecem em uma unidade: eles sempre são partes (divisivos) de um único fenômeno psíquico.

5.4.2. Classificação dos fenômenos psíquicos.

Uma vez realizada a caracterização geral dos fenômenos psíquicos (e sua distinção dos fenômenos físicos), o psicólogo deve descrever e classificar os vários tipos de fenômenos psíquicos. A tarefa de classificar os fenômenos psíquicos é fundamental para o desenvolvimento da investigação psicológica. Sem um ordenamento dos fenômenos aos quais se volta o seu estudo em classes e subdivisões “*será impossível progredir na investigação das leis psíquicas, na medida em que essas leis valem apenas para uma ou outra espécie de fenômenos*” (PES, p. 63). Portanto, para que um âmbito de investigação possa progredir é fundamental que os seus objetos sejam dispostos em classes fundamentais (Grundklassen). Limitar-nos-emos, aqui, a indicar quais os princípios que comandam essa classificação e quais são, segundo Brentano, as classes fundamentais em que se dividem os fenômenos psíquicos.

Quais princípios, pois, devem conduzir essa classificação? Brentano não tem dúvida de que ela deve ser alcançada por meios “naturais” ou “científicos”. E “*uma classificação científica deveria ser de tal modo que ordene os objetos de um modo favorável à pesquisa*” (PES-E, p. 194). Deve-se reunir em uma mesma classe “*os objetos intimamente ligados por natureza*” e separar em classes distintas aqueles que são “*relativamente distantes por natureza*”. Uma classificação correta somente é possível, portanto, quando já se tem um certo conhecimento dos objetos a serem classificados. Qualquer classificação *a priori* ou derivada de construções *a priori* devem ser inteiramente recusadas.

Brentano encontra como princípio fundamental para a classificação dos fenômenos psíquicos aquilo que está diretamente relacionado com a distinção característica desses fenômenos, a intencionalidade:

Nada distingue mais os fenômenos psíquicos dos fenômenos físicos do que o fato de que algo é neles imanente como objeto. Por essa razão é fácil de compreender que as diferenças fundamentais no modo em que algo existe neles [fenômenos psíquicos] como objeto constituem a principal diferença de classe entre os fenômenos psíquicos. Quanto mais a psicologia se desenvolveu, mais ela descobriu que as propriedades e leis comuns a cada grupo de fenômenos psíquicos estão mais intimamente ligadas a diferenças fundamentais no modo em que

os fenômenos se referem a um objeto, do que a qualquer outra diferença (PES-E, p. 197).

As classes fundamentais dos fenômenos psíquicos devem ser estabelecidas, portanto, seguindo como princípio o modo com que se referem a um objeto. Seguindo esse critério, Brentano apresenta as três classes fundamentais em que se dividem os fenômenos psíquicos: 1. Representação (Vorstellung); 2. Juízo (Urteil); 3. Fenômenos de amor e ódio (Phänomene der Liebe und des Hasses)²⁰⁷.

1. Representação: “*Nós falamos em representação sempre que algo aparece a nós. Quando vemos algo, uma cor é representada; quando ouvimos algo, um som é representado; quando imaginamos, uma imagem de fantasia [fantasy image] é representada*” (PES-E, p. 198).

2. Juízo: “*Por juízo nós compreendemos, de acordo com o uso filosófico comum, a admissão ou rejeição [de algo]*” (PES-E, p. 198).

3. Fenômenos de amor e ódio: nessa classe estão os sentimentos e a vontade. Amor e ódio são termos gerais para indicar o conjunto de sentimentos favoráveis (amor) ou negativos (ódio). “*Assim como todo juízo toma um objeto por verdadeiro ou falso, de modo análogo, todos os fenômenos que pertencem a essa classe [amor e ódio] tomam um objeto por bom ou ruim*”²⁰⁸ (PES-E, p. 199).

A única confirmação que pode ser obtida em relação à classificação dos fenômenos psíquicos é o testemunho da percepção interna (PES-E, p. 200). A experiência interna nos mostra que há uma diferença fundamental entre os fenômenos dessas classes: em um juízo há uma admissão ou rejeição de um objeto, mas em uma representação não há nada semelhante. Em relação aos fenômenos de amor e ódio, embora haja diferenças específicas entre emoções e atos de vontade, não há diferenças fundamentais. A percepção interna confirmaria, então, essa classificação em três classes fundamentais.

²⁰⁷ Na categoria dos fenômenos de amor e ódio estão a vontade ou o querer (interesse), a emoção ou sentimento e outros. Segundo Brentano, todos os fenômenos que não são nem representações nem juízos devem ser incluídos nessa classe.

²⁰⁸ “...the class consists of the emotions in the widest sense of this term, including not only the simplest forms of inclination and disinclination which may arise from the thought of an object, but also the joy or sorrow that is grounded in the beliefs that we have, as well as the highly complicated phenomena that are involved in ends and means” (McAlister, 2004, p. 159).

A representação é o fenômeno psíquico mais simples e independente das três classes; as duas outras classes pressupõem o ato de representar. Isso já havia sido dito quando na caracterização dos fenômenos psíquicos dizíamos “... *que eles são ou representações (...) ou tem representações por base*” (PES, p. 120). Todo juízo, por exemplo, tem por base uma representação. Um objeto que é julgado vem à consciência de dois modos: como objeto da representação e como objeto de admissão ou rejeição. A relação que a consciência mantém com um objeto representado é de um outro tipo que mantém com um objeto afirmado ou rejeitado.

Para que isso possa ficar mais claro e assim justificar tal distinção entre representação e juízo, devemos compreender o que Brentano entende por afirmar ou rejeitar (negar) um objeto, isto é, o juízo. Ao afirmar que o juízo mantém um diferente modo de se referir a um objeto daquele que a representação mantém, ele está rejeitando ambas as concepções de juízo: juízo como sendo uma representação simples e intensa; juízo como sendo uma combinação de representações.

Brentano recusa a primeira concepção de juízo, pois não é uma diferença de intensidade que faz de uma representação um juízo: “*Ser um objeto da representação não é ser um objeto do juízo, não importa quão claro e distinto e intenso ele é; e o juízo não é uma mera representação, não importa quão pouca confiança nele temos*” (PES-E, p.204). A segunda concepção de juízo, que Brentano também rejeita, é a muito comum opinião de que o juízo consiste em uma combinação de duas representações. Se esse fosse o caso, a diferença entre o juízo e a representação seria apenas referente ao conteúdo de uma e de outra e não ao modo de relação entre o conteúdo e a consciência, deslegitimando, assim, a classificação proposta.

Não é muito difícil de mostrar que essa concepção de juízo envolve uma má compreensão da natureza própria do juízo:

Nós podemos combinar e relacionar representações à vontade – como fazemos quando pensamos em uma árvore verde, ou em uma montanha dourada, ou em um pai de cem crianças, ou em um amigo da ciência –, mas se apenas tivermos combinado e relacionado não teremos feito nenhum juízo (...). E por outro lado, nós podemos fazer um juízo sem com isso estarmos combinando representações ou relacionando-as enquanto sujeito e predicado (Brentano *apud* McAlister, 2004, p. 160).

Brentano não está negando que haja juízos em que se combinam ou se separam representações, está apenas afirmando que não são todos os juízos que envolvem tal relação entre representações, isto é, que a afirmação ou a rejeição (negação) não são sempre dirigidas a uma combinação de representações.

Quando eu digo ‘A existe’, essa sentença não é, como muitos acreditaram e ainda acreditam, uma predicação na qual a existência enquanto predicado é combinada com o ‘A’ enquanto sujeito. O objeto afirmado não é a combinação de um atributo ‘existência’ com ‘A’, mas o próprio ‘A’. Pelo mesmo motivo, quando dizemos ‘A não existe’, não há uma predicação da existência de ‘A’ de um modo negativo – nenhuma negação da conjunção de um atributo ‘existência’ com ‘A’. Ao contrário, ‘A’ é o objeto que negamos (PES-E, p. 208).

Portanto, o juízo não se difere da representação por uma diferença de conteúdo. Na sentença ‘A existe’ o que está sendo afirmado não é a combinação de duas representações (‘A’ e ‘existência’), mas o próprio ‘A’. O conteúdo do ato do juízo é o mesmo conteúdo do ato de representação, ‘A’:

De fato, em relação ao conteúdo não há a menor diferença entre eles. O mesmo objeto é apresentado à consciência, esteja uma pessoa o afirmando, o negando ou incerta a seu respeito; no último caso ele é apenas representado, nos dois primeiros casos é simultaneamente representado e afirmado ou negado. E todo objeto que é conteúdo de uma representação pode se tornar também, nas circunstâncias apropriadas, o conteúdo de um juízo (PES-E, p. 221).

Para corroborar a sua afirmação de que “*a predicação não é a essência de todos os juízos*” (PES-E, p. 209), Brentano indica a possibilidade de transformar todas²⁰⁹ as proposições categoriais em proposições existenciais sem alterar em nada o seu sentido. Elas são de quatro tipos: a proposição “*Algum homem é [está] doente*” pode ser transformada em “*Um homem doente é*” ou “*Existe um homem doente*”; a proposição “*Nenhuma pedra é viva*” pode ser transformada em “*Nenhuma pedra viva é*” ou “*Não existe uma pedra viva*”; a proposição “*Todos os são mortais*” pode ser transformada em

²⁰⁹ Brentano admite a dificuldade em realizar essa transformação em alguns casos de juízos compostos do tipo ‘O centauro é uma ficção poética’. Brentano posteriormente admite que essa tradução não é realizável sem nenhuma alteração de sentido. Cf. PES-E, p. 291-301.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

“*Um homem imortal não existe*” ou “*Um homem imortal não é*”; a proposição “*Algum homem não é culto*” pode ser transformado na proposição existencial “*Um homem inculto existe*” ou “*Um homem inculto é*”. (PES-E, p. 213, 214).

Nessa transformação das proposições categoriais em juízos de existência fica evidente que o que está sendo julgado é o próprio conteúdo representado e não uma combinação de representações. O ‘é’ ou o ‘existe’ do juízo existencial assumem o lugar da cópula e, portanto, não são predicados reais: “*Está claro que o ‘é’ ou o ‘não é’ das proposições existenciais é um mero equivalente da cópula, não sendo, portanto, predicados e não tendo significado algum em si mesmo*” (PES-E, p. 214).

Com isso fica claramente expresso que a natureza do juízo não é a combinação de duas representações, mas um modo distinto de se dirigir a um objeto. Em uma representação, apenas, não há conhecimento, não há erro e nem afirmação ou negação. Em um juízo, ao contrário, algo é afirmado ou negado; há conhecimento, erro, verdade e falsidade. “*Nada resta a não ser pensar a distinção característica do juízo como sendo um modo particular de relação ao objeto imanente*” ²¹⁰ (PES-E, p. 222).

No caso dos fenômenos de amor e ódio também há um outro modo de referência ao objeto. Uma prova clara disso é o fato de que podemos amar e odiar um mesmo objeto. Diferentemente da representação, em que podemos encontrar uma oposição apenas entre objetos, nos fenômenos de amor e ódio não se trata de uma oposição de objetos, mas uma oposição entre as referências ao objeto. “*Isso é certamente uma clara indicação de que estamos lidando com classes de fenômenos em que a natureza da referência ao objeto é completamente diferente daquela que há nas representações*” (PES-E, p. 223).

Dessa forma, Brentano consegue legitimar sua classificação dos fenômenos psíquicos, tão essencial à investigação do psicólogo, dividindo esses em três classes fundamentais. Os fenômenos dessas três classes estão intimamente ligados, como já havíamos visto quando tratamos da consciência interna que acompanha cada fenômeno psíquico. “*Não há nenhum fenômeno psíquico no qual não estejam presentes todas as três classes*” (PES-E, p. 265). Isso não significa, porém, que uma classe é derivável da

²¹⁰ “Quando um juízo é acrescido a uma representação nós encontramos um contraste inteiramente novo, um tipo de intensidade inteiramente novo, um tipo de perfeição e imperfeição inteiramente novo e um tipo de lei, que governa a sua geração e sucessão, inteiramente novo” (PES-E, p. 251).

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

outra. Não há nenhuma contradição em se pensar que pode haver uma forma de vida psíquica que careça de uma dessas classes de fenômenos.

Contudo, há uma hierarquia entre essas três classes. Não há dúvida alguma de que a representação ocupa o primeiro lugar nessa hierarquia, pois como já dissemos, a representação é o mais simples e independente dos três. Em segundo lugar vem o juízo que é o segundo tipo mais simples de fenômeno psíquico, sendo apenas baseado na representação. Os fenômenos de amor e ódio ocupam a terceira posição, pois *“parece inconcebível que um ser dotado com a capacidade de amar e odiar sem possuir a capacidade de julgar”* (PES-E, p. 267).

Com a classificação dos fenômenos psíquicos realizada, a ciência psicológica tem seu âmbito de investigação plenamente fundamentado, garantindo o seu futuro desenvolvimento. A subdivisão dos objetos em classes permitirá um estudo pormenorizado das leis que governam cada um deles e, assim, possibilitará o progresso dessa ciência²¹¹.

²¹¹ A classificação dos fenômenos psíquicos é fundamental para a ordenação das disciplinas da filosofia prática (estética, lógica, ética). A estética será fundamentada na teoria das representações; a lógica na teoria dos juízos; e a ética na teoria dos fenômenos de amor e ódio. Cf. Rollinger, 2004, p. 259.

6. CONCLUSÃO

A fundamentação de um âmbito de investigação exige um movimento de aproximação gradual aos seus limites. Somente se pode caminhar em direção a um conhecimento quando já se tem algum conhecimento dele. O caminho em direção a um determinado conhecimento nada mais é, portanto, do que um esclarecimento progressivo de seus contornos. Se há a possibilidade de se investigar os fenômenos psíquicos, ela se deve ao fato de que nós temos um acesso a eles, nós o conhecemos. O objetivo da conclusão desse trabalho é indicar esse movimento exigido na fundamentação da ciência psicológica, movimento que a obra *Psychologie* magistralmente traduz.

O projeto de uma psicologia empírica surgiu de uma necessidade de se restabelecer a dignidade de todo o conhecimento. Desde seus estudos sobre Aristóteles, Brentano já anunciava a importância da investigação da psicologia no reino do saber. À psicologia cabia a missão de fundamentar as demais ciências e a filosofia; e ela deveria fazê-lo sem abandonar, jamais, seu caráter empírico. Para cumprir isso, ela deveria se orientar pelos procedimentos metodológicos das *Naturwissenschaften*, que em sua ascensão – graças à fase positiva – permitiriam o alcance de verdadeiros conhecimentos. E se há algum conhecimento cuja verdade é imediatamente assegurada, ele é o de um fenômeno psíquico. Partindo da evidência da existência de tais fenômenos, a tarefa de fundamentação desse âmbito como passível de investigação científica tem seu primeiro grande impulso.

Dessa evidência principia a primeira caracterização que Brentano realiza do domínio psíquico. Uma psicologia científica, cuja única mestra é a experiência, deve fundamentar-se naquilo que conhecemos, naquilo que nos aparece, nos fenômenos. Uma vez que não há um conhecimento direto da alma (enquanto substância), e que se renuncia a todo conhecimento que implique considerações metafísicas transcendentais, uma psicologia, que se pretende empírica, não pode ser uma ciência da alma. Ao conceituar a psicologia como sendo a ciência dos fenômenos psíquicos, Brentano já inicia o movimento de caracterização do objeto dessa ciência, dando um solo primeiro à

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

investigação da experiência que deles temos e, a partir dela, formulando o método adequado para sua investigação.

Os fenômenos psíquicos são conhecidos graças à percepção interna. A noção de percepção interna constitui um dos pilares da psicologia proposta por Brentano, pois não apenas o método nela se fundamenta, mas todo o projeto de constituir uma ciência psicológica seria inconcebível sem ela. A íntima relação entre a percepção interna e o fenômeno psíquico é patente: somente a percepção interna tem acesso imediato aos fenômenos psíquicos; somente porque há fenômenos psíquicos há algo como uma percepção interna. Essa relação constitutiva de duas mãos é particularmente importante na fundamentação de uma ciência desses fenômenos, pois ela revela o próprio movimento exigido nesta tarefa.

Por um lado a elaboração do conceito de *innere Wahrnehmung* enquanto fundamento para o método da psicologia tem de ter claro de antemão o objeto desta ciência, objeto desta percepção. Contudo, é necessário também seguir o caminho inverso: o objeto desta ciência, por sua vez, somente pôde ser delimitado enquanto tal, devido ao acesso privilegiado que a ele se tem, isto é, através da percepção interna. Portanto, a percepção interna não apenas fundamenta um método para psicologia, mas também, em última instância, possibilita a delimitação deste campo de investigação. Não é por acaso que Brentano parte de uma investigação sobre o método da psicologia e, somente em seguida, inicia uma delimitação rigorosa do objeto desta ciência.

Todo o processo de constituição da ciência psicológica caminha em direção a uma caracterização fundamental domínio psicológico, isto é, daquilo para o qual se voltará sua investigação. Brentano tem de encontrar uma característica que distinga, radicalmente, os fenômenos psíquicos dos fenômenos físicos. A marca distintiva dos fenômenos psíquicos é a de que eles contêm em si algo como objeto, que eles se dirigem a um objeto. A intencionalidade tem uma importância absoluta na fundamentação da psicologia como ciência, pois ela é o critério último, positivo e mais fundamental de distinção das duas classes de fenômenos. Se há algum momento, ao longo do percurso da *Psychologie*, em que se poderia indicar o exato instante do surgimento de uma psicologia científica, esse deveria ser o da caracterização geral daquilo que é o psíquico; as demais caracterizações ou de alguma forma a pressupõem ou são insuficientes e em direção a ela caminham.

Quando Brentano elabora a psicologia descritiva, a psicologia alcança aquela condição de fundamento epistemológico para a filosofia e para as demais ciências. Não é de se estranhar que em um momento de renascimento da filosofia, em uma época em que se procura uma autêntica fundamentação científica do conhecimento, uma psicologia descritiva com essas características seja acolhida e intensamente desenvolvida. A fenomenologia de Husserl, por exemplo, surge como um desenvolvimento da psicologia descritiva de Brentano e também é pensada como fundamento para o conhecimento; é certo que esse seu desenvolvimento nada mais foi do que um afastamento da psicologia descritiva original, porém não abandonando jamais a pretensão de se tornar um fundamento seguro para as demais áreas do conhecimento.

Os problemas que Brentano enfrenta no percurso da *Psychologie* e a maneira inovadora com que ele se coloca diante deles tem uma enorme influência na filosofia, psicologia, ontologia, lógica entre outras disciplinas. Em sua obra se enraízam a filosofia fenomenológica, em todas as suas vertentes, a filosofia analítica, além de vertentes da lingüística moderna. Como Brentano teve ilustres alunos (E. Husserl, S. Freud, A. Marty, C. Ehrenfels, K. Twardowski, entre outros), muitas vezes sua obra é colocada em segundo plano e sua importância nas diversas áreas do conhecimento eclipsada.

Se a sua obra mais importante é dedicada à psicologia, isso é porque é a essa investigação que cabe estudar os mais nobres fenômenos; o *filósofo* Brentano sempre se dedicou às questões mais dignas do saber, como a questão da verdade. Se Brentano pretende constituir uma psicologia científica é porque são nos fenômenos que ela investiga que se encontra o lugar da verdade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *De Anima*. Tradução, introdução e notas de Maria Cecília L. G. dos Reis. São Paulo: FFLCH, 1990.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

BORING, Edwing. *A History of Experimental Psychology*. (1929)²¹². London/New York: D. Appleton – Century Company, 1931.

BRENTANO, Franz Clemens. *Descriptive psychology*. Trans. Benito Muller. London: Routledge, 1995.

_____. *Die Psychologie des Aristoteles, insbesondere seine Lehre vom Nous Poietikos*. Mainz: Franz Kirchheim, 1867.

_____. *El porvenir de la filosofía*. Tradução de Zubiri. Madrid: Revista de Occidente, 1936.

_____. *Psychologie vom empirischen Standpunkt I*. (1874), Mit Einleitung, Anmerkungen, und Register herausgegeben von Oskar Kraus. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1973 (Unveränderter Nachdruck von 1924).

_____. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Trans. Linda L. McAlister, second edition with an introduction by Peter Simons. London: Routledge, 1995.

_____. *Von der Mannigfachen Bedeutung des Seienden nach Aristoteles*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1960. (Unveränderter Nachdruck von Freiburg, 1862)

BRETT, George. *Historia de la Psicología*. (1912/1921), Tradução de Delia Ana Sampietro. Buenos Aires: Editorial Paidós, s.d.

²¹² O ano consignado ao final do nome da obra refere-se a data da 1ª edição.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

CHRUDZIMSKI, Arkadiusz. Brentano, Husserl und Ingarden über die intentionalen Gegenstände. In: Chrudzimski, A. (Ed.). *Existence, Culture and Persons: The Ontology of Roman Ingarden*. Frankfurt: ontos, 2005, p. 83-114.

CHRUDZIMSKI, Arkadiusz. Die Intentionalitätstheorie Anton Martys. *Grazer Philosophische Studien*, n. 62, 2001, p. 175-214.

COMTE, Auguste. *Cours de Philosophie Positive*. (1830-1842), Troisième Édition, Tome Premier. Paris: J.B Baillière et Fils, 1869.

FECHNER, Gustav. *Elements of Psychophysics*. (1859), trans. Helmut E. Adler, Edited by D. Howes and E. Boring, Boston: Holt, Rinehart and Winston Inc, 1966.

FOUCAULT, Michel. A psicologia de 1850 a 1950. (1957) In: Foucault. Michel. *Ditos & Escritos I*, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Univesitária, 2002.

GEORGE, Rolf; KOEHN, Glen. Brentano's relation to Aristotle. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 20-44.

GILSON, Lucie. *La Psychologie Descriptive selon Franz Brentano*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1955.

HALLER, Rudolf. *Wittgenstein e a Filosofia Austríaca: Questões*. (1968). São Paulo: Edusp, 1990.

HEDWIG, Klaus. Intention: Outlines for the History of a Phenomenological Concept. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 39, 1979, p. 326-340.

HUME, David. *A Treatise of Human Nature*. (1739-1740), Oxford: Clarendon press, 1958.

JACQUETTE, Dale. Brentano's concept of intentionality. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 98-130.

JACQUETTE, Dale. Introduction: Brentano's philosophy. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 1-19.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

KANT, Immanuel. *Metaphysische Anfangsgründe der Naturwissenschaft*. (1786), Kant's gesammelte Schriften, Band IV, Berlin: Druck und Verlag von Georg Reimer, 1911.

KRANTZ, Susan. Brentano on 'Unconscious Consciousness'. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 50, n. 4, 1990, p. 745-753.

KRAUS, Oskar. Einleitung des Herausgebers. (1924), In: Brentano, F. *Psychologie vom empirischen Standpunkt I*. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1973.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico d Crítico da Filosofia* (1926). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LANGE, Friedrich Albert. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*. Herausgegeben und mit einem biographischen Vorwort von Dr. A. Ellissen. (Zweites Buch). Leipzig: Verlag von Philipp Reclam, 1866.

MARGOLIS, Joseph. Reflections on intentionality. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 131-148.

MCALISTER, Linda. Brentano epistemology. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 149-167.

MILL, John Stuart. *Auguste Comte et le Positivisme* (1865). Traduit par M. Le DR. G. Clémenceau, Deuxième édition, Paris: Librairie Germer Baillière et Cie, 1879.

MUELLER, Fernand-Lucien. *História da Psicologia*. (1960). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

MULLIGAN, Kevin. *Brentano on the Mind*. In: Jacquette, Dale (ed.) *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 66-97.

MULLIGAN, Kevin; Smith, Barry. (Critical Notices), Franz Brentano on the Ontology of Mind. *Philosophy and Phenomenological Research*, v.45, n. 4, 1985, p. 627-644.

REHFELD, Daniel. *Brentano e os problemas fundamentais da constituição da psicologia como ciência*.

POLITZER, George. *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Tradução de Marcos Marcionilo e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba, SP: Unimep, 1998.

PORTA, Mario Ariel Gonzalez. Franz Brentano: Equivocidad del Ser y Objeto Intencional. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 105, junho/2002, p. 97-118.

REIMHERR, Andrea. *Die philosophisch-psychologischen Grundlagen der Österreichischen Wertlehre: Franz Brentano und Carl Menger*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Julius Maximilians-Universität- Würzburg. Würzburg, 2005.

ROLLINGER, Robin. Brentano and Husserl. In: Jacquette, Dale (ed.). *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 255-276.

SCHUHMANN, Karl. Brentano's impact on twentieth-century philosophy. In: Jacquette, Dale (ed.). *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University press, 2004, p. 277-297.

SMITH, Barry. *Austrian Philosophy: the Legacy of Franz Brentano*. Chicago, IL: Open Court, 1994.

SMITH, Barry. The Soul and its Parts: a Study in Aristotle and Brentano. *Brentano Studien*, I, 1988, p. 75-88.

SPIEGELBERG, Herbert. *The Phenomenological Movement* (1960). Third revised and enlarged edition, The Hage: Martinus Nihhoff Publishers, 1984.

STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: EPU, 1997, Vol. I

WUNDT, Wilhelm. *Grundzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1874.

WUNDT, Wilhelm. *Grundriss der Psychologie* (1896). Zweite Auflage, Leipzig: Verlag von Wilhelm Engelmann, 1897.